AVENTURAS NA HISTÓRIA

PARA VIAJAR NO TEMPO

EDIÇÃO 50 OUTUBRO 2007

Reforma Protestante
Saiba como Lutero dividiu o mundo cristão há 490 anos

Ilha de Páscoa
O desaparecimento misterioso do povo que erguia estátuas para adorar os mortos

Os últimos dias de CHE

Documentos inéditos: COMO A CIA O PERSEGUIU ATÉ O FIM

O passo-a-passo da caçada ao revolucionário e seu assassinato na selva boliviana

POR CELSO MIRANDA

R$ 9,95



ISSN 18062415
9 771806 241003 00050



1932: ANO DE GUERRA EM SÃO PAULO » A PRIMEIRA ESCALADA DO EVEREST
DOM PEDRO III: UM CASO PARA FREUD » E A MULHER CRIOU O STRIP-TEASE



MANUSCRITO

Viajando



Olá, leitor!

Sei que é chato terminar com idéias românticas. Mas vou lhe falar de uma realidade comum às redações. Nem todo repórter tem a oportunidade de escrever textos depois de conhecer o objeto da matéria: o lugar que deve apresentar a você. A maioria é feita nas próprias redações, com boas doses de pesquisa, esforço, telefone e e-mail. Neste mês, em HISTÓRIA, é diferente. A editora Cláudia Lima foi passar as férias na Ilha de Páscoa (olha ela aí na foto com alguns moais) e escreveu a curiosíssima reportagem da página 34. Voltou encantada com as diversas possibilidades que levaram ao desaparecimento dos rapanui.

Boa leitura!

PATRÍCIA HARGREAVES
phargreaves@abril.com.br
REDATORA-CHEFE



GRANDES GUERRAS

Neste próximo número da revista falaremos da Primeira Guerra Mundial. O dossiê tratará da Batalha de Somme, que só no primeiro dia fez o Exército britânico perder 70 mil homens. O total de mortos dos quatro meses de combates entre ingleses e franceses contra os alemães é maior que 1,2 milhão de pessoas.

REVOLUÇÃO RUSSA

Dia 10 de outubro chega às bancas uma edição especial de HISTÓRIA sobre os 90 anos da Revolução Russa. São 84 páginas com perfis dos camaradas Marx, Stálin, Trotski e, claro, Lênin, o massacre aos Romanov em quadrinhos, um texto inédito de Ferreira Gullar, a fundação do Partido Comunista Brasileiro, a influência da política no mundo das artes e ainda uma coleção com os melhores pôsteres criados na época. Está sensacional!



FALE COM A GENTE

REDAÇÃO
Escreva suas perguntas, críticas e sugestões a respeito da revista para a redação de HISTÓRIA – av. das Nações Unidas, 7221, 8º andar, CEP 05425-902, São Paulo, SP. Se preferir, fale com a Adriana Meneghello por e-mail (sem esquecer de colocar na mensagem o seu nome e o da sua cidade): aventhistoria@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
Fale com **Fernando Sabadin**, e-mail fernando.sabadin@abril.com.br Tels.: (11) 3037-5189; Rio de Janeiro: (21) 2546-8100; outras localidades: (11) 3037-5759; vendas diretas: (11) 3037-5000

EXEMPLARES EM LOTE
Para comprar HISTÓRIA em lotes especiais, fale com **Laura Andrade**, e-mail: landrade@abril.com.br

VENDA DE CONTEÚDO
Para direitos de reprodução dos textos e imagens publicados em HISTÓRIA, acesse www.conteudoexpresso.com.br ou ligue para: (11) 3089-8853

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Dúvidas sobre pagamentos, envio, assinaturas e reclamações. Site: www.abrilsac.com.br E-mail: abrilsac@abril.com.br Av. das Nações Unidas, 7221, 6º andar, CEP 05425-902, São Paulo, SP Renova fácil: (11) 5087-2145 Tels.: (11) 5087-2112 – Grande São Paulo; 0800-7752112 – outras localidades De 2ª a 6ª, das 8h às 22h Fax: (11) 5087-2100

PARA ASSINAR
Entre no site: www.assineabril.com.br ou mande um e-mail para abril.assinaturas@abril.com.br ou escreva para Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, 4º andar, CEP 02909-900, São Paulo, SP. Tels.: (11) 3347-2121 – Grande São Paulo; 0800-7752828 – outras localidades. De 2ª a 6ª, das 8h às 22h Fax: (11) 5087-2100

MARKETING
Para conhecer soluções de comunicação para seus produtos e sua empresa ou nos propor negócios, fale com **Renato Cagno**, nosso gerente de marketing publicitário: rcagno@abril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Solicite exemplares antigos ao seu jornaleiro. O preço será o da última edição em banca mais a despesa de remessa. Para comprar nossos produtos, acesse www.lojaabril.com.br, escreva para produtos@abril.com.br ou ligue para (11) 4003-3222 – Grande São Paulo; (02311) 4003-3222 – outras localidades.

EDITORA Abril
CENTENÁRIO VICTOR CIVITA
1907 - 2007

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Jairo Mendes Leal, Mauro Calliari
Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Jose Roberto Guzzo
Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Diretora Corporativa de Publicidade: Thais Chede Soares B. Barreto

Diretora Superintendente: Elda Muller
Diretora de Núcleo: Brenda Fucuta

AVENTURAS NA HISTÓRIA

Redatora-chefe: Patricia Hargreaves
Editora de Arte: Débora Bianchi
Editores de Texto: Cláudia de Castro Lima e Fábio Peixoto
Designers: Bernardo Borges e Fabio Otubo **Assistente de redação:** Alessandra Mennel **Atendimento ao leitor:** Adriana Meneghello **Editor-colaborador de internet:** Felipe van Deursen **Estagiário:** Everton Prudencio **Colaboraram nesta edição:** Glenda Capdeville e Michele K. Quaresma (design) e José Vicente Bernardo (revisão)
CTI-UN II: Aldo Macedo (chefe), Aldo Teixeira, Regina Sano, Rodrigo Lemes e Rogério da Veiga
www.aventurasnahistoria.com.br

Apoio Editorial: Beatriz de Cássia Mendes, Carlos Grassetti
Depto. de Documentação e Abril Press: Grace de Souza

PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores: Marcos Peregrina Gomes, Mariane Ortiz, Robson Monte, Sandra Sampaio **Executivos de Negócio:** Claudia Galdino, Eliani Prado, Letícia di Lallo, Luciano Almeida, Marcello Almeida, Marcelo Cavalheiro, Marcia Soter, Nilo Bastos, Pedro Bonaldi, Rodrigo Floriano Toledo, Sueli Cozza, Virgínia Any, Willian Hagopian **PUBLICIDADE REGIONAL: Diretor:** Jacques Baisi Ricardo **PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO: Diretor:** Paulo Renato Simões **PUBLICIDADE NÚCLEO JOVEM: Gerente:** Fernando Sabadin **Executivos de Negócios:** Analucia Bertola, Camilla Dell, Cinthia Curty, João Eduardo Dias, Larissa Ceravolo, Luis Fernando Lopes, Mara Marques, Ricardo Mariani. **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Gerente de Marketing:** Wagner Gorab **Gerente de Publicação:** Louise Faleiros **Eventos:** Denise Zuanazzi **Gerente de Circulação Avulsas:** Laura Andrade **Gerente de Circulação Assinaturas:** Marcia Simone Donha **Licenciamento:** Paulo Alves e Vanessa Weitman **Analista de Marketing:** Tatiane Rios **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES: Diretor:** Auro Iasi **Gerente:** André Vasconcelos **Consultor:** Silvio Fontes, Fabio Lesbaupin **Processos:** Fabiano Valim **ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávalos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 8º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000, fax (11) 3037-5891 **Publicidade São Paulo** www.publiabril.com.br, **Classificados** tel. 0800-7012066, Grande São Paulo tel. 3037-2700 **ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL : Central-SP** (11) 3037-6564 **Bauru** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0378, e-mail: gnottos@gnottosmidia.com.br **Belém** Midiasolution Belém, tel (91) 3222-2303, email: ana.midiasolution @veloxmail.com.br **Belo Horizonte** tel. (31) 3282-0630, fax (31) 3282-0632 Representante Triângulo Mineiro: F&C Campos Consultoria e Assessoria Ltda Tel/Fax: (16) 3620-2702 Cel. (16) 8111-8159 email: fmc.rep@netsite.com.br **Blumenau** M. Marchi Representações, tel. (47) 3329-3820, email mauro@mmarchiabril.com.br **Brasília** Escritório: tels. (61) 3315-7554/55/56/57, fax (61) 3315-7558; Representante: Carvalhaw Marketing Ltda., tels. (61) 426-7342/3223-0736/3225-2946/3223-7778, fax (61) 321-1943, e-mail : starmkt@uol.com.br **Campinas** CZ Press Com. e Representações, telefax (19) 3233-7175, e-mail: czpress@czpress.com.br **Campo Grande** Josimar Promoções Artísticas Ltda. tel. (67) 3382-2139 e-mail: karenb@josimarpromocoes.com.br **Cuiabá** Agronegócios Representações Comerciais, tels (65) 9235-7446/9602-3419, e-mail: lucianooliveir@uol.com.br **Curitiba** Escritório: tel. (41) 3250-8000/8030/8040/8050/8080, fax (41) 3252-7110; Representante: Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (41) 3234-1224, e-mail: viamidia@viamidiapr.com.br **Florianópolis** Comercial Via Lagoa, Lagoa da Conceição, tel. (48) 3232-1617, fax (48) 3232-1782, e-mail: interacao@brturbo.com **Fortaleza** Midiasolution Repres. e Negoc. em Meios de Comunicação, telefax (85) 3264-3939, e-mail: simone.midiasolution@veloxmail.com.br **Goiânia** Middle West Representações Ltda., tels. (62) 3215-5158, fax (62) 3215-9007, e-mail: publicidade@middlewest.com.br **Joinville** Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (47) 3433-2725, e-mail: viamidiajoinvillle@viamidiapr.com.br **Manaus** Paper Comunicações, telefax (92) 3656-7588, e-mail: paper@internext.com.br **Maringá** Atitude de Comunicação e Representação, telefax (44) 3028-6969, e-mail: marlene@atituderep.com.br **Porto Alegre** Escritório: tel. (51) 3327-2850, fax (51) 3327-2855; Representante: Print Sul Veículos de Comunicação Ltda., telefax (51) 3328-1344/3823/4954, e-mail: ricardo@printsul.com.br; Multimeios Representações Comerciais, tel.(51) 3328-1271, e-mail: multimeiosrepco@uol.com.br **Recife** MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax (81) 3327-1597, e-mail: multirevistas@uol.com.br **Ribeirão Preto** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel (16) 3911-3025, email gnottos@gnottosmidia.com.br **Rio de Janeiro** pabx: (21) 2546-8282, fax (21) 2546-8253 **Salvador** AGMN Consultoria Public. e Representação, tel.(71) 3311-4999, fax: (71) 3311-4960, e-mail: abrilagm@uol.com.br **Vitória** tel. ZMR-Zambra Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952, e-mail: samuel@zambra mkt.com

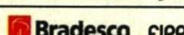
PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais **Núcleo Negócios:** Exame, Exame PME, Você S/A **Núcleo Tecnologia:** Info, Info Corporate **Núcleo Informação:** Revista da Semana **Núcleo Consumo:** Boa Forma, Elle, Estilo, Manequim, Revista A **Núcleo Comportamento:** Claudia, Nova **Núcleo Semanais de Comportamento:** Ana Maria, Faça e Venda, Sou Mais Eu!, Viva Mais! **Núcleo Bem-Estar:** Bons Fluidos, Saúde!, Vida Simples **Núcleo Jovem:** Almanaque Abril, Aventuras na História, Bizz, Capricho, Guia do Estudante, Loveteen, Mundo Estranho, Superinteressante **Núcleo Infantil:** Atividades, Disney, Recreio **Núcleo Homem:** Men's Health, Playboy, Vip **Núcleo Casa e Construção:** Arquitetura e Construção, Casa Claudia **Núcleo Celebridades:** Bravo!, Contigo!, Minha Novela, Tititi **Núcleo Motor Esportes:** Frota S/A, Placar, Quatro Rodas **Núcleo Turismo:** Guias Quatro Rodas, National Geographic, Viagem e Turismo **Fundação Victor Civita** Nova Escola

AVENTURAS NA HISTÓRIA ISSN 18062415, outubro de 2007, é uma publicação mensal da Editora Abril S.A. **Edições anteriores:** venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca + despesa de remessa (R$ 1,00). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **AVENTURAS NA HISTÓRIA** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 5087-2112
Demais localidades: 0800-775-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: 3347-2121
Demais localidades: 0800-775-2828 www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP: 02909-900, São Paulo, SP













Presidente do Conselho de Administração: Roberto Civita
Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Vice-Presidentes: Douglas Duran, Marcio Ogliara
www.abril.com.br

SUMÁRIO

MATÉRIAS

©2

SEÇÕES



CAPA: LUIZ IRIA
© 1 CARLO GIOVANNI
2 ACERVO REGINALDO USTARIZ ARZE
3 ALEXANDRE CAMANHO

©1

MISSIVAS



"Já li bastante sobre Napoleão, mas nunca havia encontrado um texto que retratasse sua face conquistadora"

ARTENIZIA LEONEL DIAS – POR E-MAIL

1011
Contatos feitos com a redação no mês passado

PODER E CONQUISTA

Ótima idéia mostrar a vida amorosa de Napoleão ("Os amores de Napoleão", pág. 24). Vocês já pensaram em fazer o mesmo com Alexandre Magno? Júlio César? Henrique IV da França? Afinal, qual o rei, imperador ou poderoso que não se aproveitou de sua condição para desfrutar dos prazeres da carne?

Luiz Henrique Penchiari Jr.
Por e-mail

BELA NA GUERRA

Fiquei fascinada de saber sobre a vida de Lee Miller ("Modelo no front", pág. 56). Que mulher!

Julie Francisco De Padua
Por e-mail

NA SECA

Infelizmente a repressão ao uso do álcool fez surgir outros desafios para a polícia americana ("A lei que foi um porre", pág. 46). A intenção da lei foi boa, os mecanismos de ação é que foram insuficientes. Faltou planejamento e campanhas de conscientização.

Israel Pereira de Souza
Por e-mail

GAMEMANIA

Tive o prazer de ser citado na nota "Jogos de guerra" (pág. 11). Por causa dela, fizemos uma reunião de quatro horas com vários designers de wargames brasileiros de primeira linha. Os wargames são fascinantes como uma forma lúdica de se ver a história.

Luiz Augusto Pinheiro da Silva
Por e-mail

VIDA CIGANA

No mesmo dia em que li a matéria sobre os ciganos ("Sem destino", pág. 34), havia assistido a uma palestra com um filósofo português que tratava do multiculturalismo – e mencionara os ciganos. É um tema sobre o qual eu não tinha informação. Sou estudante de História e a matéria me inspirou a escrever um artigo sobre o assunto.

Beto Petrozza
Por e-mail

Há pouco mais de um ano, minha sobrinha precisou pesquisar a árvore genealógica da família para a escola e recorreu a mim, talvez por ter o curso de História. Comecei a levantar dados da família com entrevistas com parentes mais velhos e documentos. Cheguei a colocar o pé na estrada e visitar parentes em outra cidade. Descobri assim que minha bisavó era uma cigana que, em suas andanças, chegou a Igaporã, na Bahia. Meu bisavô se encantou por ela e propôs que ficasse por lá. Da relação, nasceram 12 filhos, entre eles minha avó paterna Elisa. Meu pai sempre permitiu que em minha propriedade se instalassem ciganos de passagem pela cidade. Sempre achei interessante a história desse povo, envolta em mistérios e misticismo. Tanto que resolvi estudar uma comunidade vizinha, que tem origem cigana. Gostei muito da matéria.

Rita de Cássia Soares Pereira
Riacho de Santana – BA

20 ANOS DE CÉSIO

Em um espaço reduzido, HISTÓRIA tratou do assunto do césio 137 com clareza e sem sensacionalismo ("O brilho da morte", pág. 8).

Jean Pierre de Cristo
Cabo Frio – RJ

ESCREVA E GANHE

CARTA DO MÊS

PRIMEIRAS LETRAS

Assinei a revista em 2005, meu primeiro ano como professora na rede pública. Achei o máximo uma revista que falava só de história e resolvi arriscar: queria tê-la todo mês. A primeira edição que recebi falava de Hitler – justamente o assunto que estava tratando com minha então turma do 3º colegial. Já são dois anos de convivência com a revista e minha maior alegria é ver minha filha, que tem apenas 5 anos, esperando ansiosa para ler HISTÓRIA depois de mim – ela aprendeu a ler com as revistas que recebo (olha ela na foto)! É a paixão pela história passando de geração em geração.

Tathiana Leandro
Por e-mail



©1



ESCREVA E GANHE
A leitora acima ganhará um DVD da coleção HISTÓRIA.

NO PLANALTO
HISTÓRIA cumpre o importante papel de tornar ainda mais emocionante a leitura dos fatos históricos.
Senador Cristovam Buarque
Brasília – DF

PÉ NA COZINHA
Minha seção preferida, **Terra Brasilis**, tratou de um tema que me fez viajar no tempo. Lembro-me de alguns utensílios utilizados por minha avó na cozinha que hoje dificilmente seriam colocados em uso ("Da brasa ao microondas, pág. 40).
Carlos Cantoni de Oliveira
São Paulo – SP

MERA COINCIDÊNCIA?
Sou estudante de História, e acho incrível como a capa da revista sempre acaba sendo o reflexo de meus estudos na época. Para citar alguns exemplos: lembro-me, por exemplo, de que "Apocalipse maia" (capa de março) marcou o mês em que publiquei o artigo "A religião maia para além dos sacrifícios" (para os interessados, ele está em www.amerindia.ufc.br). Uma outra vez, HISTÓRIA trouxe "Anos de chumbo" (julho) quando estudava a vida de Frei Tito, exemplo de homem torturado em épocas de ditadura. Agora, em férias e fora de todo o ritmo de estudos, até escolhi um romance para lazer, *O Caçador de Pipas*. E não deu outra: lá vem minha revista falando do mundo árabe ("Islã", agosto).
Levi Jucá
Divinópolis – MG

ERRATA

■ Diferentemente do que dissemos em "O fim do tédio de domingo", Eduardo Bueno não é historiador (pág. 62).

Erros detectados na revista (incluindo os da edição que ainda está nas bancas) são corrigidos no site: www.aventurasnahistoria.com.br

© 1 ARQUIVO PESSOAL 2 REPRODUÇÃO 3 DIVULGAÇÃO

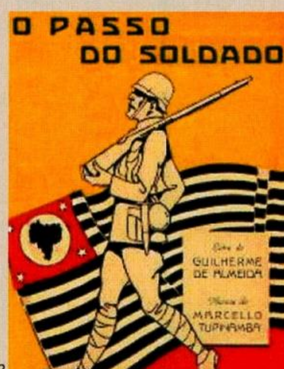
ONLINE



DESTAQUE

Músicas da revolução

Entre no clima da Revolução Constitucionalista, que pôs São Paulo contra as tropas do Exército federal há 75 anos, através de músicas e discursos da época. No canal Multimídia, escute sambas como "Anistia", de Ary Barroso, e a marcha "Paris-Belfort". Saiba ainda curiosidades e relatos sobre o conflito, como o sargento federal que escreveu sobre os corpos que se acumulavam nos morros dos campos de batalha.



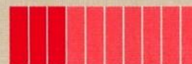
©2
Marchas como "Passo do Soldado" incitavam os paulistas em 1932

ENQUETE

RESPONDA
Diante de tantas adversidades, Che Guevara deveria ter desistido de sua campanha guerrilheira na Bolívia?

LEGALIZE JÁ
Na última edição, perguntamos se a proibição das drogas é um erro tão grande quanto foi a Lei Seca nos Estados Unidos. A maioria acha que sim

SIM - 70%


NÃO - 30%


FÓRUM
E se Martinho Lutero nunca tivesse pregado as 95 Teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg?

MAIS NO SITE
aventurasnahistoria.com.br
Outros destaques de nosso conteúdo online

BEATLEMANIA
Descubra quem são as pessoas na capa de *Sgt. Pepper's* e saiba os prêmios que o álbum recebeu.



©2

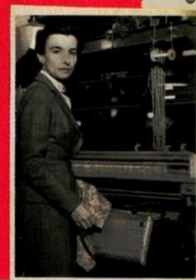
GUEVARA PODCAST
Celso Miranda, autor da matéria de capa, dá dicas de leitura sobre Che e fala sobre a entrevista feita em 2005 com Alberto Granado, parceiro de Guevara na sua viagem pela América do Sul. Escute ainda trechos da entrevista.

DIÁRIO DA REPÓRTER
A editora Cláudia de Castro Lima, que fez a reportagem sobre a Ilha de Páscoa, escreve no Blog da Redação sobre sua viagem ao território chileno.

SUPERLINKS
Veja infográficos publicados pela *Superinteressante* sobre a conquista do Everest e o massacre do Carandiru.

REFORMA CAPITALISTA
Leia sobre a teoria do sociólogo Max Weber, que disse que a ética protestante fortaleceu o capitalismo.

GALERIA DE FOTOS
Veja Gabriella Pascolato em diversos momentos de sua vida, ao lado da família e trabalhando, à frente da tecelagem Santa Constância, referência no mundo da moda.

©3


ESCRAVIDÃO

A luz que veio da Inglaterra

População britânica se uniu em campanhas panfletárias inéditas pelo fim do tráfico

Há exatos 200 anos o tráfico de escravos foi proibido na Inglaterra. Foi a primeira vitória de uma campanha que fez do Império Britânico – que no século 18 tinha vendido cerca de 3 milhões de escravos para a América – uma força abolicionista que acabaria com o comércio em todo o Atlântico mais tarde. A história contada geralmente é que os ingleses fizeram isso por interesses próprios, para criar um mercado consumidor na América. As origens do abolicionismo inglês não são consenso entre os historiadores, mas sabe-se que o movimento teve uma participação popular inédita – e muito maior do que os livros didáticos costumam ensinar.

Organizado em comitês e contando com mulheres, religiosos e cidadãos comuns que saíam de porta em porta distribuindo panfletos e juntando abaixo-assinados, o abolicionismo britânico seria um modelo dos movimentos sociais que marcariam o século 19. A mobilização começou em 1787, quando 12 amigos criaram a Sociedade para a Abolição do Comércio de Escravos. Para mudar o pensamento da época, usaram armas que depois se tornariam comuns, como a propaganda em panfletos e jornais, os boicotes e as petições públicas. "Foi a mais impressionante campanha de opinião pública que o Ocidente viveu antes do século 20", afirma Manolo Florentino, historiador da Universidade Federal do Rio de Janeiro. "Com um objetivo e uma estratégia clara, os abolicionistas transformaram uma idéia absurda em lei aprovada pelo Parlamento."



de escravos, ocorrido há 200 anos

Por muito tempo, acreditou-se que a campanha abolicionista só tinha dado certo porque as colônias britânicas na América estavam em declínio – e, portanto, a escravidão não era mais importante para o império. O historiador americano Seymour Drescher abalou a idéia com o livro *Econocide* ("Econocídio", inédito em português). Para ele, o fim da escravidão acabou é prejudicando a economia britânica. Muitas das cidades mais ativas na abolição, como Manchester e Liverpool, eram as que mais lucravam vendendo para mercados aquecidos com o comércio de escravos, como a África e a América. "Quem apoiava o tráfico poderia muito bem acusar os abolicionistas de agir contra seus próprios interesses", escreveu Drescher em outro livro sem tradução em português, *Capitalism and Antislavery* ("Capitalismo e abolicionismo"). "Hoje, a teoria de Drescher de que a abolição foi um fenômeno cultural é inquestionável. Lamentavelmente, a idéia ainda não chegou aos livros didáticos do Brasil", afirma Florentino.

LEANDRO NARLOCH



Os britânicos se mobilizaram em campanhas populares para mostrar o absurdo da escravidão

Os pilares do movimento

A luta contra a escravidão era apoiada em quatro bases:

RELIGIOSOS



Os amigos que criaram a Sociedade para a Abolição do Comércio de Escravos eram ligados a instituições religiosas, como a igreja anglicana e os quakers, protestantes. Entre outras coisas, organizavam boicotes a produtos feitos por escravos. Em 1787, **Thomas Clarkson**, filho de reverendo, fez com que 300 mil pessoas deixassem de consumir açúcar das Índias Orientais em protesto contra a escravidão.

MULHERES

Apesar de na época não terem direito ao voto, foram peça-chave na luta. Além de contribuírem com os comitês oficiais, elas tinham suas próprias instituições, como a Sociedade Feminina de Birmingham, e seus meios de propaganda. A abolicionista mais radical foi Elisabeth Heyrick, que, em 1824, publicou o panfleto *Abolição Imediata e não Gradual*. A campanha pela abolição acabou fortalecendo outro movimento – o das sufragistas, pelo direito de voto das mulheres.

INICIATIVA POPULAR

Para pressionar o Parlamento britânico a votar o direito dos negros, os abolicionistas entram com petições na Câmara dos Comuns – equivalentes aos projetos de iniciativa popular à nossa Câmara dos Deputados. Foram em média 170 por ano entre 1788 e 1800, chegando a 900 em 1810. No total, até o fim da escravidão na Inglaterra, em 1833, foram mais de 5 mil petições, cada uma com centenas e milhares de assinaturas. Na cidade de Manchester, 90% dos homens adultos chegaram a participar dos abaixo-assinados.

PROPAGANDA

Para mostrar a realidade do tráfico de escravos, publicaram-se plantas de navios negreiros em **panfletos abolicionistas**. Na época, acreditava-se que as viagens pelo Atlântico eram quase um passeio. A população ficou horrorizada com a verdade e aderiu facilmente à causa. Outro método de convencimento era expor publicamente as ferramentas usadas para prender os negros – correntes e ferros no pescoço.


NEGRO APPRENTICES.
AT a PUBLIC MEETING
OF THE BIRMINGHAM
ANTI-SLAVERY SOCIETY,
FLOGGING
Special Magistrates.

FALSÁRIOS DO REICH

A fantástica fábrica de dinheiro

Livro detalha golpe secreto nazista para destruir a economia inglesa

Um plano mirabolante arquitetado silenciosamente durante as primeiras semanas da Segunda Guerra Mundial pretendia arruinar a economia inglesa. A idéia era espalhar pelo Reino Unido milhões de libras falsificadas. O enredo do esquema pouco conhecido, narrado em *Os Falsários de Hitler*, do jornalista americano Lawrence Malkin, lembra uma obra de ficção. Mas o autor garante: é tudo verdade.

O plano inicial era espalhar uma quantidade de notas falsas equivalente a 30% da moeda em circulação. Além dos próprios nazistas, a sabotagem aprovada por Adolf Hitler foi protagonizada por prisioneiros judeus, banqueiros, especialistas em lavagem de dinheiro, investigadores e, como o autor descreve, "patifes em geral". Para os judeus, a missão representou uma pausa no caminho à câmara de gás. O sucesso ou o fracasso dela, porém, trazia de volta a dúvida quanto ao próprio destino.

O oficial Bernhard Krueger, que comandava a operação, logo localizou nos arquivos criminais o falsário ideal, Salomon Smolianoff – o sujeito teria falsificado dinheiro na prisão com uma chapa de gravação escondida no sapato. Para sorte dos nazistas, ele era judeu e estava em um campo de concentração. Sob direção especializada, a mão-de-obra judaica fez a indústria funcionar durante toda a guerra.

Após o conflito, Smolianoff tentou manter-se na atividade. Viveu em Roma, onde se casou, até que a policia italiana começou a investigar dólares falsos que circulavam no mercado negro. Em 1947, veio para a América do Sul e, em 1955, estabeleceu residência definitiva em Porto Alegre, no Brasil. Ao que tudo indica, aqui montou uma fábrica de brinquedos e viveu honestamente. O ofício criminoso já estava comprometido pelo mal de Parkinson, doença que o matou em 1977.

O livro tem o mérito de desvelar um episódio pouco conhecido dos tempos do nazismo. "É a história da maior operação de falsificação de dinheiro em tempos de guerra", afirma Malkin. "Mas também da luta silenciosa pela sobrevivência individual travada pelos judeus, vítimas do maior tirano de todos os tempos."

CARLOS MINUANO



Smolianoff em ação na fábrica dos tempos nazistas: idéia frustrada era desestabilizar a economia inglesa

LOUCURA IMPERIAL

Dom Pedro III

Neto do imperador, que sonhava ser monarca, viveu 41 anos num manicômio

A monarquia como um todo sofreu um duro golpe quando a República foi proclamada no Brasil, em menos de seis horas, no dia 15 de novembro de 1889. Mas um sujeito em particular provavelmente absorveu o maior impacto: o príncipe Pedro Augusto de Bragança Saxe e Coburgo, na época com 23 anos, primogênito da princesa Leopoldina. A pancada foi tamanha que ele chegou a ser tratado por Freud.

Muito bonito, culto e refinado, espécie de príncipe William do século 19, Pedro Augusto havia sido criado para substituir o avô, dom Pedro II, no trono brasileiro. Mesmo sendo filho de Leopoldina. Isso porque todo mundo achava que a princesa Isabel e o conde d'Eu eram estéreis e não conseguiriam conceber um filho – rebento que seria o primeiro na linha sucessória.

No entanto, dez anos depois da união do casal, nasceu Pedro de Alcântara. Foi duro para Pedro Augusto, mas o sonho ainda não acabara. Os tios do menino não despertavam a simpatia do povo brasileiro. Primeiro porque Isabel era muito feia e beata e seu marido, estrangeiro e surdo.



©3

A partir da esquerda: Pedro Augusto, Isabel, os filhos Antônio e Luís, conde D'Eu, Pedro II, Pedro de Acântara e Teresa Cristina

Além disso, eles eram odiados especialmente pelos latifundiários por causa da abolição da escravatura e do fraco desempenho do conde na Guerra do Paraguai. Além disso, o príncipe acreditava que o avô manifestaria seu apoio a ele.

Após 1889, seus surtos psicóticos, que fazia algum tempo já somatizavam as tensões que enfrentava, se agravaram. Na Áustria, onde se exilou, foi analisado por Sigmund Freud. Aos 68 anos, após 41 num manicômio e pouco antes de morrer, Pedro Augusto ainda planejava assumir o trono. Sua história está em *O Príncipe Maldito*, da historiadora Mary Del Priore. Abaixo, trechos de sua entrevista.

KALLEO COURA

ENTREVISTA

HISTÓRIA – **Por que a senhora se interessou pelo príncipe Pedro Augusto?**

MARY DEL PRIORE – Ele é um personagem – invisível nos livros de história – que teve relativa influência na abolição da escravatura e na proclamação da República. É atual e representa a fragilidade familiar burguesa. E, atormentado, passa por análises psicanalíticas quando essa ciência se desenvolvia.

A vida do príncipe foi cheia de frustrações. Ele conseguiu se realizar em algum campo?

Ele gostava muito de ciências naturais, principalmente de mineralogia. O príncipe publicou livros e fez várias apresentações sobre o assunto, inclusive na Academia Francesa. Se tivesse condições normais, poderia ter se tornado um mineralogista bem-sucedido.

Apesar de ser muito bonito, não há relatos no livro sobre encontros amorosos do príncipe. Ele chegou a se relacionar com alguém?

Os psicanalistas que consultei me explicaram que a libido do psicótico maníaco-depressivo não funciona. É muito provável que ele não tivesse desejo sexual. Seu humor alternava: algumas vezes ia a várias festas, outras se enclausurava num quarto escuro. Em 1889, já dava sinais de que estava muito doente. Além disso, sua doença agravou-se muito. Teria morrido virgem por essas razões.



©4

A historiadora Mary Del Priore: personagem esquecido e atual

DÉCADAS NAS PARADAS

O disco que abalou o mundo

Sgt. Pepper's, dos Beatles, refletiu revolução cultural que começou há 40 anos

Em 1967, uma verdadeira revolução cultural começou a partir de mãos jovens. A juventude rejeitava a guerra e propôs paz e amor, especialmente para dar um basta ao conflito no Vietnã. A psicodelia invadiu as revistas, a televisão e as ruas. As cores deram vida à moda, que floresceu como nunca nas grandes capitais. No meio de tanta mudança, uma banda de rock captou o espírito. E lançou o disco considerado um dos melhores já feitos até hoje, o *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*.

Naquele ano, a carreira dos Beatles estava mudada. O quarteto britânico não fazia mais turnês e dedicava mais tempo às gravações em estúdio. Após cinco meses dentro de um deles, o Abbey Road, e 700 horas de gravação sob a batuta do produtor George Martin, o auge da criatividade dos meninos de Liverpool estava atingido.

Mas por que *Sgt. Pepper's* é considerado um marco? Resumidamente (sim, porque as inovações do disco renderiam – e já renderam – alguns livros), porque provou que o rock não precisava se limitar a acordes simples e instrumentos básicos. O trabalho foi muito além do esquema padrão "guitarra-baixo-bateria", adicionando clarinetas, harpas, instrumentos indianos e até flertando com uma música eletrônica primitiva. Paul McCartney resumiu assim a experiência: "Antes tentávamos compor canções pegajosas. O *Pepper's* foi mais como escrever um romance".

O álbum foi umas das poucas obras de arte a serem reconhecidas imediatamente pelo público e pela crítica. Quer uma prova? Jimi Hendrix tocou a música "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band" em um show apenas três dias após seu lançamento. "*Sgt. Pepper's* é o disco de rock mais importante já gravado, uma aventura insuperável em conceito, som, composição, capa e tecnologia de estúdio, feito pelo maior grupo de rock de todos os tempos", descreveu a revista americana *Rolling Stone*, ao selecionar o trabalho como o número 1 numa lista dos 500 melhores álbuns.

Até hoje, a música deve algumas coisas ao *Sgt. Pepper's*. Discos com letras no encarte, por exemplo. A capa dupla do álbum também foi uma inovação. O cenário produzido pelo artista Peter Blake custou uma fortuna para a época: 1 500 libras, 300 vezes mais do que o habitual.

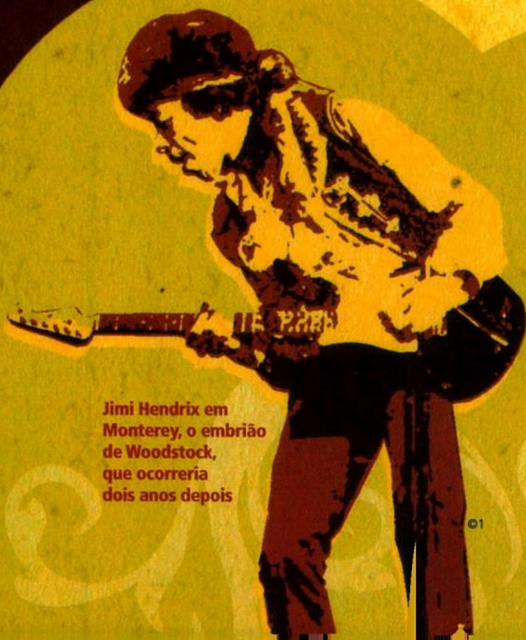
PAULO TERRON

MAIS NO SITE — Leia um diário da gravação do álbum e veja a relação dos prêmios conquistados pelo disco dos Beatles, além da relação completa dos personagens da capa.

1967: o ano que não terminou

Jovens usaram a arte para protestar contra a guerra

Não é à toa que *Sgt. Pepper's* é um legítimo filho de 1967, o ano do "verão do amor". Após vários anos da Guerra do Vietnã, iniciada ainda na década de 50, os Beatles refletiram em sua música aquilo que vinha sendo visto diariamente nas ruas: o movimento hippie, a contracultura, a pop art de Andy Warhol, o renascimento dos escritores beat (resgatados, em especial, pelo interesse de astros pop como Bob Dylan) e o desejo por paz e amor. Os hippies tentavam introduzir uma revolução cultural ao pregar conceitos condenados: o amor livre, a utilização das drogas (em especial da maconha e do ácido lisérgico, o LSD) e o pacifismo. Se o gigantesco festival de Woodstock só viria a ocorrer em 1969, ele teve uma semente plantada em eventos como o Monterey Pop Festival, de junho de 1967, que reuniu cerca de 200 mil pessoas para ver gente como Jimi Hendrix (selecionado pessoalmente por Paul McCartney, integrante da comissão que escolheu a escalação do show), Simon and Garfunkel, Janis Joplin e Grateful Dead.



Jimi Hendrix em Monterey, o embrião de Woodstock, que ocorreria dois anos depois

©1

© ILUSTRAÇÃO NELSON PROVAZI FOTOS 1 KEYSTONE 2 REPRODUÇÃO 3 LONDON FEATURES INTERNACIONAL

Arte e mistério

Os Beatles colocaram na capa do disco a imagem de todos aqueles que admiravam

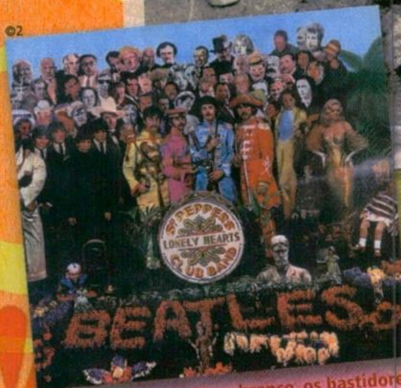
AMIGO MORTO
Stuart Sutcliffe, baixista original dos Beatles, havia saído do grupo para morar na Alemanha e se dedicar às artes plásticas e morrera em 1962. Seu rosto foi pintado num painel que serviu de cenário para a foto da capa.

O SELVAGEM
Não por coincidência, a gangue do personagem Johnny Stabler no filme *O Selvagem* (1953) se chamava Beetles. As jaquetas de couro usadas pelo ator Marlon Brando no longa também foram copiadas pelo quarteto no início da carreira, antes dos terninhos.

ÍDOLO PSICODÉLICO
O autor de *Alice no País das Maravilhas*, Lewis Carroll, é uma grande influência no disco. Criou imagens psicodélicas para sua personagem – aquele mundo estranho em que ela vivia, tudo muito colorido – antes mesmo de a psicodelia existir.

©3

©2



Em preto-e-branco, os bastidores da produção da capa, já pronta na imagem acima

BUMBO DE BATERIA
Segundo a teoria que corria sobre a morte de McCartney, a imagem invertida mostraria um texto que sugeriria a data (11-9, ou 11 de setembro) da suposta morte e um símbolo que apontaria para Paul.

BAIXO DE FLORES
Os boatos sobre a possível morte do baixista em um acidente de motocicleta em 1966 foram criados por um jornalista americano por brincadeira e apontam esse instrumento como uma pista para o óbito: ele lembra uma coroa de flores.

NOTÍCIAS

BONAPARTE CAÇULA

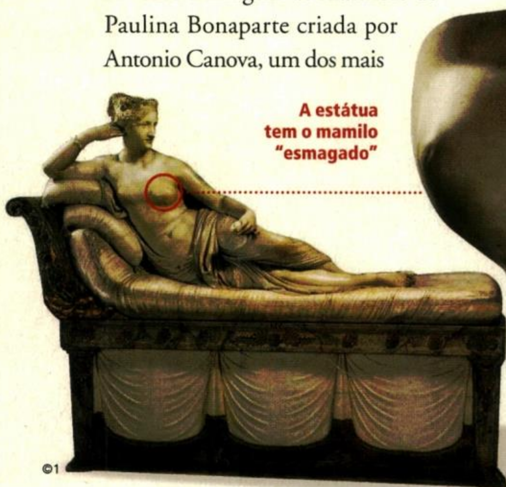
Feito a mão

Seio da estátua da irmã de Napoleão foi moldado em gesso sobre a modelo, garante especialista

Mãos de um especialista aplicaram gesso aos seios da jovem irmã de Napoleão. É isso o que garante um novo estudo feito sobre a imagem de mármore de Paulina Bonaparte criada por Antonio Canova, um dos mais célebres escultores neoclássicos. A obra, conhecida como *Venus Victrix*, retrata a irmã favorita do imperador deitada seminua.

Segundo o historiador de arte Maurizio Bernardelli Cruz, os seios da estátua não correspondem ao modelo de beleza do escultor, que evocava a perfeição. Para ele, a prova de que foram moldados está nos mamilos, "ligeiramente esmagados". Submeter-se à experiência não deve ter sido um problema para a moça. A bela Paulina (1780-1825) causou polêmica. As excentricidades da caçula incluíram rumores de casos extraconjugais com soldados subordinados a seu marido, Charles Leclerc.

CLÁUDIA DE CASTRO LIMA





A estátua tem o mamilo "esmagado"

©1

NO PAQUISTÃO

Em nome do pai

Filme que mostra preconceito ocidental após o 11 de Setembro é perseguido

Nem uma fatwa – decreto religioso – emitida contra o filme *Khuda Kay Life* ("Em nome de Deus", sem previsão de estréia no Brasil) o fez fracassar nas bilheterias do Paquistão. O musical de Shoaib Mansoor trata de questões históricas e polêmicas aos muçulmanos, como estupro no casamento e perseguições a islâmicos no Ocidente após o 11 de Setembro.

A fatwa foi emitida pelo líder religioso Abdul Rashid Ghazi, morto em julho em um ataque a uma mesquita, mas outros líderes entraram na briga. Mansoor e sua família tiveram de deixar o Paquistão. Mas a produção mais cara do país – 7 milhões de reais – já é o maior blockbuster de lá. Arrecadou, em apenas três semanas e só no Paquistão, 1 milhão de reais. C.C.L.



©2

A atriz Iman Ali em cena no sucesso paquistanês

ÚLTIMAS

DEFEITO NA FACE
Pesquisadores não param de descobrir doenças em Abraham Lincoln, presidente americano entre 1861 e 1865. Estudos mostram que ele teve varíola e depressão. Um oftalmologista americano agora afirma que sua assimetria facial (lado esquerdo muito menor que o direito) é uma anomalia conhecida por microssomia hemifacial. O estrabismo de Lincoln (cujo olho esquerdo teimava em se mover para cima) pode ter sido causado por ela. Não se sabe se a patada de cavalo que ele levou quando era criança tem a ver com isso.



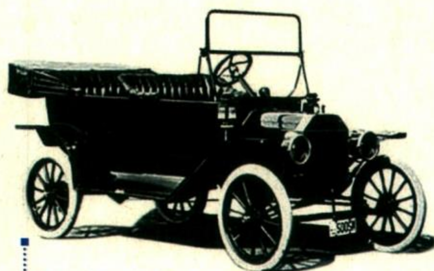
©3

CHICLETE MASCADO
Uma estudante de Arqueologia escocesa encontrou um **pedaço de chiclete mascado** de 5 mil anos em um sítio arqueológico da Finlândia. O negócio, feito de casca de bétula, parecia "um pedaço sujo de chiclete moderno", disse Sarah Pickin, da Universidade de Derby, a um jornal escocês. Os povos antigos mascavam esse preparado de casca de bétula provavelmente para tratar infecções na boca. Sarah ficou feliz com a descoberta – especialmente porque achou que poderia ser um pedaço de cocô fossilizado.

CERVEJA ENVELHECIDA
Um time de arqueólogos descobriu o que pode ter sido a maior cervejaria pré-histórica, que funcionava na Irlanda. Os arqueólogos conseguiram recriar os métodos de fabricação da cerveja e produzir uma versão atual da bebida – que devia ser muito apreciada pelos pré-históricos depois de um dia duro de caçada. O foco do estudo foram cerca de 4 500 cavidades em formato de ferradura de cavalo encontradas em vários pontos irlandeses datadas de 1500 a.C. Para os pesquisadores, há evidências de que cada uma dessas cavidades servia para produzir a bebida.

© 1 REPRODUÇÃO/DAILY MAIL 2 UNIVERSIDADE DE MANCHESTER 3 REPRODUÇÃO

OUTUBRO NA HISTÓRIA



O Ford Modelo T foi o primeiro carro popular do mundo

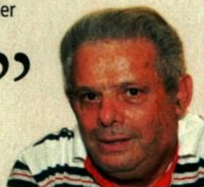
DIA 1º O americano Henry Ford lança o primeiro carro do mundo produzido em larga escala, o Ford Modelo T. O automóvel custava 850 dólares e vendeu mais de 10 mil unidades no primeiro ano. Durante seus 19 anos de existência, foram comercializados 15,5 milhões de Modelos T nos Estados Unidos.
Em 1908, nos Estados Unidos

DIA 2 Bento Gonçalves é preso e enviado para o Rio de Janeiro após ser derrotado por seu ex-companheiro Bento Manuel Ribeiro no combate da ilha de Fanfa, durante a Guerra dos Farrapos.
Em 1836, no Rio Grande do Sul

DIA 3 O rinoceronte Cacareco recebe cerca de 100 mil votos nas eleições para vereador do município de São Paulo, tornando-se a figura mais votada entre os 540 candidatos que concorriam a 45 vagas na Câmara da cidade. Na época, Cacareco era uma atração vinda do Rio de Janeiro para o zoológico paulista, inaugurado no ano anterior.
Em 1959, em São Paulo

EU ME LEMBRO

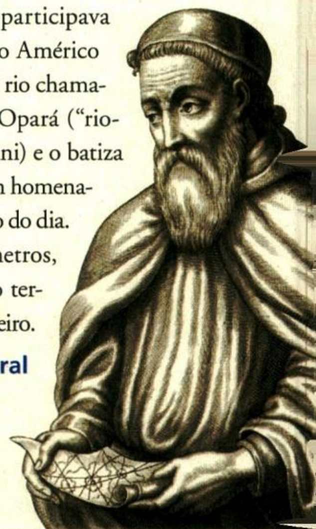
"Trabalhei como cabo eleitoral naquele ano e lembro que havia na população paulista uma insatisfação com os políticos locais. Apesar de não existir uma campanha pela anulação dos votos, uma semana antes da eleição começaram a surgir comentários sobre a 'candidatura' do Cacareco. Porém, ninguém imaginava que seria o fenômeno que foi. Depois do resultado, os políticos disseram que a população não tinha civismo pela atitude que tomou. Mas o povo foi sábio e soube responder nas urnas, como se fosse um tapa na cara."



MÁRIO LOPOMO, aposentado

©2

DIA 4 Ao explorar a costa brasileira, uma expedição da qual participava o navegador italiano Américo Vespúcio descobre o rio chamado pelos índios de Opará ("rio-mar" em tupi-guarani) e o batiza de São Francisco, em homenagem ao santo católico do dia. Com 3 163 quilômetros, o São Francisco é o terceiro maior rio brasileiro.
Em 1501, no litoral nordestino do Brasil



Américo Vespúcio foi um dos descobridores do "Velho Chico"

©1

DIA 13 Durante a Conferência Internacional do Meridiano, realizada nos Estados Unidos, 27 países, entre eles o Brasil, votam pela adoção do meridiano de Greenwich, no Reino Unido, como origem do tempo e da longitude. O meridiano se tornou referência para a determinação dos fusos horários no planeta.
Em 1884, em Washington

LINHA DO TEMPO

Chacina na cadeia

Massacre do Carandiru faz 15 anos

Em 2 de outubro de 1992, véspera das eleições para prefeito, aconteceu o maior massacre em uma prisão na história do país. Uma ação que não seguiu nenhum planejamento prévio e deixou 111 presos mortos. A tragédia virou livro, filme e teve apenas um culpado condenado, em 2001: o coronel Ubiratan Guimarães, que se elegeu deputado estadual por São Paulo no ano seguinte e morreu em 2006.

MARIA FERNANDA ZIEGLER

10h ou 13h30
Antonio Luiz Nascimento, o Barba, e Luiz Tavares de Azevedo, o Coelho, começaram uma briga no Pavilhão 9. Barba partiu com um soco, ao que Coelho revidou com uma paulada. Desmaiado, Barba foi levado à enfermaria e a confusão se generalizou. O horário do início do tumulto é incerto.

14h
O diretor do presídio, **José Ismael Pedrosa**, ficou sabendo da confusão. Os presos expulsaram os funcionários do local, alegando que "é briga de ladrão, funcionário não tem nada que se meter". Cercados, os carcereiros bateram em retirada. Não havia refém com os presos.



©5

15h
O Secretário de Segurança Pública, Pedro de Campos, foi informado dos fatos. O **coronel Ubiratan Guimarães**, comandante da Polícia Militar, chegou ao Carandiru. Campos teria dito a ele por telefone: "Se necessário, o senhor está autorizado a adentrar o pavilhão".

15h30
O coronel Ubiratan ordenou que a Tropa de Choque estacionasse do lado de fora do Carandiru. O 1º Batalhão de Choque, assim como o 2º e o 3º, o Grupo de Ações Táticas Especiais (Gate) e o Comando de Operações Especiais (COE) também se alinharam ao lado do presídio.



©6

CONSULTORIA: NORBERTO JÓIA, PROMOTOR PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO


©3

Dois terços dos brasileiros contraíram gripe espanhola no fim de 1918

DIA 15

A gripe espanhola atinge o auge de sua contaminação no Brasil. A situação era mais grave nas cidades próximas aos portos, por onde o vírus chegava em navios vindos do exterior. Estima-se que entre outubro e dezembro daquele ano 65% da população brasileira ficou doente.

Em 1918, no Rio de Janeiro

EU ME LEMBRO

“A epidemia que há quatro dias vem assolando a cidade longe de enfraquecer tem recrudescido nestas últimas vinte e quatro horas (...) As fábricas começam a fechar, as oficinas ficaram com as suas portas cerradas (...) As farmácias começaram a fechar. Desde as primeiras horas em que se declarou a epidemia que a romaria às farmácias não parou nem um instante.”

Trecho de notícia publicada no jornal *A RUA*, no Rio de Janeiro, em 15 de outubro de 1918

DIA 20

Na penúltima prova da temporada, Ayrton Senna termina a corrida em segundo lugar e conquista o tricampeonato mundial de Fórmula 1, igualando a marca de Nelson Piquet, tricampeão em 1987. No campeonato, Senna teve no total sete vitórias, conquistou 12 pódios e marcou 96 pontos.

Em 1991, em Suzuka, no Japão

EU ME LEMBRO

“No dia da prova, a conquista do tricampeonato de Ayrton Senna já era praticamente certa. Para mim, que o vi crescer desde o princípio da carreira, foi um dia feliz. Após a vitória, uma cena que recordo foi o momento em que eu o entrevistava e ele não parava de se admirar em um telão que reprisava imagens dele. Senna estava muito contente. Para ele, conquistar o terceiro campeonato fazia parte de seu objetivo na Fórmula 1: quebrar o recorde do argentino pentacampeão Juan Manuel Fangio. Naquela época, a vitória já havia se tornado uma obsessão para Senna.”



REGINALDO LEME, comentarista esportivo

©2

DIA 27

O médico espanhol Miguel Servet, pioneiro na descoberta da circulação pulmonar do sangue, é queimado vivo por decisão de um tribunal eclesiástico dirigido pelo teólogo francês João Calvino. Protestantes e católicos o acusavam de heresia por ter contestado dogmas da Igreja, como a Santíssima Trindade, em suas publicações.

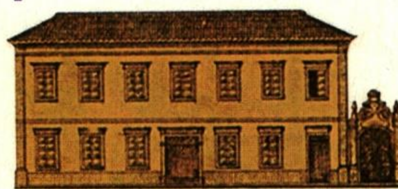
Em 1553, em Champel, na Suíça

DIA 29

Com a transferência da Real Biblioteca Portuguesa para o Brasil, em 1808, a Biblioteca Nacional é criada. Ela foi instalada no hospital da Ordem Terceira do Carmo. O prédio atual foi erguido somente em 1910.

Em 1810, no Rio de Janeiro

MARIA CAROLINA CRISTIANINI


©4

A Biblioteca Nacional funcionava no hospital da Ordem Terceira do Carmo

16h30

Os presidiários viram imagens da Tropa de Choque pela televisão. Assustados, eles empilharam colchões, atearam fogo e armaram uma barricada para se proteger. Depois, jogaram pela janela canos, facas e qualquer objeto usado como arma que pudesse comprometê-los.

16h30 às 18h

A polícia invadiu o Pavilhão 9 e atirou para dentro das celas. O coronel Ubiratan desmaiou por causa de uma explosão e foi afastado do comando.


©7

18h30

Os presos sobreviventes foram removidos para o pátio interno, onde se via uma multidão de homens nus sentados e rodeados por cães e policiais. Às 20h, começou a operação de retorno dos prisioneiros às celas, divididos em grupos de dez – alguns deles carregando corpos de colegas.

21h

Um lençol contendo 13 armas de fogo e várias armas brancas, como facas e estiletes, foi apresentado ao diretor da Casa de Detenção. O fato foi contestado no julgamento, já que os presos haviam cortado a luz e estourado canos d'água, o que praticamente impossibilitava a apreensão de armas àquela hora da noite.

23h


©8

Os corpos foram entregues ao Instituto Médico Legal. Os presos, quase todos mortos dentro das celas, haviam sido empilhados no segundo andar e na sala de esportes às 18h30.

3/10 16h

A uma hora de terminar o horário de votação, o Secretário de Segurança Pública divulgou a lista dos 111 mortos. Até então, só oito mortes haviam sido admitidas, “para não comprometer o PMDB”, que concorria à prefeitura paulistana e era o partido do então governador Luiz Antonio Fleury Filho – segundo entrevista de Ubiratan à revista *Veja*.

© 1 REPRODUÇÃO 2 DIVULGAÇÃO 3 FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL/REPRODUÇÃO/JAIME ACIOLI 4 REPRODUÇÃO/BIBLIOTECA NACIONAL 5 ANTONIO MILENA 6 ELIANA ASSUMPCAO 7 FOLHA DA TARDE 8 MARCOS ROSA



©1

Na Idade Média, os membros do clero e os pobres em geral se limpavam com pão

COMO FAZÍAMOS SEM...

Guardanapo

Pano para se limpar existia entre os romanos, mas ficou esquecido na Idade Média

Se hoje parece impossível comer macarrão sem um guardanapo para se limpar, na Idade Média isso era normal. Aliás, naquela época, usar um pano durante a refeição podia ser motivo de chacota. Por anos, na Europa medieval, só a nobreza se limpava para comer. O processo era feito geralmente com jarras de água trazidas por empregados antes e depois da refeição. Enquanto isso, os padres, outros membros do clero e os mais pobres limpavam as mãos com pão. Ou simplesmente não limpavam.

Alguns historiadores atribuem a criação do guardanapo a Leonardo da Vinci (1452-1519). O principal motivo é o *Codice Romanov*, livro de culinária atribuído ao inventor, que traz uma referência ao guardanapo. Mas, muito antes de Da Vinci, na Roma antiga, por volta do século 1, limpar-se com um pano já era comum. Principalmente nos banquetes. Ao chegar à casa do anfitrião, os convidados recebiam toalhas para a refeição. Em seu livro *Banquete*, o historiador inglês Roy Strong explica que também era comum os convidados trazerem seus próprios guardanapos, "grandes o suficiente para levar para casa qualquer iguaria não consumida", diz o autor.

Foi apenas no fim da Idade Média que o hábito de usar panos voltou à cena doméstica. E, mesmo assim, era raro. Somente os mais ricos tinham guardanapos e sua utilidade era decorativa. Os panos eram engomados e exibidos como uma forma de arte próxima à escultura de papel. Na descrição de um banquete dado em Roma, em 1513, em homenagem a Giuliano e Lorenzo de Médici, os guardanapos aparecem dobrados como uma gaiola. Quando a peça era aberta pelo convidado, um passarinho saía voando.

Durante o Renascimento, em geral, os homens usavam o guardanapo sobre o ombro esquerdo e as mulheres o deixavam no colo. Para a mestre em História Cultural pela Unicamp Eliane Abrahão, "entre os séculos 17 e 18, nas cortes européias, começou a haver preocupação com o comportamento". Desde então, o guardanapo passou a ser amplamente usado. Nos anos 70, surgiu a versão descartável.

GIOVANA SANCHEZ

DITO E FEITO

"Pra lá de caixa-prego"

Pescadores nordestinos criaram a expressão

Comum no Nordeste, trata-se de um desvio lingüístico. No português arcaico é "cacha-pregos", nome de um vilarejo da ilha de Itaparica, Bahia, assim chamado devido a sua atividade pesqueira. "O verbo cachar quer dizer esconder e veio do francês *cacher*, que, por sua vez, tem origem no latim *coactare*", diz Américo Venâncio Filho, lingüista da Universidade Federal da Bahia. Cacha-pregos seria algo como "esconde-pregos", pois os peixes-pregos que entram no rio Jaguaripe não conseguem voltar ao mar por causa da maré baixa. Como Cacha-pregos ficava longe da capital, Salvador, os pescadores que iam até lá o transformaram em sinônimo de lugar distante.

BRUNO VIEIRA FEIJÓ

"Enfiar o pé na jaca"

Origem vem dos tropeiros que bebiam e davam vexame

A expressão significa embriagar-se, cometer excessos, mas não tem nada a ver com a fruta amarela nativa da Ásia. O certo seria "enfiar o pé no jacá", com acento. Jacá, do tupi "*aya'ka*", era um cesto feito de bambu ou cipó. Ele era usado preso no lombo de animais de transporte de carga no Brasil colonial, entre os séculos 17 e 18. Em suas viagens, quando os tropeiros paravam em vendinhas e exageravam na bebida, passavam por situações constrangedoras, como pisar nos jacás na hora de montar no cavalo e se esborrachar no chão. B.V.F.

©2

Em suas longas viagens, tropeiros bebiam muito mais do que deviam

HISTÓRIA MALUCA

VINHO BARATO



©3

Pedro Álvares Cabral tinha fama de administrador sovina. Ao abastecer sua esquadra para a viagem do descobrimento, escolheu o vinho mais barato que encontrou – de Évora, no Alentejo, lugar mais conhecido pela cortiça da fabricação de rolhas do que por suas cepas. Chamado Pêra Manca, o vinho ainda hoje é fabricado, e os especialistas garantem que, nesses 500 anos, ele melhorou muito. Mesmo na época deu para o gasto: Pero Vaz de Caminha, ao menos, nunca se queixou de dor de cabeça em suas cartas.

SOBRENOME NA MARRA

Sobrenome na Turquia é coisa recente. Lá, eles só foram adotados em 1936, quando um decreto do ditador Kemal Ataturk passou a exigir sua utilização por todos os cidadãos. Até então, a identificação entre o povo era feita pela árvore genealógica ("fulano filho de beltrano que era filho de sicrano etc."). Imagine onde isso chegava. Em tempo: o governante foi nada modesto ao escolher um para si: "Ataturk" quer dizer "o pai dos turcos".

SALSINHA PODEROSA



©3

O imperador Carlos Magno tinha fama de bom prato. Aliás, um dos temperos mais utilizados na cozinha ocidental ganhou popularidade por sua causa: a salsa. Ela era conhecida desde a Grécia antiga, mas até o século 8 era usada como enfeite. Quando o imperador provou-a, porém, tudo mudou: ele mandou que a erva fosse plantada de cabo a rabo na França.

ÁLVARO OPPERMANN

DÚVIDA CRUEL

Como acharam o bunker de Hitler?

Ditador nazista passou seus últimos dias em esconderijo subterrâneo

Poucos meses após se tornar chanceler alemão, em 1933, Adolf Hitler construiu um complexo de abrigos antiaéreos sob a sede do governo, em Berlim. Mas o abrigo que ficaria conhecido como o bunker de Hitler não chegou a ficar pronto. Em 1945, ele tinha 16 ambientes, entre dormitórios, salas de lazer, refeitório, cozinha e quartos para os empregados. Faltava construir as guaritas e as torres de vigia quando, em abril, os soviéticos começaram a bombardear Berlim.

Hitler passou os últimos meses de vida nesse bunker, que virou seu quartel-general, de onde ele comandava as ações do Exército nas últimas batalhas da Segunda Guerra. O local era, claro, muito bem protegido, mas os Aliados sabiam de sua existência – mesmo que não conhecessem detalhes da estrutura. Os porões do complexo abrigavam os principais dirigentes do regime nazista e suas famílias, além de um grande número de oficiais e outros funcionários. Uma área servia de hospital militar de emergência, outra como refúgio para desabrigados e grávidas.

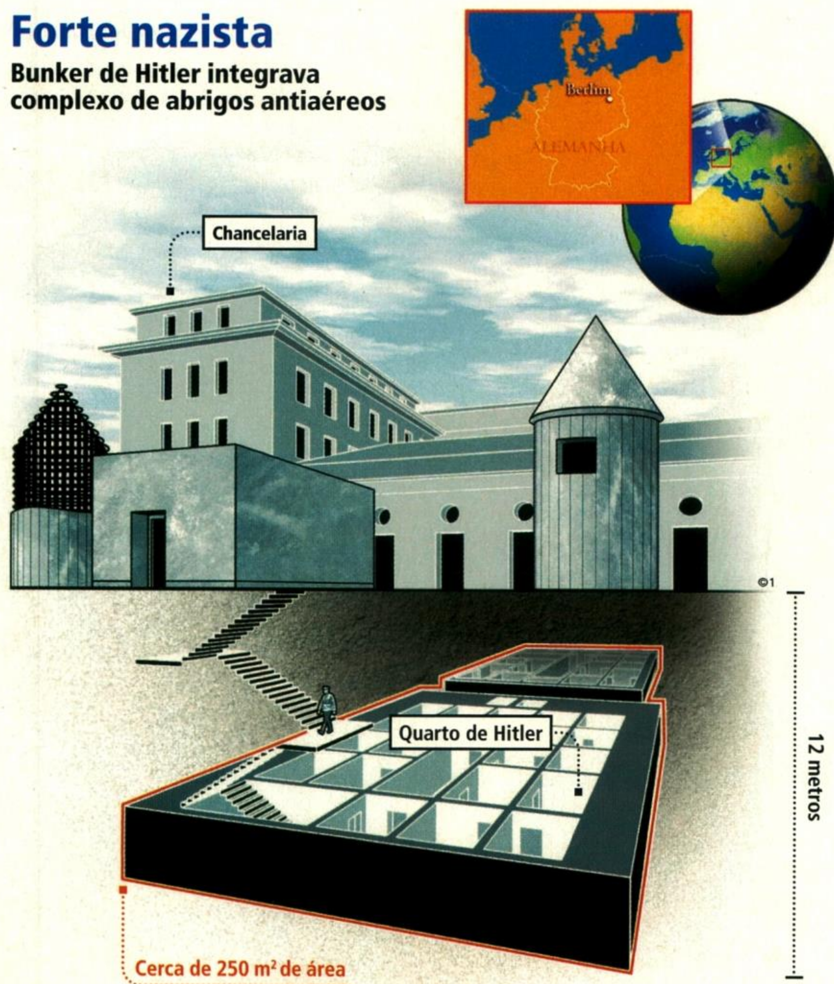
Foi nesse ambiente, cerca de 12 metros abaixo do solo, que Hitler resistiu até 30 de abril de 1945. Nesse dia, ele se despediu formalmente dos mais próximos e, depois do almoço, trancou-se em seus aposentos com Eva Braun, com quem havia se casado na véspera. Ouviu-se apenas um tiro. Hitler foi encontrado com a cabeça estraçalhada e a pistola caída no colo. Na sua frente estava a mulher, sem nenhum ferimento visível, envenenada com cianureto. Os dois corpos foram removidos para o pátio, encharcados com 180 litros de gasolina e incendiados em meio a uma silenciosa saudação fascista.

Outras mortes se seguiram no mesmo molde. Os que restaram vivos fugiram rapidamente do bunker pelos túneis que o ligavam ao metrô de Berlim. Mas não foram muito longe. Aos poucos, os boatos sobre o suicídio de Hitler tomaram conta dos comandantes e soldados alemães, enfraquecendo ainda mais os últimos focos de resistência à tomada da capital alemã pelos soviéticos. Assim, no dia 2 de maio de 1945 o Exército Vermelho ocupou, com pouquíssima resistência, a sede do governo nazista – e, de quebra, o bunker de Hitler. O primeiro-tenente Ivan Klimenko, conduzido pelos funcionários do Führer que ainda estavam no local, foi o primeiro a entrar no abrigo. Pelo gesto, foi nomeado "herói da União Soviética".

SÉRGIO MIRANDA

Forte nazista

Bunker de Hitler integrava complexo de abrigos antiaéreos



QUE FIM LEVOU?

O bigode de Charles Chaplin

Acessório do filme *O Grande Ditador* era sátira descarada a Hitler

Hynkel, o tirano vivido por Charles Chaplin em *O Grande Ditador* (1940), perseguia judeus e queria conquistar o mundo. Associar o líder da fictícia Tomânia a Adolf Hitler é fácil, mas a semelhança física entre os dois deixou ainda mais óbvia a sátira. Além do físico franzino e do fato de ambos terem a mesma idade (nasceram em abril de 1889, com quatro dias de diferença), um detalhe consolidou de vez a piada de Chaplin: o bigodinho postiço.

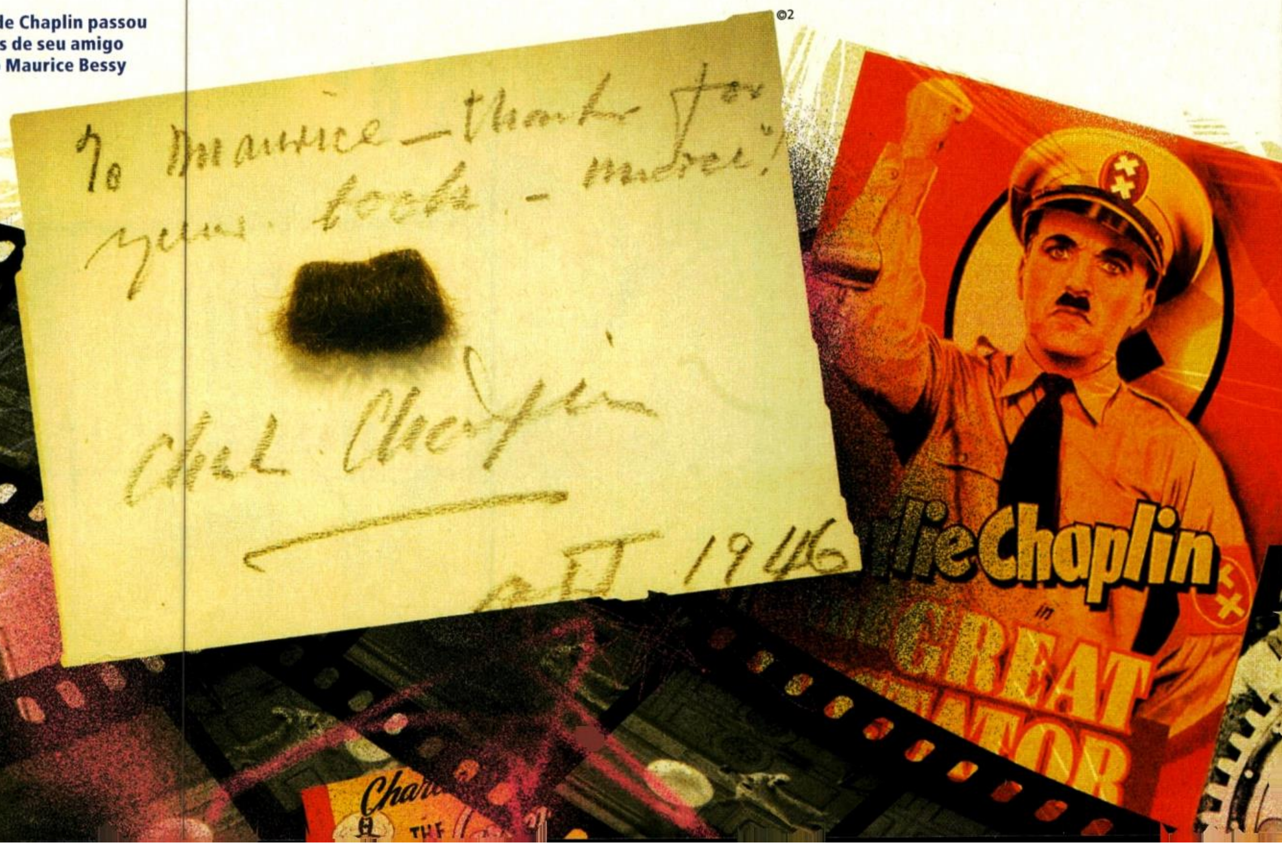
Duas peças foram confeccionadas para o personagem, garantindo que ninguém visse Hynkel sem pensar em Hitler. Após as filmagens, os bigodes foram dados pelo ator ao historiador francês Maurice Bessy, amigo e autor de uma biografia sobre Chaplin. Bessy, que foi diretor artístico do Festival de Cannes nos anos 70, recolheu preciosidades cinematográficas durante décadas e chegou a possuir uma coleção avaliada em torno de 130 mil euros (cerca de 340 mil reais). Ele tinha vários objetos de Chaplin, além de outras relíquias do cinema, como o veículo lunar usado por Sean Connery em *007 – Os Diamantes São Eternos* (1971).

Em dezembro de 2004, em um leilão na casa Christie's, de Londres, os bigodes foram vendidos por quantias muito acima da expectativa, que girava em torno de 3 mil e 5 mil libras (15,6 mil e 26 mil reais na época). Um deles foi arrematado por 18 mil libras, cerca de 94 mil reais. O outro, usado menos vezes por Chaplin, alcançou o valor de 11,9 mil libras, aproximadamente 62 mil reais. Segundo o que um dos organizadores do leilão afirmou, o valor dos bigodes não parece tão exagerado se considerarmos a importância de *O Grande Ditador* para o cinema. Chaplin criou o roteiro em 1939, quando a Alemanha invadiu a Polônia e dava início à Segunda Guerra. O longa, o primeiro com som de sua carreira, foi censurado no Brasil pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) por ser considerado "comunista" e "desmoralizador das Forças Armadas." Somente após a guerra ele pôde ser assistido no país.

Os novos donos dos bigodes não se identificaram. No mesmo leilão, foram arrematados um apito usado por Chaplin em *Luzes da Cidade* (1931) – vendido por cerca de 15 mil reais – e a bengala do personagem Carlitos em *Tempos Modernos* (1933), que saiu por módicos 250 mil reais.

LÍVIA LOMBARDO

O bigode de Chaplin passou pelas mãos de seu amigo e biógrafo Maurice Bessy



A conquista do Everest

Chegada ao cume por equipe inglesa em 1953 teve importância política

Em 1953, após décadas de tentativas e 15 mortes, o ponto mais alto do mundo foi conquistado. Investimentos em pesquisas e testes levaram ao topo do Everest a equipe inglesa dirigida por John Hunt. O feito foi importante para a auto-estima da Inglaterra. Desde que o país perdera a chance para a Noruega, em 1911, da conquista do Pólo Sul, subir o Everest tornara-se uma questão de honra. Além disso, após a Segunda Guerra, os britânicos tinham cada vez menos influência internacional. Mas, naquele ano, o neozelandês Edmund Hillary e o sherpa (nepalês acostumado a altitudes de mais de 3 mil metros) Tenzing Norgay fincaram os pés sobre o gigante de 8850 metros – feito repetido mais de 2 mil vezes desde então. "Os primeiros alpinistas foram heróis: não tinham informação sobre o que vinha pela frente nem os mapas e equipamentos que temos hoje", diz Thomaz Brandolin, primeiro brasileiro a chefiar uma expedição ao Everest, em 1991.

FRED LINARDI

MAIS NO SITE
Conheça a história da expedição de Mallory e Irvine, que desapareceram em 1924. E veja um infográfico sobre como se escala a montanha hoje.

Ontem e hoje

Como foi a primeira chegada ao topo – e como é atualmente



OXIGÊNIO PESADO
A expedição contou com oito walkie-talkies, além de um rádio para a base com notícias inglesas e da Índia. As garrafas de oxigênio, de alumínio, pesavam até 6 quilos – cada um levava três. Os sacos de dormir e as roupas tinham certa tecnologia, como camadas de ar que evitavam o resfriamento.

SUBIDA LEVE
Há internet, GPS e telefones via satélite. As garrafas de oxigênio (feitas de titânio) pesam 3 quilos, e eles só carregam uma.



Sem ar

O organismo fica assim:

8000 M
O aproveitamento do oxigênio vai para 30%, causando muita náusea. As tosses dão impressão de facadas nas costas. Se alucinações ocorrem, são indicação de que a descida é necessária.

7000 M
A impressão inicial é a mesma que se tem em uma bebedeira: é difícil pensar para fazer coisas simples, até mesmo andar e falar. A laringe fica seca e pode congelar.

COMIDA CALÓRICA

Para manter a temperatura e a energia do organismo, na primeira expedição, neve derretida era misturada com chá ou chocolate e muito açúcar, já que essa água não tem sais minerais. O cardápio incluía sardinha, biscoitos, damasco, tâmaras, geléia de frutas, limonada e sopa.

RANGO DESIDRATADO

A tecnologia garante alimentação mais reforçada, com produtos liofilisados, ou seja, desidratados, que duram mais de dois anos e são rapidamente reidratados no preparo. Isotônicos também são usados.

QUARTOS ANTIVENTO

O número de barracas na base chega a 250 – de náilon, protegem contra o vento. Da base saem os e-mails e boletins sobre as expedições, por fax e internet. Há também quartos feitos de pedra e banheiro químico.

BARRACAS DE ALGODÃO

As barracas do acampamento base, cerca de 30, eram feitas de algodão e náilon. Cada uma tinha sua função: dormitório, refeitório, cozinha e atendimentos médicos. Na base era possível a comunicação com a Índia e com a Inglaterra. Os alpinistas tinham de subir um pouco e voltar a esse ponto todo dia. Hillary e Norgay voltaram oito vezes – no fim, andaram o equivalente à subida do Everest 3,5 vezes.

Acampamento 3
6157 m

Acampamento 2
5900 m

Acampamento 1
5681 m

Acampamento base
5370 m

GELO NA ROTA

Na primeira vez que o Everest foi vencido até o topo, o caminho usado foi pelo colo sul, o mais instável: lá existe a chamada cascata de gelo, que se quebra e se refaz o tempo todo, além das fendas profundas que são escondidas por finas camadas de neve.

Rota Norte
Rota Sul

CAMINHO DE PEDRAS

Hoje, há dezenas de rotas traçadas. O colo norte é o mais indicado. É mais estável porque tem mais rochas, que proporcionam mais apoio na escalada. A superfície mais acidentada, porém, exige mais habilidade física.

6000 M
A diminuição da umidade agrava o risco de desidratação do corpo. A tontura pode incomodar devido ao excesso de calor depois de uma escalada mais difícil. O sol brilha firme e forte e causa queimaduras.

5000 M
O aproveitamento do oxigênio cai para 50%. Você se sente como se estivesse numa ressaca brava de vinho e as pontas dos dedos já podem começar a sangrar com as fissuras de frio.

4000 M
A pressão do ar pode causar edemas pulmonares, cerebrais e oculares. Esses riscos aumentam vertiginosamente lá no alto. A falta de apetite pode causar anorexia.

3000 M
A respiração já fica mais curta, a insônia aparece e podem surgir dores de cabeça. Por isso, alguns alpinistas têm de fazer aclimatação. Faz muito frio já: cerca de 0 °C.

A LUTA FINAL DE CHE

Nas selvas da Bolívia, o revolucionário argentino de alma cubana morreu isolado, doente, faminto e maltrapilho. Mas fiel aos princípios revolucionários em que acreditava

POR CELSO MIRANDA **REPORTAGEM** GIOVANA SANCHES
DESIGN BERNARDO BORGES **ILUSTRAÇÕES** CARLO GIOVANNI

Já era tarde da noite de 3 de novembro de 1966 quando o diplomata Adolfo Mena González, de 38 anos, calvo e barrigudo, chegou ao aeroporto de La Paz, na Bolívia. Cansado da longa viagem – havia passado por Moscou, Praga, Viena, Frankfurt, Paris, Madri e São Paulo, como mostrava seu passaporte uruguaio –, declarou aos fiscais da imigração que pretendia levantar dados para a Organização dos Estados Americanos. Liberado, seguiu para o centro da capital, onde se hospedou numa suíte do Hotel Copacabana. Ali conheceu os irmãos bolivianos Guido e Roberto Peredo e com eles partiu de avião para Cochabamba, a 800 quilômetros de La Paz. Depois de mais três dias de viagem de jipe, chegou às margens do rio Ñancahuazú. Em 7 de novembro, escreveu em seu diário: "Hoje começa uma nova etapa". Só então revelou sua verdadeira identidade: González era, na verdade, o guerrilheiro Ernesto Che Guevara. »



Uma das últimas fotos de Che *(destaque)* na guerrilha, tirada dias antes de sua captura

© ACERVO REGINALDO USTARIZ ARZE/ VIDA, MORTE E RESSURREIÇÃO DO CHE



No início de 1967, já na Bolívia, Che mantém o disfarce usado no passaporte falso *(detalhe)*

» Depois de ter levado a Revolução Cubana à vitória em 1959, ao lado de Fidel e Raúl Castro, Che se dedicara a espalhar ideais revolucionários pelo mundo. "Ele esteve no Congo em 1964, onde experimentou um terrível revés, e, de volta a Cuba, entrou na clandestinidade para trabalhar secretamente em seus novos planos: criar na América Latina um foco guerrilheiro que pudesse convulsionar todo o continente", diz o historiador mexicano Jorge Castañeda em *Che Guevara – A Vida em Vermelho*. "Na época, a América Latina parecia um grande tabuleiro da Guerra Fria, onde ondas de inspiração comunista esbarravam em ditaduras militares apoiadas pelos Estados Unidos."

A Bolívia não fugia à regra. Em 1964, depois de duas décadas de instabilidade (em que sindicatos, Exército e latifundiários se digladiaram pelo poder), um golpe pôs no governo o general René Barrientos. A Bolívia se tornou, então, um notório aliado dos Estados Unidos – naquela época, em termos de ajuda militar americana, o país só perdia para Israel. Era a nação mais pobre da América depois do Haiti.

Repressão, pobreza, presença imperialista: segundo as concepções políticas de Che, a Bolívia era perfeita para uma nova vitória revolucionária. Para colocar a teoria em prática, entretanto, era preciso recrutar uma equipe. Em julho de 1966, enquanto Che permanecia incógnito, Raúl Castro, comandante das Forças Armadas de Cuba, convocou alguns veteranos da Revolução Cubana. O capitão Harry Villegas Tamayo, o Pombo, estava presente e relembrou a cena em 2006, numa entrevista à revista chilena *Punto Final*. "Raúl disse que havíamos sido chamados para integrar uma Brigada Internacional de Combatentes pela Liberdade dos Povos", afirmou. "A resposta foi um unânime 'eu vou!'"

A tropa de elite passou por três meses de treinamento. Depois, todos seguiram por caminhos diferentes para a América do Sul. Já Che precisava de um bom disfarce para conseguir chegar à Bolívia sem ser notado. Cortou o cabelo e a barba, adotou óculos de lentes grossas e colocou uma prótese dentária que mudou sua fisionomia e sua voz. No fim de outubro, visitou sua família pela última vez em Havana. Jantou com as filhas, apresentado a elas como "tio Ramón". O disfarce funcionou – as meninas só saberiam que aquele era seu pai depois de receber a notícia de sua morte.

BEM-VINDO À SELVA

A região do rio Ñancahuazú é coberta por uma mata densa, cortada por córregos e mangues. De repente, erguem-se elevadas

montanhas ou abrem-se crateras e desfiladeiros, chamados na região de *quebradas*. Foi às margens das águas barrentas do Ñancahuazú que Che encontrou pela primeira vez sua tropa, instalada num sítio que haviam comprado na região para servir de disfarce temporário. Eram apenas 13 homens, entre veteranos cubanos e jovens bolivianos. Em novembro, Che inspecionou o primeiro acampamento na selva – duas cabanas sobre o chão barrento.

No início de dezembro, o líder anotou em seu diário (que depois seria publicado como *Diário da Guerrilha Boliviana*): "Não tenho os homens e as armas que esperava". Che se referia à falta de ajuda do Partido Comunista Boliviano. Seu líder, Mário Monje, insistia em ter a palavra final sobre a guerrilha. Che não aceitou, e os dois cortaram relações. A briga era indesejável, mas não comprometia a estratégia de Che. O apoio de partidos e sindicatos poderia ser obtido à medida que avançassem as conquistas dos guerrilheiros. A referência, é claro, era a Revolução Cubana – que quando começou, no fim de 1956, tinha apenas 12 homens isolados no meio do mato (incluindo o próprio Che).

Todo o discurso político, porém, parecia muito distante naquela manhã de janeiro de 1967, em que a selva de Ñancahuazú afundava sob as chuvas de um verão amazônico. Foi quando os guerrilheiros liderados por Che deram os primeiros passos de sua quimera revolucionária. Já eram 27 homens que, em expedições diárias, se familiarizavam com o território. A fase de "implementação e infra-estrutura" durou quase dois meses. Numa área de cerca de 140 quilômetros quadrados, estabeleceram postos de observação e abriram covas para estocar remédios, alimentos, armas e equipamentos de comunicação. "Abrir trilhas e desenhar rotas para deslocamento e defesa não parecia uma missão perigosa, nem revolucionária, mas era cumprida com dedicação absoluta e disposição militar", lembra Dariel Benigno Ramirez, um dos veteranos da guerrilha, em *Memorias de un Soldado Cubano* (inédito em português).

SURRA NO EXÉRCITO

"O primeiro estágio está terminado. Os homens chegaram algo cansados, mas de modo geral conduziram-se bem", anotou Che em 1º de fevereiro. O próximo passo seria treinar os combatentes para a sobrevivência na selva. Che, então, montou três grupos para uma expedição, prevista para durar 15 dias. No acampamento ficaram apenas quatro combatentes. "A marcha era a principal atividade. Che, exigente com a disciplina, fazia o grupo caminhar em silêncio, mantendo uma distância de 20 metros entre um e outro", relatou o capitão Villegas. Andar uma dezena de quilômetros sob chuva, em trilhas enlameadas, podia levar o dia todo. Quando o grupo de Che tentou atravessar o rio Grande, o boliviano Benjamin Coronado Córdoba foi levado pela correnteza e morreu »

Che descansa com membros de seu grupo no começo das ações de guerrilha


©2

Território hostil

Veja o local em que Che liderou a guerrilha boliviana



afogado. A primeira baixa da guerrilha viera antes do primeiro tiro ser disparado.

A volta foi ainda mais cansativa – a expedição já havia tomado quase um mês. Desde a chegada à Bolívia, Che tinha perdido 20 quilos. Sua barba voltara e ele sofria com ataques de asma, dores nas mãos e pés inchados. No acampamento, sem notícias do resto do grupo, Vicente Rocabado e Pastor Barrera desertaram em 11 de março. A caminho da vila de Camiri, tentaram vender um fuzil e foram denunciados. Presos, falaram da guerrilha. E disseram que o líder era Che Guevara.

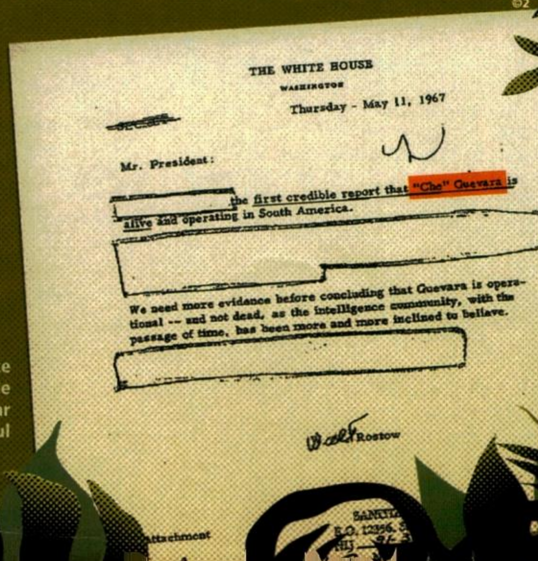
As forças armadas bolivianas foram colocadas em alerta. Em março, patrulhas saíram de Camiri para investigar a região. No dia 23, cerca de 40 militares estavam na margem direita do Ñancahuazú, carregando armamento pesado e avançando devagar. Com a água batendo na cintura, os soldados tentavam atravessar o rio quando, por volta das 8h30, um tiro acertou o último homem da retaguarda. Após o estampido seco do fuzil, a selva cuspiu rajadas de metralhadora. Os soldados não viram quem os atingia. A ação, feita por sete guerrilheiros, deixou sete militares mortos, quatro feridos e 14 capturados.

Os prisioneiros foram levados ao acampamento da guerrilha, onde receberam medicação e alimento. No dia seguinte foram soltos – aliviados de três morteiros de 60 milímetros, 16 pistolas Mauser, três submetralhadoras Uzi, dois rifles BZ, dois rádios, duas mulas, um cavalo e alguns pares de botas. "Os soldados em serviço militar, mal treinados e mal armados, quando não foram simplesmente afugentados, sofreram fragorosas derrotas para a guerrilha que parecia, nos dois primeiros meses de conflito, invencível", afirma o jornalista americano Jon Lee Anderson em

As longas garras da águia

Documentos recém-divulgados revelam os bastidores da atuação da CIA na caçada a Che Guevara

"Barrientos comunicou-me que, no dia de ontem, as autoridades bolivianas capturaram dois supostos guerrilheiros (Vicente Rocabada Terrazas e Pastor Barrera Quintana) nas cercanias de Ipita (Santa Cruz). Depois de terem sido interrogados em La Paz, nesta manhã, os dois suspeitos admitiram pertencer a um grupo de 30 ou 40 subversivos, que atuam nas cercanias de Ipita. Rocabada e Barrera confessaram que Che Guevara lidera o bando." O telegrama ao Departamento de Estado americano, assinado por Douglas Henderson, embaixador dos Estados Unidos em La Paz, carimbado como supersecreto e postado em 16 de março de 1967 às 22h45, é a primeira menção em documento oficial – incluindo qualquer comunicado do governo boliviano –, à possível presença do revolucionário na Bolívia. Che já era um emblema vivo para a esquerda e a CIA (a agência de inteligência americana) o procurava desde o Congo, em 1964, onde ele havia liderado um grupo de guerrilheiros cubanos que tentou derrubar o ditador Joseph Mobutu. Em clima de Guerra Fria, Che e seu exército foram repelidos por bem equipados mercenários da CIA. Dois anos depois da derrota, Che já estava na selva boliviana. A relação estreita entre a CIA e a Bolívia, no entanto, precedia a chegada de Che. Nos anos 60, a agência aumentou sua presença na América Latina, buscando informações sobre Cuba e a influência soviética na região. O presidente René Barrientos cooperava bastante com os agentes dos Estados Unidos – ele chegara ao poder após receber mais de 1 milhão de dólares da CIA. "O dinheiro serviu para encorajar, nas palavras da própria agência, um governo estável inclinado em direção aos interesses americanos", diz o jornalista americano Tim Wiener em *Legacy of Ashes – The History of the CIA* ("Legado das cinzas: a história da CIA", inédito no Brasil). Depois do anúncio da presença de Che na Bolívia, Barrientos procurou o embaixador Henderson, em abril de 1967, para lhe informar que suas


THE WHITE HOUSE
WASHINGTON

Thursday - May 11, 1967

Mr. President:

[redacted] the first credible report that "Che" Guevara is alive and operating in South America.

[redacted]

We need more evidence before concluding that Guevara is operational -- and not dead, as the intelligence community, with the passage of time, has been more and more inclined to believe.

[redacted]

W. W. Rostow

Attachment

Mensagem ao presidente americano diz, em maio de 1967, que Che poderia estar agindo na América do Sul

Che Guevara – Uma Biografia. Em 10 de abril, um grupo de cerca de 150 soldados apanhou de uma dúzia de guerrilheiros e acabou com dez mortos e 30 prisioneiros. A guerrilha sofreu apenas uma baixa: o veterano capitão Suarez Gayol, ex-ministro da Indústria do Açúcar em Cuba.

Alarmado, o governo boliviano buscou ajuda nos Estados Unidos *(veja quadro abaixo)* e nos países vizinhos. De Argentina e Peru e, em menor escala, do Brasil recebeu apoio logístico, equipamentos e informações. Do norte, recebeu mais. "O governo norte-americano promoveu um programa de treinamento para ações de contraguerrilha e forneceu armas automáticas relativamente modernas e outros equipamentos ao Exército boliviano", diz um relatório do Departamento de Estado americano de maio de 1967. Naquele mês, quatro oficiais e 12 fuzileiros navais chegaram à Bolívia para treinar 600 soldados.

Em poucos meses de selva, Che perdeu 20 quilos e voltou a usar barba

Outro documento, de 18 de maio, mostra que os americanos estavam preocupados com o eventual apoio popular aos rebeldes: "Entre eles, há médicos que tentam tratar das crianças em lugarejos destituídos de qualquer outro tipo de assistência".

METADE A MENOS

A presença dos militares dificultava o contato da guerrilha com La Paz. Lá, a argentina Tamara Bunke mantinha um esquema de apoio aos homens de Che – era a "rede urbana". Boa parte da comunicação com a capital era feita pelo filósofo francês Regis Debray (amigo e mensageiro de Fidel) e pelo artista argentino Ciro Roberto Bustos, que costumavam visitar os guerrilheiros. Em abril, com o Exército de prontidão, Debray e Bustos não conse-

©1

tropas estavam seguindo o guerrilheiro. Apesar de ter informações de que Che havia sido morto no Congo, a CIA enviou dois espiões para se juntar aos soldados bolivianos. Um deles era Felix Rodriguez, cubano dissidente que havia tentado derrubar Fidel na malfadada invasão da baía dos Porcos, patrocinada pelos Estados Unidos em 1961. Ele enviou uma série de boletins do campo de batalha – suas mensagens, tornadas públicas em 2004, são o rico testemunho de um confronto encoberto pelo mito. Da vila de La Higuera, Rodriguez falou por rádio com John Tilton, chefe da CIA em La Paz: "Em 8 de outubro de 1967, Che foi capturado depois de um confronto com os Rangers bolivianos", dizia. Segundo Rodriguez, o alto comando boliviano estava decidindo o destino de Che. "Estou tentando mantê-lo vivo", reportou. "O que tem sido muito difícil." Rodriguez disse que, na manhã seguinte, tentou interrogar Che, que estava sentado no chão de uma sala de aula. Tinha pulsos e tornozelos amarrados, o rosto entre as mãos. Segundo o espião, eles falaram sobre o confronto no Congo e sobre o destino dos invasores da baía dos Porcos que haviam sido capturados por Cuba. "O governo executou todos os líderes guerrilheiros que invadiram seu território", teria dito Che. "Então ele parou com um olhar irônico em sua face e sorriu como se reconhecesse nessa declaração sua própria posição em solo boliviano", escreveu Rodriguez. A ordem para matar Che veio às 11h50. "Guevara foi morto com uma rajada de tiros à 1h15 da tarde", relatou Rodriguez, por rádio, a Tilton. "As últimas palavras de Guevara foram: 'Diga a minha mulher para casar de novo e a Fidel Castro que a revolução vai vencer novamente nas Américas'. Depois, a seu executor, ele disse: 'Lembre-se: você está matando um homem'." De La Paz, Tilton telefonou para o quartel-general da CIA nos Estados Unidos. O oficial Tom Polgar atendeu o telefone e, ao ouvir que Che estava morto, perguntou: "Você pode enviar as impressões digitais?" Tilton respondeu: "Eu posso enviar os dedos". Sob o pretexto de acelerar a identificação do cadáver, as mãos de Che haviam sido cortadas.

Felix Rodriguez, da CIA, posa ao lado de Che após a captura do guerrilheiro

©2

Soldados bolivianos em ronda perto de La Higuera, dias antes da captura de Che

» guiam voltar a La Paz. Por causa disso, no dia 17, Che tomou uma decisão que selaria o destino de todos: dividiu a guerrilha em dois grupos, um de avanço e outro de espera. Liderando o primeiro, Che tentaria ocupar o povoado de Muyupampa para, de lá, mandar os dois mensageiros a La Paz. Já a tropa de espera, sob o comando de Joaquín (Juan Vitalio Nuñez, membro do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba), aguardaria perto do povoado de Bella Vista. Che deveria voltar em três dias.

Ao se aproximar de Muyupampa, a tropa de avanço encontrou o jornalista inglês Tom Roth, que insistia em fazer uma entrevista. Apesar do risco, Che aceitou. Em troca, Roth deveria levar Debray e Bustos em seu carro até Camiri, a cerca de 300 quilômetros dali. Esforço inútil. Em 20 de abril, Debray e Bustos foram presos. Após um mês de tortura, o francês acabou confirmando a presença de Che na selva. Já Bustos colaborou desde o primeiro dia, dando preciosas informações e até desenhando o rosto dos guerrilheiros.

Em 25 de abril, o grupo avançado foi atacado pelo Exército. Che anotou: "Um dia negro". Referia-se à morte de Eliseo Reyes, que havia combatido a seu lado em Cuba. Seguiu-se uma longa retirada pelo norte, na direção oposta ao ponto de encontro com Joaquín. No dia 14 de junho, Che questionou até quando a idade permitiria que ele continuasse a ser guerrilheiro. "Por enquanto, ainda estou inteiro", escreveu. Era seu aniversário de 39 anos.

Em agosto, Joaquín resolveu sair em busca de Che. Começou a busca na casa de Honorato Rojas, camponês que já havia servido de guia para a guerrilha. Depois de mais de 20 dias andando, o grupo acampou perto da casa de Honorato, em Vado del Yeso. Ao amanhecer de 30 de agosto, Joaquín enviou homens até lá para pedir comida. Honorato prometeu algo para o dia seguinte. Enquanto isso, mandou o filho alertar o Exército. Às 16h do dia 31, Joaquín apareceu e pagou a Honorato pela sopa de milho e pelos pães. Na volta, perto de um rio, os 16 guerrilheiros foram surpreendidos por tiros vindos das árvores. Dez morreram na hora, incluindo Joaquín. Longe dali, sem saber de nada, Che escreveu que o mês de agosto fora "o pior desde o início da guerrilha". Mas, esperançoso como sempre, considerou que o Exército não tinha aumentado "nem sua eficácia nem sua iniciativa". Estava errado.

No início de setembro, Che foi em busca de Joaquín. Assim como o companheiro, decidiu ir procurar na casa de Honorato. Durante dias de caminhada margeando o rio Grande, ouviram pelo rádio que os colegas haviam sido emboscados. No início, Che duvidou. Mas a precisão das informações o fez aceitar o fato. As notícias diziam também que a rede urbana em La Paz tinha sido desbaratada. Che percebeu que seus homens eram tudo o que lhe restava e, portanto, o único foco do Exército seria pegá-los. Estava certo.

O grupo mudou de rumo, em direção aos vilarejos de Pucará e La Higuera. Esperavam recrutar gente para a luta e conseguir comida. Em seu diário, Che anotou as dificuldades alimentares daqueles dias: "Urbano *[codinome do cubano Leonardo Tamayo Nunes]* matou um cavalo (...). Ao meio-dia tomamos seu sangue. De noite, assamos a cabeça e eu comi os olhos e o cérebro. Depois, sopa de frango."

No dia 26 de setembro, às 3h da madrugada, a marcha recomeçou. Perto de La Higuera, Roberto Peredo caiu morto, atingido por um disparo. Seguiu-se um



Um rosto sem camiseta

O leal Willy ficou até o fim ao lado de seu comandante

Se Che Guevara pudesse voltar atrás a respeito de uma, apenas uma coisa que escreveu, talvez riscasse de seu diário um trecho de setembro de 1967: "Minhas únicas dúvidas são sobre Willy: ele pode tirar vantagem de alguns combates para escapar sozinho". Willy era o apelido de Simeón Cuba Sarabia, um ex-mineiro boliviano de 32 anos, militante comunista que se integrou ao grupo de Che em março de 1967. Os colegas de guerrilha o viam como corajoso e disciplinado. Talvez por causa da natureza reservada de Willy, Che tenha suspeitado de sua lealdade. Não poderia estar mais enganado. Em 8 de outubro, quando Che e seus homens foram cercados, Willy tentou achar um jeito de furar o bloqueio do Exército. Che, que o seguia de perto, foi atingido. Willy voltou e arrastou o companheiro para fora da linha de tiro. Segundos depois, foram cercados novamente. Responderam ao fogo até que um tiro tirou a arma das mãos de Che. Willy novamente o levou para longe dos disparos, colocando-se entre o líder ferido e os inimigos. Exposto, Willy foi atingido vários vezes. Rendido por soldados, Willy confrontou-os: "Este é o comandante Che Guevara. Tenham respeito!" Willy foi amarrado a Che e levado para La Higuera, onde foram presos em salas separadas. No dia seguinte, Willy foi metralhado por três soldados. Antes da execução, ele teria dito: "Estou orgulhoso de morrer perto do Che". Em 1997, seu esqueleto foi achado na Bolívia, na mesma cova que continha os restos de Che. Assim como muitos dos homens que tombaram na última guerrilha do comandante, hoje Willy repousa ao lado dele, em Cuba.

tiroteio. O saldo foi trágico: três mortos, dois feridos e duas deserções. Che percebeu que o Exército conhecia sua posição e que uma nova emboscada seria questão de tempo. Em Vallegrande, maior cidade da região, estava o quartel da unidade militar treinada para combater a guerrilha: o Segundo Batalhão de Rangers. Mais de 2 mil militares estavam no encalço de Che.

APENAS UM HOMEM

Em contraste com a selva que a guerrilha havia enfrentado durante meses, a região próxima a La Higuera tem mata baixa e vegetação rala. Lá, na manhã de 7 de outubro, Che e seus 16 homens encontraram uma velha que caminhava com sua filha. Temendo a delação, os guerrilheiros ofereceram à mulher 50 pesos pelo seu silêncio. A pobre senhora recebeu o dinheiro. E, assim que cruzou com militares, detalhou a posição exata dos barbudos.

Na madrugada do dia 8, o Exército bloqueou todas as rotas de fuga. Voltando de uma inspeção, dois homens de Che avistaram dezenas de soldados no alto do desfiladeiro. O grupo estava encurralado no fundo da *quebrada* de Yuro: uma garganta de 300 metros de comprimento e menos de 50 metros de largura. Che decidiu esperar a noite para tentar furar o cerco. A silenciosa tensão foi rompida por volta de 13h30, quando o Exército abriu fogo contra os guerrilheiros. Quatro deles caíram mortos. No tiroteio, Che foi atingido e não podia mais andar sozinho. Carregado pelo boliviano Simeón Cuba *(leia quadro ao lado)*, ele permaneceu disparando até que um tiro arrancou a carabi- »



Preso numa escola da vila de La Higuera, Che foi amarrado e interrogado

» na de suas mãos. Che e Willy acabaram cercados e rendidos por militares bolivianos. Segundo o relato de um deles, o sargento Bernardino Huanca, o revolucionário teria lhe dito: "Não atire. Eu sou Che Guevara. Valho mais para você vivo do que morto".

Dos homens de Che, dez escaparam da emboscada. Metade deles seria morta nos próximos dias. Apenas cinco sairiam das montanhas com vida (os bolivianos Guido Peredo e David Veizaga voltariam à luta armada e acabariam mortos em La Paz, em 1969. Apenas os cubanos Benigno, Urbano e Villegas ainda estão vivos). Che, Willy e o peruano Juan Pablo Chang, que também havia sido preso na *quebrada* do Yuro, foram levados a uma escola em La Higuera. Lá, Che foi interrogado. No dia seguinte, perto das 13h, Willy e Chang foram executados. Pouco depois, naquele calorento 9 outubro de 1967, sentado numa sala com chão de terra, Che foi assassinado pelo tenente Mario Terán com uma rajada de fuzil. Para evitar sinais de execução, não foram dados tiros na nuca ou na cabeça. ■

SAIBA MAIS

LIVROS

***Diário da Guerrilha Boliviana*, Che Guevara, Edições Populares, 1980**
Com prefácio de Fidel, traz um apêndice com documentos sobre a guerrilha. Uma boa versão do diário na internet, em espanhol, está em www.diariochebolivia.cubasi.cu.

***Che - Uma Biografia*, Jon Lee Anderson, Objetiva, 1997**
Perfil completíssimo, fruto de cinco anos de trabalho. Tem diversos depoimentos de pessoas ligadas a Che – muitas das quais nunca haviam falado sobre o assunto antes.

***Vida, Morte e Ressurreição do Che*, Reginaldo Ustariz Arze, Brasbol, 2004**
O autor boliviano viu de perto – e fotografou – o tratamento dado ao corpo de Che em Vallegrande. A obra pode ser encomendada por e-mail: editorabrasbol@uol.com.br.

***Relatório da CIA – Che Guevara*, de Mauricio Dias e Mario Cereghino (org.), Ediouro, 2007**
Tem documentos americanos recém-liberados sobre a caçada a Che Guevara e a identificação de seu cadáver.

MAIS NO SITE
Ouça um podcast de Celso Miranda sobre os livros a respeito da guerrilha na Bolívia. E confira ainda a "maldição" que ronda os homens que caçaram Che.



O diário, as mãos, a ossada e o mausoléu: capítulos da volta de Che à pátria adotiva

Trinta anos para voltar

Saiba como foi o reencontro de Che com Cuba

Logo depois de ser executado em La Higuera, no dia 9 de outubro, Che Guevara foi levado de helicóptero a Vallegrande. Lá, seu corpo ficou na lavanderia de um hospital. Entre a dúzia de jornalistas que pôde vê-lo estava o boliviano Reginaldo Arze. "Naquela segunda-feira, quando vi o cadáver do Che, o reconheci facilmente", afirma. Arze percebeu que o corpo ainda estava quente – o que contrariava a versão oficial de que Che teria sido abatido em combate no dia anterior.

O cadáver permaneceu exposto durante toda a terça-feira e, depois, desapareceu. Suas fotos, no entanto, correram o mundo. Para conferir a autenticidade das imagens, Fidel Castro pediu ajuda ao argentino Alberto Granado, que vivia em Cuba e acompanhara Che na célebre viagem de moto pela América do Sul nos anos 50. "Fidel me chamou tarde da noite. Não havia dúvida: era Ernesto. Choramos muito", disse Granado em entrevista a HISTÓRIA em 2005.

Em 15 de outubro, Fidel reconheceu a morte de Che. Ao fim dos três dias de luto oficial, discursou em Havana despedindo-se do companheiro e prometendo preservar-lhe a memória. Assim fez. Primeiro, recuperando o diário de Che. No começo de 1968, Antonio Arguedas, então ministro do Interior boliviano, mandou secretamente a Cuba fotocópias das anotações (as páginas originais permanecem desaparecidas). Em 1º de julho, o livro foi distribuído para a população cubana. Arguedas também fez chegar a Cuba as mãos de Che, que haviam sido cortadas em Vallegrande. Elas as havia recebido no fim de 1967, num frasco de formol. A missão de tirá-las da Bolívia coube ao boliviano Juan Enrique Quiroga. "As mãos estavam cortadas de forma irregular, sugerindo que o corte não fora feito com instrumento adequado. Me pareceram grandes e musculosas", disse ele à revista *Veja* em 1997. Após ficar cinco meses com o frasco debaixo de sua cama, Quiroga o levou até Moscou, em janeiro de 1970. De lá, as mãos foram para Cuba, onde estão guardadas no Palácio da Revolução.

O mistério sobre o resto do corpo, entretanto, persistia. Em 1995, o general boliviano Mario Vargas Salinas disse ao jornal *The New York Times* que Che havia sido enterrado no aeroporto de Vallegrande. Em 28 de junho de 1997, numa antiga pista de pouso, uma expedição de legistas argentinos e cubanos revelou uma vala com sete esqueletos. Um deles estava sem as mãos. Era Che Guevara. Em 12 de julho, seus restos mortais foram recebidos em Cuba. No dia 17 de outubro, Che foi enterrado com honras de Estado em um mausoléu na cidade de Santa Clara.

© 1 ACERVO REGINALDO USTARIZ ARZE 2 REPRODUÇÃO 3 JB RUSSEL/SYGMA/CORBIS 4 ISIFA IMAGE SERVICE S.R.O. / ALAMY / OTHER IMAGES

CIVILIZAÇÕES

A TRAGÉDIA DE PÁSCOA

Conhecido por ter erguido enormes estátuas de pedra, o povo rapanui deixou de existir porque não foi capaz de preservar a ilha em que vivia. Seu legado sombrio nos serve de alerta

POR CLÁUDIA DE CASTRO LIMA **DESIGN** GLENDA CAPDEVILLE **ILUSTRAÇÕES** BETO UECHI/PINGADO



Ao descobrir uma pequena ilha no meio do Pacífico Sul, no domingo de Páscoa de 1722, o navegador holandês Jacob Roggeveen ficou impressionado. Não pela beleza, pois já havia visto ilhas bem mais paradisíacas. O que causou espanto foram gigantescas estátuas de pedra, espalhadas pela ilha. Nos 150 anos que se seguiram, pelo menos mais 53 expedições européias alcançaram o pedaço de terra. Os diários de bordo dos exploradores relatam que, a cada nova visita, menos daquelas figuras enormes eram avistadas ao longe: elas estavam todas sendo derrubadas. Até que, em 1825, os tripulantes de um navio inglês não encontraram mais nenhuma em pé.

Segundo os exploradores europeus, as estátuas, chamadas de moais, pareciam testemunhas de uma sociedade em colapso. O próprio Roggeveen escrevera em seu diário: "A aparência destruída não poderia dar outra impressão além de pobreza e improdutividade singulares". Em meados do século 18, o povo rapanui, que habitava a Ilha de Páscoa, já estava em decadência.

Bem antes da chegada dos europeus, a ilha experimentara séculos de progresso, com plantações em franca expansão e comida abundante. Em algum momento, entretanto, algo deu muito errado. A população cresceu demais, as florestas sumiram, o solo sofreu erosão, a agricultura não vingou mais e as aldeias rapanuis se consumiram em guerras. Para um grande número de pesquisadores, o colapso foi causado pela ação descuidada do homem sobre a natureza. Não é à toa que a Ilha de Páscoa é atualmente apontada como uma espécie de metáfora do futuro da Terra: o que houve com os rapanuis é mais ou menos o que pode acontecer com a gente.

UMBIGO DO MUNDO

Distante 3600 quilômetros do continente mais próximo, a América do Sul, e 2 mil quilômetros da ilha mais próxima, Pitcairn, a Ilha de Páscoa é um dos pontos mais isolados do planeta. Tem 163 quilômetros quadrados – metade da área de Belo Horizonte, a capital mineira. O nome dado pelos rapanuis a seu território fazia jus à situação geográfica: Te Pito Henua (algo como "o umbigo do mundo"). A ilha »

Quando a Ilha de Páscoa entrou em colapso, os moais foram todos derrubados



O passeio dos gigantes

O transporte dos moais deve ter consumido boa parte da madeira da Ilha de Páscoa

FÁBRICA DE MOAI
Com ferramentas de pedra, as estátuas eram esculpidas nas paredes do vulcão Rano Raraku, em uma das pontas da ilha. Eram feitas para "incorporar os espíritos" dos mortos mais ilustres do local.

TEORIA DO PULINHO
Outra explicação para o transporte da estátua afirma que eles a levantavam com cordas e tábuas e usavam um suporte de madeira em forma de um "V" invertido. Conforme puxavam o suporte, o moai era projetado para a frente.

TEORIA DOS TRILHOS
Não se sabe como os rapanuis transportavam cada estátua. Uma teoria diz que as imagens eram carregadas sobre um trilho de madeira. Usando hastes, dezenas de homens empurravam, como se remassem. Outros puxavam.

COQUE VERMELHO
Os moais mais recentes têm um adorno na cabeça, o pukao. Feito de um tipo avermelhado de rocha, representava o cabelo do morto – os rapanuis usavam um coque no topo da cabeça.

» também era chamada de Rapa Nui, ou "Rapa Grande", por sua semelhança com uma ilha menor chamada Rapa.

A história da ilha é controversa. Não existe nenhum registro escrito anterior à chegada dos europeus. A data da colonização do local também não é certa. Estudos recentes apontam que, por volta do ano 1000, ela foi alcançada por povos polinésios. Pouco mais de 100 deles teriam encontrado uma ilha rica em fauna e flora, com solo fértil, coberta por um tipo grande de palmeira, que costumava alcançar 25 metros. A tradição rapanui conta que o primeiro colonizador, Hotu Matu'a, chegou à ilha com sua família. A lenda é que ele teria se transformado no primeiro rei de Rapa Nui – e seus descendentes, assumido o posto nos séculos seguintes.

Os rapanuis eram comandados por um único líder, mas a sociedade se dividia em vários clãs familiares. Eles viviam em casas feitas de madeira, palha e folhas secas. Os vilarejos mais ricos eram os que tinham mais galinheiros – enormes e feitos de pedra –, pois as galinhas eram uma importante moeda de troca. O ponto mais importante de cada vila era o centro cerimonial. Esses centros eram compostos de um altar, o ahu, sobre o qual os gigantescos moais ficavam. As estátuas de pedra eram construídas em homenagem a alguém importante do clã que havia morrido. Sua posição estratégica – de costas para o mar, olhando para o vilarejo – servia para que, direto da outra vida, o morto continuasse a olhar por seu povo.

ADEUS ÀS ÁRVORES

Entre os séculos 11 e 14, a sociedade rapanui viveu seus dias de glória. O solo vulcânico favorecia o cultivo de diversos alimentos, especialmente a batata-doce. A agricultura eficiente resultou em um baita crescimento populacional – estima-se que a ilha chegou a ter 15 mil pessoas. Aí começaram os problemas. Um número maior de habitantes exigia que mais áreas fossem devastadas. "O plantio em grande escala necessita de um campo aberto", afirma o arqueólogo Christopher Stevenson, autor

OLHAI POR NÓS

As estátuas eram colocadas sobre um altar de pedra, o ahu. Os olhos eram a última parte a ser feita. O moai saía do vulcão com a cavidade pronta e tinha seus olhos esculpidos na aldeia, decorados com coral e pedras. Para os rapanuis, o morto usava o olhar para transmitir bons fluidos ao vilarejo.

PARA O ALTO

Não se sabe como as estátuas eram levantadas. É possível que elas fossem postas num suporte de madeira e erguidas com a construção de uma rampa de pedra. Os moai que hoje estão em pé foram levantados com modernos guindastes.

EVOLUÇÃO DA ESPÉCIE

Já foram identificados 887 moais na ilha. Metade deles nunca chegou a ficar em pé. Alguns não foram terminados. Outros tocaram o chão durante o transporte (para os rapanuis, se isso acontecia, a energia da estátua ia embora e era preciso fazer outra). Os moais mais recentes são maiores e mais refinados – compare o maior e o menor que chegaram a ficar em pé.

de *Easter Island Archaeology* ("Arqueologia da Ilha de Páscoa", inédito em português). "Outras demandas pela madeira foram para usá-la como combustível e nas estruturas de casas e barcos."

As palmeiras serviam para construir as canoas que os habitantes da ilha usavam em alto-mar para pescar um importante item de sua dieta: golfinhos. Como a vida marinha ao redor da ilha não era tão abundante, só os pescadores mais experientes, com suas canoas duplas (semelhantes a catamarãs), conseguiam trazer golfinhos para a mesa. A carne do bicho era muito apreciada, assim como a de foca e de 25 tipos de pássaros selvagens. Adivinhe como isso tudo era preparado? Com a queima da lenha retirada nas florestas.

Mas não era só a alimentação que provocava desmatamento. Ele foi intensificado por uma disputa que tomou conta da ilha: a obsessão por construir moais. Os diferentes vilarejos criavam estátuas cada vez maiores. Os primeiros moais, que teriam sido feitos por volta de 1100, tinham entre 2 e 3 metros de altura. Já o maior que chegou a ser posto sobre um altar, esculpido cerca de 300 anos depois, tem 10 metros e pesa 82 toneladas. Aos pés do vulcão Rano Raraku, onde todos os moais eram construídos, há uma estátua com mais de 15 metros e cerca de 270 toneladas, que não chegou a ser terminada.

Mas o que fazer moais tem a ver com derrubar árvores? Segundo os pesquisadores, levar um moai do vulcão até um vilarejo e deixá-lo em pé era um trabalho que exigia muita madeira *(veja infográfico acima)*. Além disso, de acordo com a arqueóloga americana Jo Anne van Tilburg, da Universidade da Califórnia, um quarto dos alimentos de Rapa Nui era consumido no processo de produção e transporte dos moais – atividades que envolviam entre 50 e 500 pessoas de cada vez.

Conforme as palmeiras eram arrancadas, uma série de problemas no solo começou a aparecer. "A terra de cultivo ficou exposta ao sol, ao vento e à chuva", afirma o arqueólogo Claudio Cristino, da Universidade do Chile, um dos maiores »

» estudiosos de Ilha de Páscoa. O solo sofreu erosão e muitos vilarejos ficaram inabitáveis, pois nada brotava ao seu redor. "Com a destruição dos solos férteis, não é difícil imaginar drásticos períodos de fome em Rapa Nui. Tensões sociais extremas causaram conflitos e a população da ilha, que teria chegado a 15 mil pessoas, começou a diminuir", diz Cristino, autor de *1000 Años en Rapa Nui* ("1000 anos em Rapa Nui", sem tradução para o português).

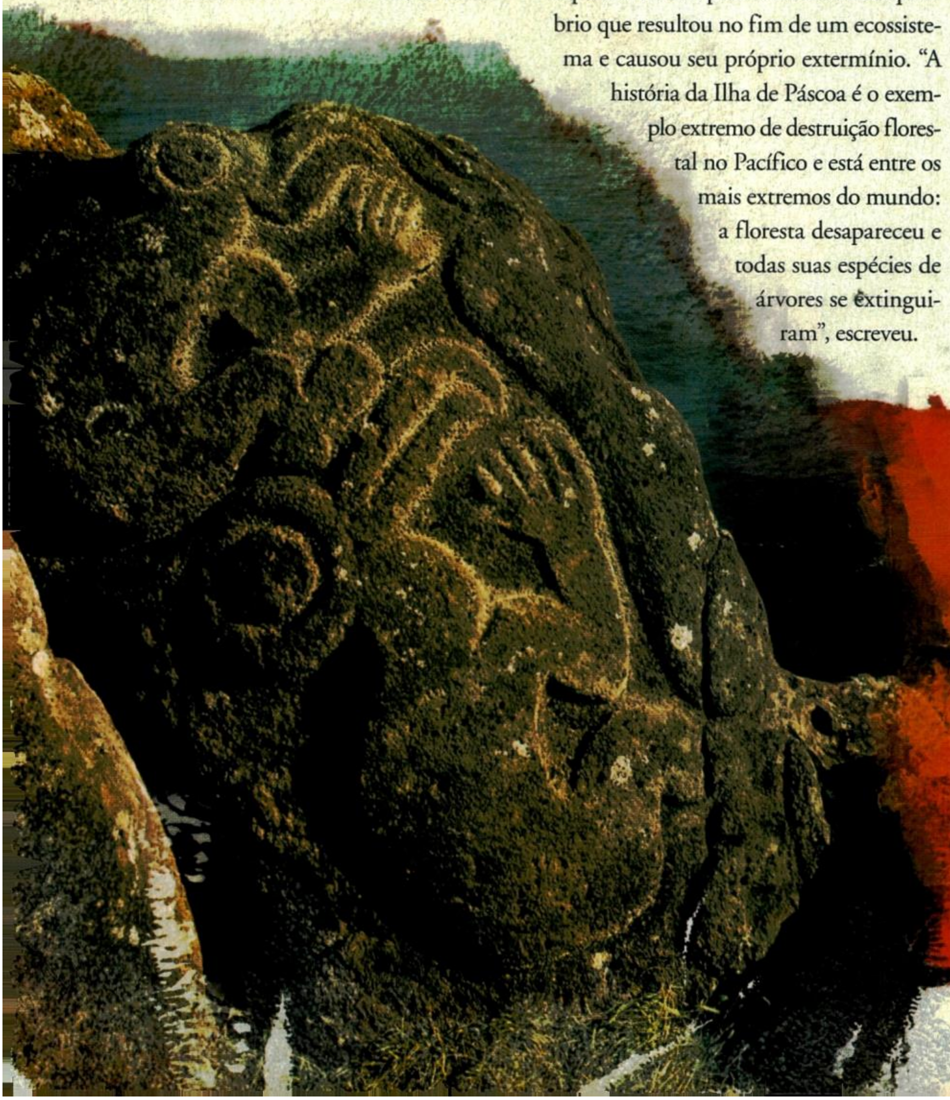
Esse processo de decadência, de acordo com a maior parte dos estudiosos, ocorreu entre os séculos 16 e 17 – antes da chegada dos europeus. Segundo Cristino, a tradição oral rapanui menciona um período de guerras entre aldeias. Quando derrotavam os membros de determinado clã, os vencedores derrubavam os moais do vilarejo de cara para o chão – a maior humilhação que podia ser feita. As expedições européias que visitaram a Ilha de Páscoa ajudaram a piorar a crise, espalhando epidemias e levando pascoenses como escravos. No fim do século 19, havia pouco mais de 100 pessoas na ilha. Basicamente o mesmo número que teria aportado por lá 1000 anos antes e fundado a sociedade rapanui.

CULPA DE QUEM?

Estudiosos divergem quanto aos motivos do desastre da ilha. O geógrafo Jared Diamond, autor de matérias e livros sobre o assunto, batizou a tragédia de "ecocídio". Ao devastar os recursos naturais da ilha, os rapanuis teriam provocado um desequilíbrio que resultou no fim de um ecossistema e causou seu próprio extermínio. "A história da Ilha de Páscoa é o exemplo extremo de destruição florestal no Pacífico e está entre os mais extremos do mundo: a floresta desapareceu e todas suas espécies de árvores se extinguiram", escreveu.

Já para o antropólogo americano Terry Hunt, da Universidade do Havaí, não há evidência de que o colapso da população tenha ocorrido antes do contato com os europeus. Hunt sustenta que Rapa Nui foi colonizada bem depois do que se acredita – por volta de 1200. Assim, não haveria tempo para que, em pouco mais de três séculos, a população saltasse para 15 mil habitantes. Sem superpopulação, a teoria do ecocídio não faria muito sentido. Para Hunt, a queda das árvores foi causada por uma mudança climática que ocorreu ao longo dos séculos. E foi intensificada por uma espécie trazida pelos europeus: os ratos. Alimentando-se de frutos e sementes da palmeira, os roedores dificultavam o nascimento de novas árvores.

Discordando da maioria dos especialistas, Hunt afirma que a ação dos colonizadores foi decisiva para acabar com o povo rapanui – assim como ocorreu com muitas outras sociedades pré-colombianas da América, dos astecas aos tupinambás. As expedições européias que freqüentaram a Ilha de Páscoa entre 1722 e 1877 tinham como principal atrativo a população local. Os homens serviam de mão-de-obra es-



Homem-pássaro

Culto ganhou força quando a ilha estava em crise

A decadência da economia rapanui, que ocorreu por volta do século 16, provocou profundas transformações culturais em sua população. A mais notável – e curiosa – delas foi a mudança de culto. Não se sabe exatamente como, mas os moradores da ilha diminuíram sua adoração dos gigantes moais e transferiram sua fé para o homem-pássaro. Mais do que uma religião, o culto a essa entidade, conhecida

Na ilha há gravuras em pedra e pinturas representando a curiosa divindade

crava em países colonizados pela Espanha e pela Inglaterra. As mulheres viravam escravas sexuais. O missionário alemão Sebastian Englert escreveu sobre dois navios que chegaram lá à procura de escravos. Segundo o padre, a tripulação capturou 150 nativos e os levou ao Peru, onde todos foram vendidos. Diversas outras expedições fizeram o mesmo.

Na opinião do britânico John Flenley, professor de Geografia na Universidade Massey, na Nova Zelândia, e co-autor de *The Enigmas of Easter Island* ("Os enigmas da Ilha de Páscoa", também inédito em português), o que ocorreu foi uma combinação de fatores. "A superpopulação, o declínio dos recursos naturais, a exaustão do solo, as guerras e possivelmente uma mudança climática levaram a sociedade à extinção", diz. "Há a possibilidade de um contato prévio com os espanhóis ter auxiliado, mas não há evidência real para isso." Flenley não acredita na teoria do "ecocídio". "Isso soa rude para o povo rapanui. Eu acredito que eles fizeram exatamente o mesmo que outras sociedades fariam. É da natureza humana explorar o meio ambiente. Apenas o controle de população os teria salvado, mas os métodos disponíveis eram absurdos, como o infanticídio. Eles então entraram em guerra. Nós faríamos o mesmo."

Hoje a Ilha de Páscoa pertence oficialmente ao Chile, país ao qual foi anexada em 1888. Seus habitantes vivem no vilarejo de Hanga Roa, onde funciona o centro comercial da ilha. Há poucas árvores replantadas na ilha, que vive principalmente do turismo. A história dos antigos rapanuis é contada pelos atuais moradores como exemplo a não ser seguido hoje, mas o paralelo com o mundo atual é inevitável. "Há algumas lições a serem aprendidas com a história da Ilha de Páscoa", afirma John Flenley. "As principais são claras: para não se extinguir, uma sociedade tem de ter controle de natalidade, conservação ecológica e sustentabilidade." ■

SAIBA MAIS

LIVRO
***1000 Años en Rapa Nui*, P. Vargas, C. Cristino e R. Izaureta, Editorial Universitaria, 2006**
Estudo feito por três décadas, realizado por dois arqueólogos e um cartógrafo, relata com detalhes a pré-história da ilha.

SITE
ioa.ucla.edu/eisp/history/whatis.htm
O projeto mantido pela arqueóloga Jo Anne van Tilburg tem muitos detalhes sobre os moais.

na língua nativa como *tangata manu*, era uma espécie de gincana com fim político – mais um exemplo de como os rapanuis gostavam de competir entre si. Na disputa, um representante de cada clã tinha de encarar o mar infestado de tubarões e ir nadando do centro cerimonial de Orongo, num dos extremos da Ilha de Páscoa, até a ilhota de Motu Nui, distante cerca de 1500 metros. Lá, o primeiro que pegasse um ovo do pássaro conhecido como *manutara* e o levasse de volta intacto ganhava o direito de governar a ilha por um ano. Para o geógrafo neozelandês John Flenley, o mais provável é que a adoração do homem-pássaro, que é representado em diversas pinturas e gravuras encontradas na Ilha de Páscoa, tenha coexistido muito tempo com o culto aos moais antes de se destacar. "Ela deve ter ganhado importância bem mais tarde", afirma. "E provavelmente o culto aos moais continuou após o colapso. Não se pode esperar que todos mudem suas crenças simultaneamente."

2ª DE UMA COLEÇÃO DE 4 HISTÓRIAS

SÉRIE

BATALHAS NAPOLEÔNICAS

Gigante de Austerlitz

A batalha de Austerlitz costuma ser vista como o ponto alto da carreira de Napoleão Bonaparte. Em novembro de 1805, durante seu avanço sobre a Europa central, o imperador francês havia tomado a cidade de Viena. Passara então a perseguir as forças da Rússia e da Áustria, países membros da aliança antinapoleônica que incluía também a Inglaterra. Em 2 de dezembro, perto da cidade de Austerlitz – hoje Slavkov, no sudeste da República Checa –, Napoleão montou uma armadilha. Organizou seu Exército para dar a impressão de que o flanco direito estava desguarnecido. Os rivais morderam a isca e atacaram exatamente por ali.

Napoleão, porém, tinha uma carta na manga. Secretamente, mandara o marechal Davout trazer 7 mil homens de Viena – que marcharam incríveis 110 quilômetros em 48 horas. Quando os aliados estavam prestes a destroçar a ala direita do Exército francês, deram de cara com Davout, que barrou o ataque. Enquanto isso, Napoleão pegou russos e austríacos no contrapé: ordenou uma ofensiva ao centro da linha inimiga, dividindo-a em duas e arrasando-a. Após a derrota, a Áustria viu-se obrigada a assinar um tratado de paz com a França. Já o czar russo Alexandre I, humilhado, afirmou: "Somos crianças na mão de um gigante".

FABIANO ONÇA

MAIS NO SITE — Acompanhe na internet todos os episódios da série de quatro batalhas napoleônicas. Já estão lá os quadrinhos sobre Marengo e Austerlitz.

Ontem à noite, Napoleão visitou os homens de Vandamme no acampamento.

Sua presença ajudou a aquecer os ânimos gelados pela neve.

Quando os soldados o reconheceram, acenderam velas para vê-lo melhor.

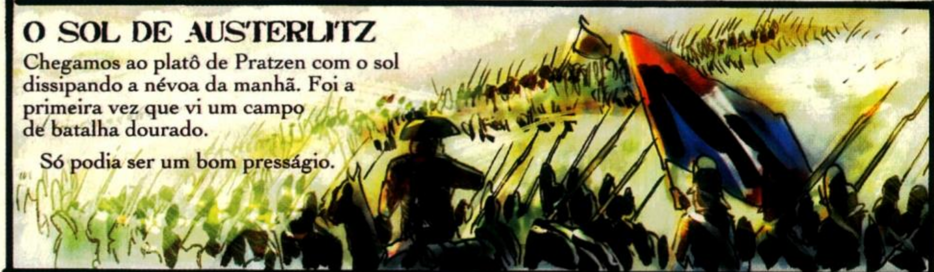


No fundo, era essa a intenção de Napoleão. Parecermos fracos para fazê-los atacar nosso flanco.

Ele era tão esperto que sabia usar os soldados a seu favor sem que eles próprios soubessem.

Ele era o centro de tudo.

O Sol...





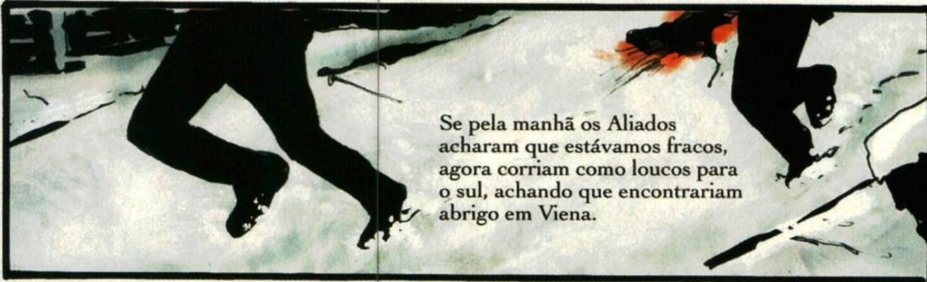


1 Caindo na cilada de Napoleão, os russos atacam o flanco direito dos franceses, mas são contidos pela chegada das tropas do marechal Davout.

2 Num ataque secundário, o general russo Bagration investe contra as forças francesas do norte, mas é barrado pelos homens do marechal Lannes.

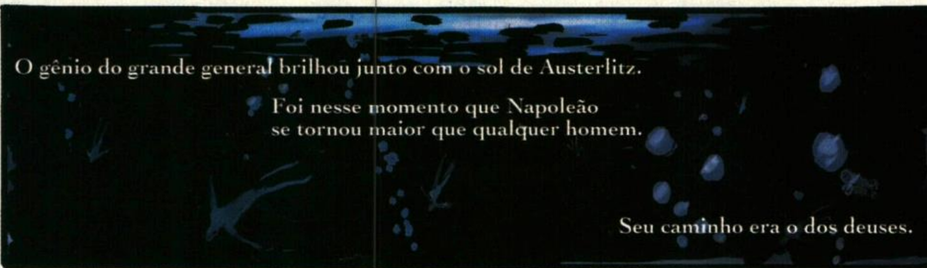
3 Aproveitando-se da neblina, o marechal Soult invade as colinas de Pratzen, partindo as forças aliadas ao meio. Russos e austríacos batem em retirada, abandonando 180 canhões.









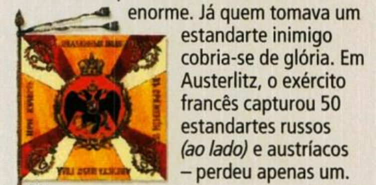


Reforços

Para ir além da batalha

CORES DA VITÓRIA

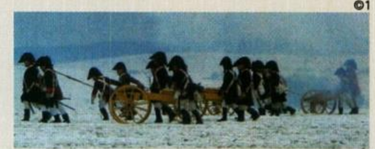
As bandeiras de cada batalhão eram um troféu nos campos de batalha do início do século 19. Quando uma unidade perdia seu estandarte, caía em vergonha: era sinal de que tinha levado uma surra enorme. Já quem tomava um estandarte inimigo cobria-se de glória. Em Austerlitz, o exército francês capturou 50 estandartes russos *(ao lado)* e austríacos – perdeu apenas um.


©1

FOGO NO GELO

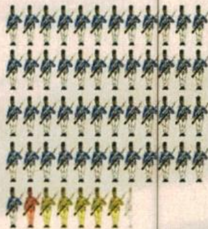
Um dos grandes trunfos de Napoleão era sua artilharia. Os canhões do Império Francês, manejados por soldados de elite, eram precisos e se moviam com muito mais agilidade que os dos rivais. Em Austerlitz, a artilharia foi essencial para conter o ataque contra o flanco direito dos franceses, mas também protagonizou uma das maiores crueldades já feitas por Napoleão. Ao ver soldados russos em fuga, correndo sobre um lago congelado, ele ordenou que seus canhões atirassem no gelo. O chão se partiu e centenas de homens morreram afogados – os relatos da época falam em até 2 mil vítimas.

GUERRA EM PAZ

©1


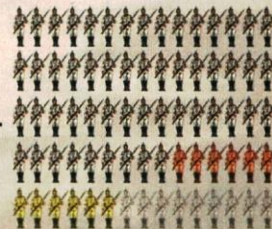
Em dezembro de 2005, 200 anos após a batalha de Austerlitz, tropas francesas, russas e austríacas voltaram à região, tomando as pacatas cidades de Slavkov, Tvarozna e Brno, na atual República Checa. Mas não houve violência alguma: foi apenas uma reencenação histórica, que é um hobby comum entre os aficionados por guerras da Europa. Cerca de 4 mil pessoas – incluindo 100 cavaleiros – de diversos países vestiram suas roupas de época e participaram do evento. Foi a maior reconstituição de Austerlitz já feita.

FRANÇA


68 000 homens
157 canhões

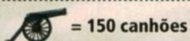
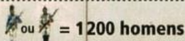
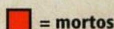
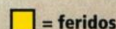
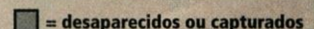
X

ÁUSTRIA
RÚSSIA



90 000 homens
318 canhões

 = 150 canhões
 ou = 1 200 homens
 = mortos
 = feridos
 = desaparecidos ou capturados

© INFOGRÁFICO DIEGO SANCHES, FABIANO ONÇA, FÁBIO PEIXOTO E MICHELE KANASHIRO
QUADRINHOS: RICARDO GIASSETTI (TEXTO), D'ANGELO (ARTE) E DIEGO SANCHES (COR)
1 REPRODUÇÃO

Reforma DEMOLIDORA

Há 490 anos, Martinho Lutero iniciou a Reforma Protestante. O movimento – que incluiu renovação espiritual, mudanças sociais e politicagem – rachou a Europa e ajudou a forjar o mundo atual

POR REINALDO JOSÉ LOPES DESIGN FABIO OTUBO ILUSTRAÇÕES MURILO MACIEL

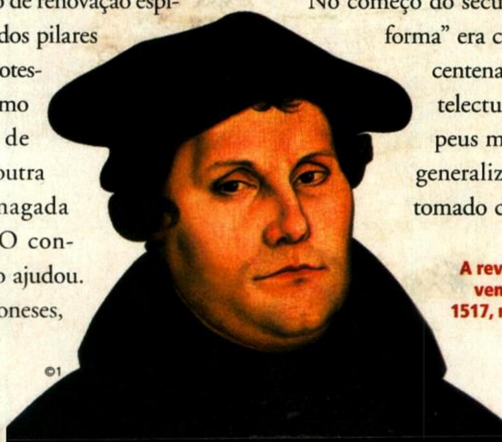
Quem vive no século 21 costuma ter dificuldade para entender a obsessão dos antigos europeus com o fim do mundo. Para um ex-monge que viveu no século 16, porém, era difícil não acreditar que o Apocalipse estivesse chegando. Ele deixou isso claro ao comentar o livro do profeta Daniel – um dos textos bíblicos que prevêem o fim do mundo. "Tudo aconteceu e está consumado", escreveu Martinho Lutero por volta de 1530. "O Império Romano *(o Sacro Império Romano-Germânico)* está no fim, os turcos batem à porta, o esplendor do papismo se desvaneceu e o mundo está rachando por toda parte, como se fosse cair aos pedaços."

Se ainda estivesse vivo, é possível que Lutero ficasse decepcionado com a demora para que o Apocalipse ocorresse. Mas ele não forçou tanto a barra ao afirmar que o fim estava próximo. Graças ao ex-monge alemão e a uma geração de reformadores religiosos, um mundo, pelo menos, já tinha acabado: aquele que, durante mais de 1 100 anos, unira os cristãos do Ocidente. No lugar de uma só igreja, monolítica, dominada pela supremacia do papa em Roma, metade da Europa Ocidental foi sendo tomada por igrejas que consideravam a velha tradição católica como uma corrupção inaceitável dos ideais cristãos.

Esse desejo de renovação espiritual foi um dos pilares da Reforma Protestante. Mas como ela escapou de virar apenas outra "heresia" esmagada pela Igreja? O contexto histórico ajudou. Alguns camponeses, por exemplo, viram na Reforma a chance de corrigir injustiças do sistema feudal. Enquanto isso, no topo da sociedade européia, nobres sentiram que o grito dos reformadores era um ótimo pretexto para arrancar o poder de papas, cardeais e arcebispos. A mistura de intenções puras e objetivos interesseiros ajudou a Reforma a ir longe e redefiniu o mapa da Europa.

TREMOR NAS FUNDAÇÕES

No começo do século 16, falar em "reforma" era conversa velha. Fazia centenas de anos que os intelectuais e místicos europeus malhavam a bagunça generalizada que parecia ter tomado conta da Igreja. "Na »



A revolta de Lutero contra a venda de indulgências, em 1517, rachou o mundo cristão

© 1 EPD-BILD NORBERT NEETZ/DPA/CORBIS

©1

» Idade Média, a palavra *reformatio* estava na boca de todos, assim como ocorre hoje com a palavra 'democracia'. E se caracterizava pela mesma multiplicidade de significados", diz o holandês Heiko Oberman, um dos grandes estudiosos da Reforma, no livro *Luther: Man Between God and the Devil* ("Lutero: o homem entre Deus e o Diabo", inédito no Brasil).

Os críticos atacavam a vida de riqueza e luxúria dos líderes católicos e ficavam exasperados com a maneira como os altos cargos da hierarquia eclesiástica (que muitas vezes eram acompanhados pela posse de ricos feudos) viravam moeda de troca política. Mas o hábito que provavelmente mais escandalizava os intelectuais era a venda de indulgências. Com doações à Santa Sé, os cristãos mais abastados podiam, em tese, reduzir o tempo no Purgatório e agilizar sua ida ao Paraíso – era quase como comprar um lugar no céu.

Todos os defensores da tal *reformatio*, entretanto, queriam corrigir o cristianismo de dentro para fora. Quebrar a unidade da Igreja era algo quase impensável. "Havia dissidências, mas elas geralmente eram localizadas, excessivamente diversificadas e sem coordenação", diz Euan Cameron, professor de Religião da Universidade Columbia, nos Estados Unidos. Quem deu uma mãozinha para tornar o reformismo mais radical foi o Renascimento. Com o declínio da Idade Média na Europa, a filosofia e a arte da Antiguidade estavam sendo redescobertas por estudiosos. Isso incluía os pensadores do começo do cristianismo e o texto original da *Bíblia*. Era a primeira vez em muito tempo que os acadêmicos da Europa Ocidental tentavam ler os Evangelhos em grego ou o Antigo Testamento em hebraico, deixando de se guiar apenas pelas versões em latim preferidas pela Igreja. Os textos antigos faziam seus leitores repensar as bases da própria fé e comparar o passado "santo" do cristianismo com seu presente mundano. O meio universitário europeu permitia uma certa liberdade para discutir esses temas.

Além do Renascimento, profundas mudanças sociais completavam o cenário favorável à Reforma. Com o desenvolvimento do capitalismo, surgia um mercado europeu dinâmico, envolvendo banqueiros, artesãos e comerciantes que queriam se ver livres de amarras políticas e religiosas para negociar. Especialmente na Alemanha, a terra natal de Lutero, muitas regiões começavam a se ver mais como parte de uma grande nação alemã que como membros

O papa contra-ataca

A resposta católica à Reforma veio no Concílio de Trento

Roma demorou para formular uma resposta abrangente contra a ameaça da Reforma. Nos anos 1530, o Vaticano convocou uma comissão de religiosos de alta competência teológica e reconhecida moralidade para produzir um relatório sobre o que deveria mudar na Igreja. "O relatório, chamado de Consilium de Emendenda Ecclesia e apresentado ao papa em março de 1537, foi uma bomba", escreve o historiador britânico Eamon Duffy no livro *Santos e Pecadores – História dos Papas*. A comissão disse que a culpa pela Reforma era do próprio Vaticano e listou uma série de medidas draconianas para botar a casa em ordem. Em termos de teologia, o texto chegava até a dar razão a Lutero em alguns pontos. Como dizia o cardeal inglês Reginald Pole, um dos autores, "os hereges *(protestantes)* não são hereges em tudo". O próprio Lutero, aparentemente adorando tudo aquilo, fez questão de publicar uma tradução em alemão, com suas próprias – e irônicas – notas de rodapé.

A coisa pegou tão mal que o relatório acabou arquivado. Mas a Igreja continuou seus planos de reforma interna com o Concílio de Trento, reunião realizada entre 1545 e 1563 na cidade italiana de mesmo nome. Nele, os católicos fizeram questão de não ceder um milímetro na parte doutrinária, teológica e organizacional, reafirmando coisas como o uso de imagens, a devoção a Maria e aos santos e a autoridade do papa. Mas, ao mesmo tempo, o Vaticano fez um esforço sincero para elevar o nível cultural e moral dos padres: foi nessa época que surgiram, pela primeira vez, seminários sérios – em que os futuros padres eram educados com rigor. Além disso, houve um impulso poderoso para converter povos que nunca tinham tido contato com o cristianismo. Por meio dos jesuítas e outros grupos missionários, a Igreja transformou a América Latina num domínio totalmente católico – e conseguiu inúmeras conversões na Índia, na China, no Japão e nas Filipinas. Pelo menos em termos populacionais, o catolicismo parecia ter perdido parte da Europa para ganhar o mundo.



Mosaico de crenças

Veja como rezavam os europeus no fim do século 16

- CATÓLICOS
- LUTERANOS
- ANGLICANOS
- CALVINISTAS
- MUÇULMANOS
- ORTODOXOS

FINLÂNDIA
NORUEGA
ESTÔNIA
ESCÓCIA
SUÉCIA
IRLANDA
DINAMARCA
Mar Báltico
Mar do Norte
Copenhague
PRÚSSIA
INGLATERRA
LITUÂNIA
Berlim
Londres
Wittenberg
POLÔNIA
HOLANDA (SOB DOMÍNIO ESPANHOL)
PRINCIPADOS GERMÂNICOS
Paris
BOÊMIA
Munique
ÁUSTRIA
Zurique
Budapeste
FRANÇA
HUNGRIA
Veneza
Milão
Madri
ESTADOS PAPAIS
IMPÉRIO OTOMANO
Mar Adriático
PORTUGAL
Mar Mediterrâneo
Roma
ESPANHA
NÁPOLES

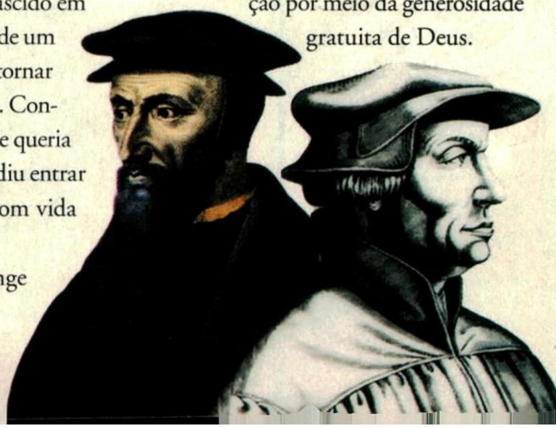
do velho Sacro Império (que se estendia da França à atual República Checa), muito influenciado pelo papado.

CONFUSÃO NA PORTA

Num ambiente cheio de insatisfação com a Igreja, quem deu o primeiro passo para uma mudança séria foi um monge alemão com doutorado que dava aulas na Universidade de Wittenberg. Nascido em 1483, Martinho Lutero era filho de um camponês que enriquecera ao se tornar empresário da área de mineração. Contrariando os interesses do pai, que queria fazer dele advogado, Lutero decidiu entrar para um convento ao escapar com vida de uma tempestade de raios.

O jovem se tornou um monge exemplar. Apesar disso, sua consciência vivia atormentada. Ele temia a justiça de Deus, acreditando que os seres humanos eram tão pecadores que jamais seriam capazes de alcançar a salvação. Estudando a *Bíblia*, ele concluiu que os cristãos só poderiam ser salvos pela fé: incapazes de se redimir por sua força interna ou por suas boas ações, os fiéis receberiam a salvação por meio da generosidade gratuita de Deus.

Se o raciocínio de Lutero estava correto, a prática das indulgências era ainda pior do que se costumava acreditar. A Igreja estaria basicamente fazendo propaganda enganosa, já que não teria poder para amenizar os pecados – cujo julgamento caberia apenas a Deus. Em 1517, Lutero escreveu uma lista de críticas sobre as indulgências, num texto que ficaria conhecido como as 95 Teses. Elas foram pregadas na porta da igreja do castelo de Wittenberg, à vista de todos. "O conteúdo teológico do documento não é especialmente importante. Sua importância vem do fato de que alguns editores com visão de negócios mandaram imprimi-lo, »



Calvino *(à esq.)* e Zwinglio: eles pregaram os ideais da Reforma na França e na Suíça

» sem perceber que estavam instituindo uma revolução nas comunicações", diz Robert Kolb, professor de Teologia Sistemática do Seminário Concórdia, nos Estados Unidos. Por volta de 1520, as 95 Teses e outros textos de Lutero tinham alcançado a incrível tiragem de 600 mil exemplares. Nada menos que 20% dos panfletos publicados na Alemanha entre 1500 e 1530 foram assinados pelo monge encrenqueiro – é como se, hoje em dia, um completo desconhecido passasse a ter o blog mais acessado do país.

Em semanas, boa parte dos intelectuais da Europa ficou sabendo da polêmica. Muitos se puseram do lado de Lutero. Já a Igreja recusou o debate teológico proposto pelo religioso e o ameaçou de excomunhão em 1520. Lutero não quis se retratar. No ano seguinte, ele foi chamado diante do imperador Carlos V e da Dieta (algo como a câmara dos deputados) do Sacro Império. Continuou irredutível. A partir daí, embora tenha conseguido escapar, ele se tornou um herege condenado à morte.

TEMPLOS MODERNOS

Após passar uma temporada escondido, Lutero voltou a dar aulas em Wittenberg, protegido pelo príncipe Frederico III da Saxônia. Dizia que só a *Bíblia* podia ser considerada a palavra de Deus e que todos os cristãos eram sacerdotes. Não tão longe dali, outra voz se erguia contra a Igreja. Na década de 1520, o padre Ulrico Zwinglio tinha lançado na Suíça um ataque às indulgências parecido com o de Lutero e também defendia a supremacia da *Bíblia* sobre as autoridades eclesiásticas. Zwinglio se tornou um dos líderes políticos de Zurique e acabou com a veneração de imagens de santos e com a música nas cerimônias religiosas. Alguns cantões suíços se uniram a Zurique, enquanto outros declararam guerra aos "hereges". O próprio Zwinglio acabaria morto em combate, em 1531.

Na Alemanha, alguns defensores das idéias de Lutero, como o padre Thomas Müntzer, começaram a interpretar a Reforma de um ponto de vista social. Afinal, se o único rei verdadeiro era Deus, por que continuar obedecendo à realeza? Camponeses, plebeus e até nobres se uniram a Müntzer e pegaram em armas. Entre 1524 e 1525, a Guerra dos Camponeses virou a Alemanha de pernas para o ar. Os nobres conseguiram massacrar os rebeldes – e foram apoiados por Lutero, que recusava o uso da violência defendido por Müntzer e considerava heréticas certas práticas dos revoltosos, como o batismo de adultos que já tinham sido batizados quando bebês.

As nações de língua alemã não eram as únicas a sofrer a influência dos reformistas. Nas décadas de 1520 e 1530, por exemplo, o luteranismo se tornou tão influente na Escandinávia que acabou levando a um rompimento da região com Roma. Já na Inglaterra, o rei Henrique VIII (tão católico que chegara a escrever um tratado

Árvore de igrejas

A Reforma deu origem aos anglicanos e às religiões protestantes

anglicana
ORIGEM: Reino Unido
ÉPOCA: século 16
CARACTERÍSTICAS: liderada por bispos e arcebispos, é a que mais se aproxima da Igreja Católica, embora não tenha uma autoridade suprema e rejeite o comando do papa.

reforma

católica
ORIGEM: Roma
ÉPOCA: século 1
CARACTERÍSTICAS: defende a autoridade do papa, o celibato para todos os padres e, do ponto de vista teológico, o papel dos santos e da Virgem Maria.

luterana
ORIGEM: Alemanha
ÉPOCA: século 16
CARACTERÍSTICAS: centraliza sua teologia na chamada doutrina da justificação, segundo a qual só a fé em Jesus Cristo (e não as boas ações) pode salvar o homem.

calvinista
ORIGEM: França e Suíça
ÉPOCA: século 16
CARACTERÍSTICAS: segue a doutrina da predestinação. Deus seria responsável por escolher as pessoas que se salvam e, segundo alguns, também as que são condenadas.

metodista
ORIGEM: Reino Unido
ÉPOCA: século 18
CARACTERÍSTICAS: suaviza a doutrina da predestinação, afirmando que a fé humana em Cristo, guiada pelo livre-arbítrio, ajuda a determinar as pessoas que serão salvas.

pentecostais e neopentecostais
ORIGEM: Alemanha e Estados Unidos
ÉPOCA: século 19.
CARACTERÍSTICAS: enfatizam a ação direta do Espírito Santo sobre o indivíduo, manifestada em dons como falar línguas desconhecidas. Algumas vêem a prosperidade como sinal da bênção divina.

protestantismo

protestante

contra Lutero), queria que o papa anulasse seu casamento com Catarina de Aragão. O problema é que a rainha era tia do líder do Sacro Império, Carlos V, a quem o papa não queria desagradar. Em 1533, persuadido por conselheiros com inclinações protestantes, Henrique VIII resolveu se divorciar sem autorização papal. Nascia aí a Igreja Anglicana, cuja liderança coube ao rei britânico. "Anos antes, a Reforma na Inglaterra parecia impossível, mas acabou se instaurando", diz o historiador Christopher Haigh, da Universidade de Oxford, na Inglaterra. A nova religião começou quase como um catolicismo sem papa, mas foi sendo cada vez mais influenciada pela Reforma, até ficar no meio do caminho entre protestantismo e catolicismo.

O último golpe contra a antiga unidade cristã veio da França. Lá, um advogado chamado João Calvino desenvolveu doutrinas ainda mais radicais, que não só rejeitavam a autoridade do papa e a missa como consideravam que Deus predestinava apenas certas pessoas para a salvação. A partir de 1536, Calvino refugiou-se em Genebra, na atual Suíça, e, após vencer diversos conflitos, instituiu um sistema de governo dominado por sua visão do cristianismo. A cidade se tornou um centro de formação de missionários protestantes.

Enquanto isso, na Alemanha de Lutero, nobres rompiam com a Igreja e aproveitavam para tomar suas terras e riquezas. Para brecar a onda de mudanças, o imperador Carlos V deu início a uma guerra civil no Sacro Império. Sem conseguir vencer pelas armas, ele assinou um acordo com os luteranos: a Paz de Augsburgo, em 1555. Graças a ela, cada príncipe ficou livre para determinar a religião de seu território. A divisão da Europa cristã em duas tinha acabado de virar lei. Nos 100 anos seguintes, guerras religiosas ainda matariam muita gente na Europa. Lutero, contudo, não viveria para ver a Paz de Augsburgo nem o sangue derramado depois. Casado com a ex-freira Katharina von Bora, ele morreria em Eisleben, sua terra natal, em 1546.

Hoje, passados 490 anos da publicação das 95 Teses, protestantes e católicos já são capazes de dialogar pacificamente em debates sobre teologia. Mas, se não entram mais em guerra por causa de suas diferentes convicções religiosas, os dois lados ainda são protagonistas de disputas intensas. No Brasil, por exemplo, a Igreja Católica luta diariamente contra a perda de fiéis para o ramo mais jovem do protestantismo: as igrejas neopentecostais, conhecidas como "evangélicas". ■

SAIBA MAIS

LIVROS

***A Companion to the Reformation World*, R. Po-Chia Hsia, Blackwell Science, 2006**
É a coletânea histórica mais atual sobre a Reforma. Aborda os movimentos precursores e os que vieram depois.

***Luther: Man Between God and the Devil*, Heiko Oberman, Yale University Press, 2006**
Mostra como a mentalidade do reformador Lutero tinha muito a ver com as idéias medievais.

MAIS NO SITE — Saiba como, no início do século 20, o sociólogo alemão Max Weber relacionou a ética protestante ao bom funcionamento do capitalismo.

TERRA BRASILIS

A GUERRA DE SÃO PAULO

Maior conflito armado do país no século 20, a Revolução de 1932 durou dois meses. Sem o apoio esperado – e com o armamento em frangalhos –, o estado não teve chance contra o governo federal

POR MAURO TRACCO **DESIGN** FABIO OTUBO

O moral dos cerca de 20 mil homens que compunham o exército rebelde paulista estava alto. A vitória estava garantida "sem um único tiro de fuzil" – era o que se bradava. O maior conflito armado do século 20 no país, entre 9 de julho e 2 de outubro de 1932, colocou de um lado o chamado Exército Constitucionalista e, de outro, as forças federais. Formada por militares rebelados, membros da Força Pública Paulista (FPP) e voluntários, a tropa rebelde brigava contra a ditadura de Getúlio Vargas que, em 1930, acabara com o Congresso e anulara a Constituição.

Apesar de todo o otimismo inicial, apenas um dia após a declaração de guerra o alto comando das tropas constitucionalistas já sabia que não tinha chance de vitória. Para que o plano desse certo, era fundamental a adesão militar do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais à causa. Horas após a eclosão do conflito, porém, Flores da Cunha, interventor no Rio Grande do Sul, e Olegário Maciel, governador de Minas Gerais, colocaram suas forças à disposição de Vargas. O general Bertoldo Klinger, comandante dos constitucionalistas, que havia ido a Mato Grosso em busca de armamentos, voltou de mãos vazias.

O plano de guerra formulado pelos chefes militares antes do 9 de julho era simples. São Paulo bloquearia o Vale do Paraíba para impedir uma manobra federal contra o território paulista. E Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso adeririam à causa. Mas, diante da falta de aliados, Klinger sabia que apenas um acontecimento externo poderia evitar São Paulo de ser esmagado. As opções eram o surgimento no exterior de um fornecedor de material bélico, os sonhados levantes por outros estados, a sublevação da Marinha de Guerra ou até mesmo uma paz negociada com o governo. Para dar tempo para que esse acontecimento externo realmente ocorresse, a ordem era resistir.

FRAGILIDADE MILITAR

O entusiasmo pela causa atingia diferentes grupos e classes sociais de São Paulo. Entre os soldados rebeldes estavam médicos, advogados, industriais e fazendeiros. "A idéia de paulistanidade, que existia desde o fim do século 19, sustenta um discurso hegemônico e dissolve as diferenças sociais", diz Ilka Stern Cohen, doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. "A imprensa e os discursos retratavam São Paulo como um território invadido, cuja humilhação era preciso apagar. A produção desse clima explica o envolvimento de pessoas que acreditavam na guerra como um meio de lavar a honra do estado."

Mas, se sobrava entusiasmo, faltava experiência. A carência de instrução mi-







Os constitucionalistas começaram a guerra otimistas, confiando no apoio que não veio

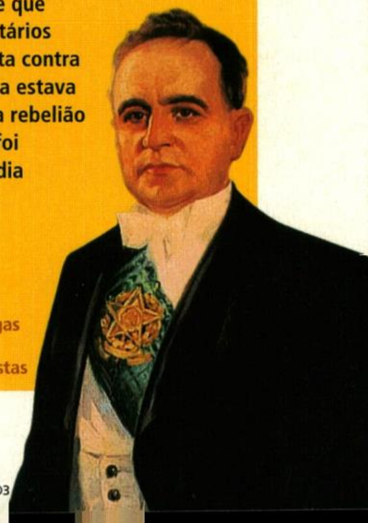
litar causava problemas de comando e disciplina. Além disso, muitos voluntários sequer sabiam manejar um fuzil. E, mesmo que soubessem, não havia armas para todos. Por se acreditar que seria uma guerra curta – e com aliados –, o alto comando tinha convicção de que o material bélico disponível seria suficiente. Só depois da eclosão da rebelião é que o coronel Júlio Marcondes Salgado, chefe da FPP, descobriu que os 3 milhões de cartuchos que possuíam estavam quase que inteiramente imprestáveis, enquanto 60% dos 8 mil fuzis se escangalhavam após os primeiros tiros. Os modelos mais novos, 40% do total, eram de 1908. O resto datava até de 1893.

"A situação material era crítica desde o início e as reclamações dos comandantes constitucionalistas nos vários teatros de guerra começaram imediatamente", escreveu o cientista político Stanley Hilton em »

Os motivos da briga

Governo de Vargas só era provisório no nome

"Não é possível entender a Revolução de 32 sem olhar antes a Revolução de 30", diz o historiador Marco Antônio Villa, professor da Universidade Federal de São Carlos. Em 3 de novembro de 1930, Getúlio Vargas tomou o poder e instalou seu governo provisório. Sua ditadura acabou com o Congresso e com as assembléias legislativas e depôs os governadores de estado, substituídos pelos interventores federais. Esses interventores governariam até a aprovação de uma nova Constituição, que não vinha nunca. "O governo provisório no Brasil tinha virado permanente", diz Villa. Em São Paulo, a insatisfação com a demora da elaboração de nova Constituição e o fato de que o interventor nomeado não era paulista irritou os cafeicultores, que buscavam recuperar o poder e a influência perdidos após 1930. No dia 23 de maio de 1932, quatro estudantes, Martins, Miragaia, Dráuzio e Camargo, morreram em um confronto com a polícia getulista na praça da República. Eles viraram mártires e suas iniciais batizaram o MMDC, entidade civil que se tornou símbolo da revolução e que alistava voluntários civis para a luta contra Vargas. O clima estava armado para a rebelião paulista, que foi declarada no dia 9 de julho.

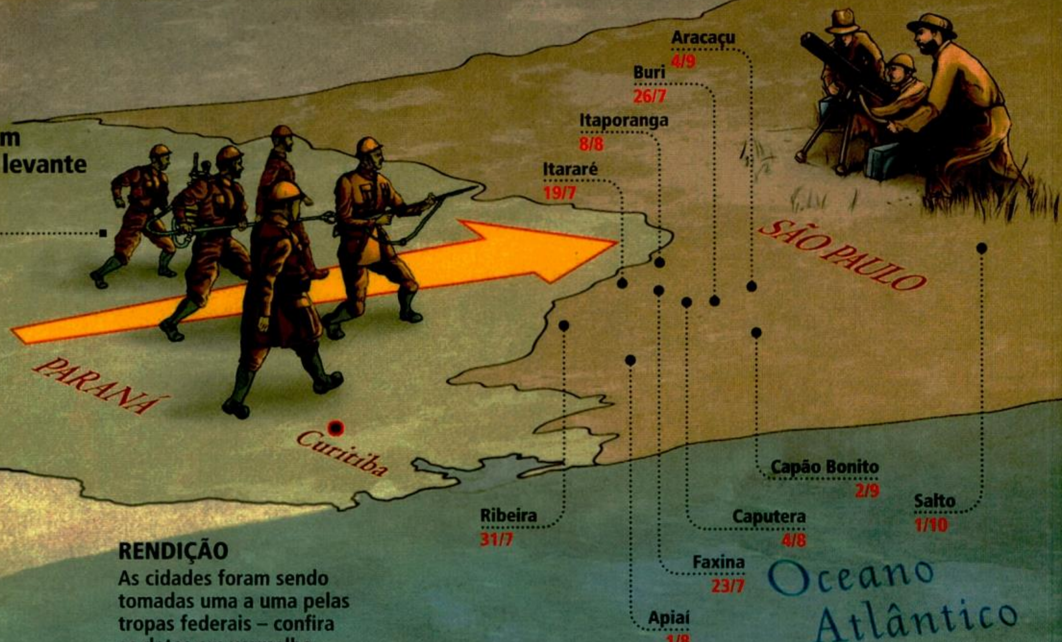


O golpe dado por Getúlio Vargas em 1930 feriu interesses paulistas

Estado adentro

Tropas federais avançaram em duas frentes para suprimir o levante

SUL
Na região, a estrada rodoviária que entrava no estado por Ribeira e a ferrovia Sorocabana, que começava em Itararé, serviram de rotas de penetração. Os dois eixos convergiam sobre Itapetininga.





©1

RENDIÇÃO
As cidades foram sendo tomadas uma a uma pelas tropas federais – confira as datas em vermelho.

» *1932 – A Guerra Civil Brasileira.* A maioria das correspondências enviadas para Klinger era pedido de munição. Devido ao cerco federal, a única forma de aumentar o estoque de munições era fabricando-as. A fábrica de pólvora em Piquete, na região do Vale do Paraíba, estava nas mãos dos rebeldes e o estado de São Paulo possuía a mais avançada base industrial da América Latina. A iniciativa privada fez o que pode para suprir as tropas com o necessário.

A grande contribuição da indústria foi na produção de munição de fuzil e granadas de mão. A Fábrica Nacional de Cartuchos e Munições, em São Bernardo do Campo, pertencente ao grupo Matarazzo, desempenhava papel principal. Os engenheiros e estudantes da Escola Politécnica da USP desenvolveram morteiros, granadas de mão e carros blindados. Como tudo foi feito às pressas, os resultados, claro, não foram dos melhores. Já na demonstração dos primeiros morteiros aos comandos gerais do exército rebelde, o armamento falhou, explodiu e seus estilhaços mataram um coronel e um capitão. Foram as primeiras vítimas da improvisação do material bélico. Muitas outras viriam.

Uma "arma" desenvolvida pelos constitucionalistas ilustrava bem a situação bélica paulista. Tratava-se de um instrumento movido a manivela que simulava o som de uma metralhadora para assustar o inimigo. O coronel da FPP Herculano Carvalho e Silva descreve em *A Revolução Constitucionalista* a indignação de seus homens ao verem a matraca. "Um crime permitir-se que aqueles moços se expusessem às balas adversárias, ao metralhar dos aviões e tivessem como arma de defesa instrumentos que não o eram, na persuasão de iludir o adversário, quando na verdade procuravam iludir-se a si mesmos."

FUGA ESPAVORIDA

Levou pouco tempo para que os reveses nos campos de batalha transformassem o



©2

Faltava tudo para as tropas rebeldes: comida, armas, munições e experiência militar

MINAS GERAIS

LESTE
Devido ao fator geográfico, o avanço federal nesse setor era mais lento. Os terrenos da fronteira São Paulo-Minas Gerais e do Vale do Paraíba eram montanhosos, íngremes, de difícil acesso, o que facilitava sua defesa.

Belo Horizonte

Mogi-Mirim 5/9

Eleutério e Itapira 26/8

Pedreira 14/9

Amparo 12/9

São Paulo

Jaguari 15/9

RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro

Areias 8/8

Cruzeiro 13/9

São José do Barreiro 30/7

Cunha 18/9

CAMPINAS
Após todos os insucessos, só restava aos paulistas defender Campinas, o último reduto. A cidade era defendida por guardas avançadas. Mas, antes que fossem superadas, Klinger pediu o fim da luta, em 29 de setembro.

ARMISTÍCIO
O município de Cruzeiro foi palco do acordo entre legalistas e constitucionalistas, ocorrido em 2 de outubro de 1932.

TÚNEL DA MANTIQUEIRA
Perto de Cruzeiro, o túnel é símbolo da resistência paulista. Toda a região foi cercada por trincheiras e guardas avançadas. O general Góis Monteiro ordenou que as tropas esperassem a retirada dos paulistas.

entusiasmo paulista em pânico. A primeira vitória federal de grande efeito moral ocorreu em Itararé, na fronteira com o Paraná. O combate começou em 17 de julho com lutas de trincheira e, na maior parte do tempo, de armas brancas como baionetas e facas. No dia seguinte, os constitucionalistas começaram a retirada. Na manhã do dia 19, as forças governistas ocuparam a cidade. "Tomamos Itararé a baioneta. Inimigo fugiu espavorido", telegrafou o general Valdomiro Lima para o interventor federal do Paraná, Manoel Ribas.

A história se repetiu em praticamente todas as batalhas. Federais atacavam e paulistas recuavam. A falta de armas e de experiência, a fome e o desrespeito ao comando eram as principais causas da debandada. No caminho da fuga, armas, cavalos e veículos eram deixados de presente para as forças federais. Pior para os moradores das cidades localizadas nas zonas de combate. Um dos efeitos mais devastadores e comuns sobre os habitantes das zonas de batalha eram os saques, que se tornaram rotineiros. Os rebeldes arrombavam e incendiavam casas, matavam animais, roubavam dinheiro, comida e roupas. Além de saquear, os retirantes incentivavam a população, alarmando a respeito das tropas federais, a abandonar os locais.

A presença militar das tropas governistas não acabava com os problemas dos civis interioranos. As tropas governistas também saqueavam, embora menos. Isso sem falar que o Exército podia tomar os bens da população sem infringir a lei. Como a situação das forças ditatoriais também não era das melhores, o governo não tinha recursos materiais para dotar o Exército do necessário. Vargas procurou acelerar a produção de artigos bélicos e recorreu a mercados externos, mas também baixou um decreto obrigando todos os habitantes dos estados do Sul e do Sudeste a cumprir com qualquer requisição feita por membros das Forças Armadas. O principal item confiscado eram veículos, mas a prática abrangia todo tipo de bens. Teoricamente, a vítima da requisição deveria obter um recibo que lhe garantiria uma indenização. Mas era comum a tomada de bens sem o fornecimento do recibo. E a demora para sair a indenização era grande.

O incessante recuo paulista fez com que o inimigo chegasse às portas da capital. Hora de reconhecer a derrota. A guerra acabou em 2 de outubro, para alívio dos dois lados. Um oficial rebelde escreveu em relatório: "Congratulo-me com a Força Pública pela cessação da tremenda luta, a qual salvou a capital do estado e a maior parte de seu território da invasão inevitável, com todas as suas conseqüências".


"Arma" do exército rebelde: matraca imitava o som de metralhadora para assustar

São Paulo até hoje comemora o 9 de julho e faz o possível para ignorar o 2 de outubro, mas o impacto da derrota foi profundo – embora a terceira Constituição brasileira tenha sido publicada em 1934. "O discurso do 'perdemos, mas vencemos' foi um consolo", diz Ilka Cohen. "Foram quase 800 mortos por nada." ■

SAIBA MAIS

LIVRO

***1932 – A Guerra Civil Brasileira*, Stanley Hilton, Nova Fronteira, 1982**
A obra, uma das mais completas sobre o tema, traz detalhes sobre o conflito e as articulações políticas aqui e no exterior.

MAIS NO SITE
Ouça trechos de hinos da campanha constitucionalista e de discursos da Revolução de 1932, além de músicas que faziam sucesso na época.

© 1 HARE 2 CPDOC / FGV 3 PATRÍCIA STAVIS / ACERVO RODRIGO TELLES

PANO PARA MANGA

A italiana Gabriella Pascolato nasceu aristocrata mas precisou fugir de seu país com o marido, ministro de Benito Mussolini, após a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, construiu seu próprio império da moda

POR ANA PAULA ALFANO **DESIGN** GLENDA CAPDEVILLE



©1

Nos braços, o filho, Alessandro, um bebê com pouco menos de 2 anos. Costanza, a mais velha, 4 anos, ia a seu lado, no colo da babá, a suíça Blanche Raval. Foi assim que Gabriella Pascolato, 90 anos, cruzou a pé, clandestina, as montanhas que separam a Itália e a Suíça, perto de Lugano. Só sobreviveram à travessia porque estavam no verão. Era março de 1945 e os Pascolato fugiam da caça aos fascistas de seu país, no fim da Segunda Guerra Mundial. Aristocrata e casada com um político influente da Itália, o advogado Michele Pascolato, então ministro de Benito Mussolini, Gabriella foi parar num campo de refugiados. Tomava apenas dois banhos por semana, trabalhava na horta, comia meio pão por dia e convivia com a infestação de piolhos que atormentava a pequena Costanza. "Nunca me lamentei, fiz o que tinha de ser feito", conta Gabriella, 90 anos. Determinada, ela ainda conseguiu resgatar o marido, que estava escondido na Itália, e embarcar com toda a família para o Brasil, onde abriu a Santa Constância, hoje uma das maiores tecelagens do país.

Em São Paulo, os Pascolato se tornaram grandes amigos dos Matarazzo, freqüentavam as festas da alta sociedade e, depois do sucesso da fábrica, o sobrenome se transformou em referência quando o assunto é moda. Mas até hoje, quando alguém traz à tona o passado político e a relação da família com o fascismo e com o Duce, Gabriella faz questão de explicar: "Nunca tivemos convicções fascistas. Meu marido foi ministro de Mussolini porque a política para ele era um dever. Michele era um idealista, um homem bom, que sempre ajudou muita gente, inclusive judeus."



©2

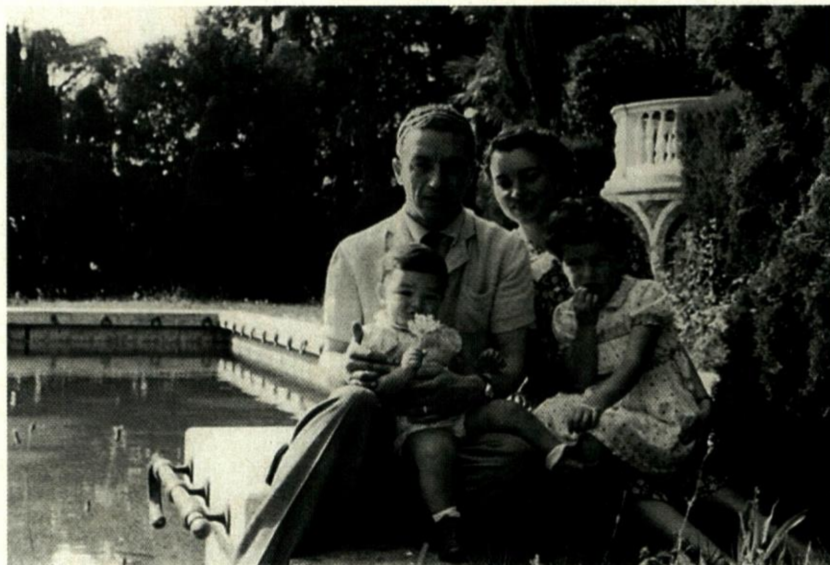
Aos 90 anos, Gabriella desmente que a família tenha sido fascista

HISTÓRIA – **Por que seu marido aceitou ser ministro do governo fascista, se não era um fascista?**
GABRIELLA PASCOLATO – Os Pascolato tinham uma tradição muito grande em política. O avô do meu marido foi ministro da Agricultura da Itália, em 1903. Nem existia fascismo naquela época. Aos 27 anos Michele foi nomeado governador de Veneza simplesmente porque se chamava Pascolato. Nunca questionei suas decisões, nunca julguei. Para ele, exercer um cargo político era um dever.

E a senhora, o que achava do fascismo?
Não era a favor nem contra. Quando Mussolini assumiu o poder eu era muito pequena. O país tinha sido arruinado pela Primeira Guerra e um partido forte, com as promessas que vinham dos fascistas, parecia uma salvação. Parecia, porque depois eles fizeram muita coisa errada. Eram megalomaníacos, achavam que eram o centro do Universo.

Foi o senso de dever do seu marido que o fez ser voluntário na guerra?
A Itália era tudo para Michele. Ele não seria obrigado a servir na guerra, porque era filho único de mãe viúva. Mas foi mesmo assim para a África, ser piloto, e voltou com uma medalha de prata.

A senhora ficou em casa, esperando ele voltar, sem notícias?
Sim, fiquei numa das fazendas do meu pai, perto de Siena. Tinha também dois irmãos servindo na guerra. Só soubemos que estavam vivos quando eles retornaram.


©2

Em Roma, o ministro Michele, a mulher Gabriella e os filhos Costanza e Alessandro, em 1944

Não dava medo ter dois filhos no meio da guerra?
A gente não podia parar de viver por causa da guerra. Costanza nasceu três dias depois de a Alemanha invadir a Polônia. Roma também começou a ser bombardeada. Mesmo em Siena, quando Alessandro nasceu, em 1943, eu via as bombas explodirem ao longe.

Seu apartamento em Roma foi saqueado no fim da guerra. Como aconteceu?
Não estávamos mais lá quando soldados ítalo-americanos entraram e roubaram tudo o que podiam. Perdemos muitas coisas. Não tenho mais fotos dos meus avôs, por exemplo, porque queimaram. Havia muito rancor com a aristocracia, quando a guerra acabou. Como se as pessoas com dinheiro merecessem ser perseguidas.

“Ele *[Mussolini]* era um homem extremamente sério, com um olhar fanático, que beirava o doente. Parecia ter algum distúrbio nervoso, um louco.”

A senhora conheceu o Duce?
Sim, cheguei perto assim como estou de você agora. Sempre foi um contato oficial, em festas ou eventos políticos. Mas o encontrei algumas vezes. Era um homem extremamente sério, com um olhar fanático, que beirava o doente. Parecia uma pessoa com algum distúrbio nervoso, um louco. Eram olhos absolutamente diferentes do seu, do meu, de qualquer pessoa.

A senhora conheceu também a amante dele, Clara Petachi.
Ela tinha o cabelinho muito curto. Foi muito simpática comigo, me recebeu na casa dela. Mas sem saber quem eu era, claro. O arquiteto que projetou a casa era meu amigo e me levou lá, dizendo que eu era uma cliente, que eu ia construir e queria conhecer alguns trabalhos dele. Fui com um nome falso porque ela conhecia o sobrenome Pascolato. Era uma casa muito bonita. Só estranhei que o quarto tinha espelho no teto. »

© 1 LUCAS LIMA 2 DIVULGAÇÃO

» A senhora chegou a estar com Hitler?

Não, porque, quando ele visitou a Itália, eu ainda era noiva. Michele teve de ir a Nápoles, para as cerimônias oficiais, e perguntou se eu queria ir junto. Mas minha mãe achou que, como eu ainda não era casada, não deveria ir.

Qual era sua opinião sobre ele?

Não tinha opinião alguma. Eu achava que não tinha condições de julgar uma pessoa como ele ou como Mussolini. Aliás, nunca julguei uma pessoa por conta de seu cargo político.

> "Eu e Costanza ficamos 40 dias num campo de refugiados de guerra. Mesmo lá nunca reclamei... Escolhi trabalhar na horta, para ficar ao ar livre."

Onde a senhora estava no dia em que Mussolini foi fuzilado *(28 de abril de 1945)*. Como recebeu a notícia?

Só soubemos da morte dias depois. Estava no norte da Itália. Comemoraram e lamentaram. Para mim, não significou absolutamente nada. Tanto Hitler quanto Mussolini eram páginas viradas, coisas do passado.

Como foi o período na Suíça?

Eu e Costanza passamos 40 dias num campo de refugiados de guerra. Como o Alessandro era muito pequeno, pôde ficar com Blanche, que era cidadã suíça, na casa de amigos. Mesmo num campo de refugiados, nunca reclamei. Sempre fui muito prática, me preocupei em fazer o que tinha de ser feito. A gente era obrigada a trabalhar, então escolhi trabalhar na horta, para pelo menos ficar ao ar livre. O campo tinha mulheres de nazistas, judeus, rebeldes comunistas iugoslavos, todos convivendo juntos. Aliás, foi dos iugoslavos que a Costanza pegou piolho. Eles eram muito sujos.

Como a senhora teve acesso à lista dos fascistas perseguidos pelo serviço secreto britânico, na Suíça?

Soube que havia uma lista e decidi que tinha que descobrir se o nome do meu marido estava ou não nela. Ele não era fascista, nunca teve convicções fascistas, era um homem justo, honesto e generoso. Mas, como tinha sido ministro de Mussolini, poderia estar na lista. Ele estava em Milão, escondido na casa do cônsul suíço, e teria condição de nos encontrar na Suíça se não estivesse na lista. Juro que não me lembro que mentira contei aos policiais suíços, mas cheguei à delegacia dizendo que precisava ver a tal lista. Devo ter contado uma mentira muito boa, porque eles me deixaram ver o arquivo inteiro, que tinha as fichas em ordem alfabética. Eram todos os funcionários fascistas que não podiam sair da Europa. O nome do Michele não estava lá.

Quando a senhora decidiu trazer a família para o Brasil, tinha a chance de ir também para a Argentina. Por que veio para cá?

Eu sabia muita coisa sobre os dois países. Tive muitas amigas de colégio que tinham família no Brasil. E meu pai já tinha morado na Argentina. Já simpatizava mais com o Brasil, mas me decidi mesmo depois de uma visita ao consulado argentino, na Suíça. Achei eles muito antipáticos. E também tínhamos uma facilidade para conseguir vistos brasileiros, porque conhecíamos uma pessoa amiga da cantora Gabriella Besanzoni, soprano italiana que tinha se casado com um empresário brasileiro, o Henrique Lage, e era muito amiga do presidente Getúlio Vargas. Ela passou os nossos nomes ao governo brasileiro, o meu, do meu marido, dos meus filhos e da Blanche, a nossa governanta suíça *(ainda viva, tem 94 anos e mora no Brasil)*. Assim conseguimos os vistos.

A primeira parada de vocês no Brasil foi no Rio de Janeiro. Só foram para São Paulo por causa da família Matarazzo?

Quando os Matarazzo souberam que os Pascolato estavam no Brasil, nos procuraram para saber como tínhamos conseguido fugir da Itália. O marido de uma das Matarazzo, Virgínia, era prisioneiro de guerra lá. Vim a São Paulo sozinha, Michele ficou no Rio com as crianças, que estavam gripadas. Quando cheguei à cidade, soube que era aqui que tínhamos de viver e falei para o meu marido vir também. Ficamos um tempo hospedados na casa de um Matarazzo que estava viajando. Eles nos cederam até motorista.

Encontro à italiana: Ciccillo Matarazzo com Gabriella, em São Paulo, em 1951

©1



O empresário e mecenas Ciccillo Matarazzo foi um grande amigo da senhora?

Sim. Ele era um homem incrível. Na época da construção do pavilhão da Bienal, no parque do Ibirapuera, passava no meu escritório na hora do almoço e eu ia com ele visitar as obras. Vi aquilo nascer.

Atitudes do governo brasileiro refletiram nos negócios da sua família no Brasil. Aliás, foi indiretamente por uma resolução de Eurico Gaspar Dutra que a senhora teve a idéia de abrir a Santa Constância, certo?

Quando cheguei ao Brasil, passei um ano vendendo sapatos Ferragamo no país. Eu era cliente de Salvatore Ferragamo desde os 17 anos. Tinha os pés muito arcados e ele foi o único sapateiro que conseguiu fazer modelos confortáveis para mim. Quando viajamos para cá, ele me ofereceu a representação dos sapatos dele em toda a América do Sul. Deu certo por um tempo, mas em 1946 o Dutra baixou uma medida que controlava a importação de produtos de luxo. Eu não podia mais trazer os sapatos Ferragamo. Conhecia o mercado de moda e sabia que, com as novas tendências de Dior, o New Look, ia faltar tecido nobre no Brasil, para os vestidos. Uma tecelagem seria um ótimo negócio.

Em 60 anos de Santa Constância, qual foi o melhor e o pior presidente para os negócios da tecelagem?

O pior foi, sem dúvida, o governo de Fernando Collor. Ele era muito bonito, mas foi péssimo para o Brasil, deu muito trabalho... Não sei quem foi o melhor. Mas o mais simpático era aquele general, o João Figueiredo, muito gentil. Conheci todos os presidentes.



©2

Na São Paulo Fashion Week, em 2003, a empresária foi homenageada na passarela

É verdade que, quando a senhora soube do suicídio de Getúlio Vargas, reparou que o tecido da cadeira onde ele se matou era Santa Constância?

Não apenas o tecido da cadeira. O Palácio do Catete inteiro era decorado com tecidos meus.

> “Quando os Matarazzo souberam que os Pascolato estavam no Brasil, nos procuraram para saber como tínhamos conseguido fugir da Itália.”

A senhora enfrentou preconceito por ser uma mulher à frente dos negócios?

Olha, no começo tentaram ser preconceituosos comigo. Achavam que eu não seria uma boa mulher de negócios. Mas depois todo mundo passou a conhecer minha fama de exigente e séria. Eu era até mais do que o necessário, para poder ser respeitada. E respeitada eu fui.

Em 1953 houve uma greve geral em São Paulo. Como a senhora enfrentou o movimento?

Sempre soube escolher os meus funcionários. Na minha tecelagem a maioria era filho ou neto de imigrante italiano. Houve um dia em que vários sindicalistas pararam na porta da Santa Constância, eu estava na minha sala e ouvia os gritos lá fora. Pois as minhas tecelãs saíram e, com as mãos na cintura, mandaram todo mundo embora. Disseram que nunca tinham sido tão bem tratadas numa empresa e que não iriam parar. ■

SAIBA MAIS

LIVRO

***Gabriella Pascolato – Santa Constância e Outras Histórias*, Sérgio Ribas, Jaboticaba, 2007**
Nesta biografia autorizada, a empresária fala sobre todos os marcos históricos que vivenciou em seus 90 anos.

© 1 DIVULGAÇÃO 2 PISCO DEL GAISO/AGENCIA FOTOSITE

OBRA-PRIMA

TIRA, TIRA!

A mulherada americana teve que rebolar muito para driblar as patrulhas e leis dos bons costumes que as proibiam de tirar a roupa no palco. Assim, aos poucos, nasceu o strip-tease

POR CÍNTIA CRISTINA DA SILVA **DESIGN** MICHELE KANASHIRO **ILUSTRAÇÕES** ALEXANDRE JUBRAN

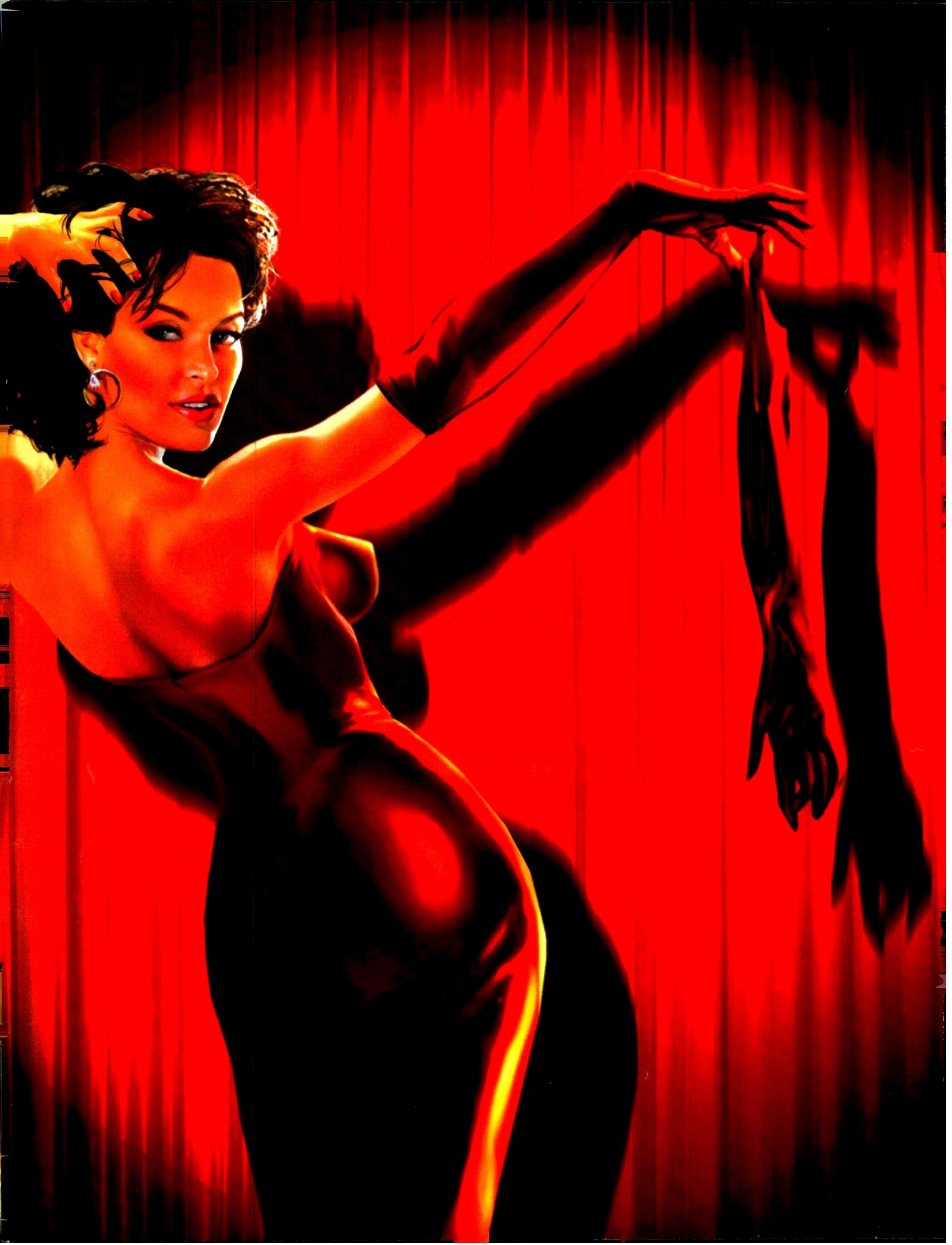
Era uma noite quente de 1917. A platéia do modesto teatro National Winter Garden, no Lower East Side, famoso por monólogos repletos de piadas chulas e por dançarinas insinuantes, era majoritariamente masculina. No palco, acalorada, a comediante Mae Dix decidiu remover a gola de seu vestido para não manchá-lo de suor e assim economizar uma grana com a lavanderia. O gesto banal, feito de modo distraído, levou a galera à loucura. Os homens gritavam na expectativa do que estava por vir. Artista experiente, Mae percebeu o que tinha em mãos e, de imediato, tirou os punhos, também removíveis, de seu figurino. Saiu aplaudida entusiasticamente, após abrir os primeiros botões de seu vestido. Estava criado, oficialmente, o strip-tease. A performance entrou para a história como a primeira vez que uma mulher se despia sem ter uma desculpa "artística" para isso. Resultado: os donos do teatro, os irmãos Minsky, deram à atriz um aumento de 10 dólares por semana para voltar a repetir o ato.

Como não eram nada bobos, os Minsky também encomendaram uma campanha publicitária para divulgar o novo espetáculo. Pouco depois, foi cunhada a expressão strip-tease (tradução literal: despir-se provocando) para descrever a natureza excitante dos shows da casa. Assim, meio sem querer, o ato de tirar a roupa no palco foi virando um espetáculo exportado para o mundo inteiro pelos Estados Unidos. Muito embora esse acontecimento seja lembrado como o marco fundador da arte, a pesquisadora Jessica Glasscock vasculhou os primórdios dos shows de variedades e do burlesco (tipo de teatro popular nos Estados Unidos do início do século 20, famoso por piadas grosseiras, dançarinas ousadas e linguagem pouco refinada) e lá encontrou as raízes da arte do strip-tease, que publicou no livro *Striptease – From Gaslight to Spotlight* (algo como "Da iluminação a gás aos holofotes," inédito no Brasil). Sem as desbravadoras de meados do século 19, talvez não tivesse existido Mae Dix.

QUADROS VIVOS

É preciso lembrar que no fim do século 19 as regras morais eram extremamente rígidas. O menor sinal de conduta libidinosa, a exibição de uma perna nua em cena, por exemplo, era enquadrado como contravenção. Um decreto do estado de Minnesota, de 1891, dá a medida: "Qualquer mulher que, num palco de teatro, casa de shows ou qualquer tipo de espaço público, em que estejam reunidas outras pessoas, expuser partes do corpo, estejam elas vestidas em malhas finas colantes ou em qualquer tipo de vestuário que torne o corpo visível, será considerada culpada de conduta obscena explícita, cuja contravenção poderá ser punida com multa não menor que 5 dólares e não acima de 100 dólares, ou prisão por no mínimo cinco dias e no máximo 30". Para burlar tais leis entra em cena a mirabolante criatividade humana.

Nesse período, para fugir de processos valia tudo. Especialmente manter o strip-tease ou inocentes insinuações de nudez muito próximas da arte. Apoiado numa classificação "artística", era possível montar espetáculos com várias mulheres seminuas ou em malhas colantes reveladoras sem que todo mundo fosse em cana. Os espertos diretores dos teatros burlescos descobriram na arte clássica, especialmente a greco-romana, uma ótima desculpa "educacional" para exibir garotas em trajes mínimos. Arte não pode ser tachada de obscena. Pelo menos, não sem que o acusador tenha de encarar a vergonha pública de ser consi- »



» derado um ignorante. A idéia desses espetáculos batizados de *"Tableaux Vivants"* (Quadros Vivos) era utilizar modelos reais para reproduzir cenas clássicas de pinturas e passagens históricas. O nascimento de Vênus era uma das encenações favoritas. As ninfas, é claro, também pululavam aqui e ali. Detalhe: para esse tipo de show ser considerado um *tableau vivant*, as modelos não podiam se mover.

AS EUROPÉIAS

Os padrões de decência do início do século 19 eram os mesmos da Era Vitoriana. Até o figurino das artistas estava sujeito a esses valores morais. O corpete se tornou uma peça essencial: ele mantinha no lugar o que não deveria ser revelado.

Por volta de 1860, as primeiras transgressoras se livraram desse acessório e causaram reboliço. Pouco depois, com a chegada da trupe da inglesa Lydia Thompson, em 1868, um novo furor se instalou nos palcos americanos. As loiras oxigenadas de Lydia Thompson se apresentavam usando somente uma insinuante malha colante, que, apesar de cobrir o corpo todo, criava a ilusão de nudez.

O roteiro incluía piadas grosseiras, canções populares e textos com insinuações eróticas. No fim, as dançarinas lançavam as pernas ao ar como no cancã. A combinação explosiva de sex-appeal e ousadia não era novidade na Europa, mas nos Estados Unidos causou furor. O espetáculo foi aclamado, apesar das acusações de obscenidade. Depois de Lydia, os americanos começaram a montar shows semelhantes. Baseados em textos literários, esses espetáculos não se preocupavam quase nada com a qualidade da narrativa. Era claro que um belo par de pernas distraía suficientemente o público.

Na onda das inglesas surgiram as "skirt dancers" (dançarinas de saia), como se tornaram conhecidas as moças que não se limitavam ao *pas-de-deux* do balé clássico. O cancã era o carro-chefe das "dançarinas de saias". Além de exibir vitalidade, elas mostravam parte das pernas e a roupa de baixo. Depois delas vieram as dançarinas orientais (ou exóticas). A dança do ventre, considerada imoral e provocante, era a alegria dos homens. Às orientais (muitas americanas vestidas como as originais) era permitido dançar com menos roupas, pois essa era considerada uma questão "cultural" não passível de processo.

O BURLESCO E AFINS

O burlesco, com suas dançarinas exóticas e piadas grosseiras, caiu nas graças do

Estrelas do strip-tease

Os maiores nomes de ontem e de hoje



LITTLE EGYPT (1871)
Causou furor na Feira Mundial de Chicago em 1893 ao fazer a dança do ventre, como uma rainha do Nilo. Depois, a anônima desapareceu.



SARAH BERNHARDT (1844-1923)
Diva do teatro francês, leva a fama de ser uma das pioneiras do strip-tease. Em 1890, o figurino da peça *Cleópatra* exibia sua pele.



GYPSY ROSE LEE (1911-1970)
Fez fama e fortuna com sua beleza e inteligência. Além de tirar a roupa, divertia a platéia com textos espirituosos e bem-humorados. Sua vida virou filme e musical da Broadway, *Um Sonho* (*Gypsy*, 1962).



ANN CORIO (1914-1999)
Estreou com apenas 15 anos. Ficou conhecida por seu show inocente, no qual mostrava pouco o corpo. Em 1960 escreveu e produziu o espetáculo teatral *Isso Foi o Burlesco*.

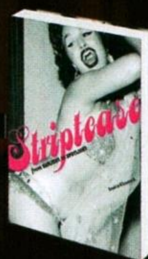
povo. Paralelamente a este movimento, surgiu a tentativa de criar um espetáculo mais leve, recomendado às senhoras respeitáveis. Em 1907, Florenz Ziegfeld Jr. cria o Ziegfeld Follies, um espetáculo de entretenimento refinado, como mandava o vaudeville (espetáculo de variedades musicais, cômicas etc. mais sofisticado que o burlesco). Lindas garotas em figurinos caros e elegantes insinuavam um leve erotismo. Num dos espetáculos, por exemplo, uma garota aparecia numa banheira coberta apenas por bolhas de salão. Em outro, um *tableau vivant* recriava a cena em que Lady Godiva cavalgava nua para forçar o marido a reduzir imposto. Mas o público logo se cansou desse tipo de show, mais caro que o burlesco.

Depois de testemunhar o pioneirismo de Mae Dix, o National Winter Garden voltaria a ser palco de outro marco da história do strip-tease. Em 1931, a casa contratou uma garota que viria a ser a maior stripper da história dos Estados Unidos. Gypsy Rose Lee ficou famosa não só por sua beleza e um par de pernas sensacional, mas também por ser espirituosa e inteligente. Segundo Glasscock, o strip-tease é caracterizado por três elementos: revelar, provocar e divertir. Não necessariamente nessa ordem. "Um verdadeiro strip-tease é um espetáculo teatral, que requer um certo distanciamento entre quem provoca e quem é provocado", diz ela. Gypsy Rose Lee entendeu isso perfeitamente.

As strippers que vieram depois de Gypsy Rose tiveram de se esforçar mais. Foi um festival de cenas sensacionais. Havia quem entrasse no palco vestindo apenas balões, estourados um a um. Outras se cobriam de pombos amestrados, que voavam durante o número. O sucesso desse tipo de espetáculo foi interrompido por uma lei que determinou o fechamento definitivo dos teatros burlescos. Strippers e empresários ficaram a ver navios. Mas as dançarinas logo encontram outros palcos para seus shows, em bares e cabarés. Nos anos 50, em Nova York, o strip-tease era comum em casas noturnas, mas acontecia de forma discreta. O fim dessa década viu o surgimento das pin-ups, lideradas pela maior de todas, Bettie Page. Pouco depois, diante da revolução sexual da década de 60, que sepultaria de vez os últimos resquícios do pudor vitoriano, até mesmo as pin-ups começaram a ser vistas como parte de uma cultura *démodé*. ■



A OBRA



INÉDITO NO BRASIL
***Striptease – From Gaslight to Spotlight*, Jessica Glasscock, Harry N. Abrams, Inc., Publishers, 2003 (177 páginas)**
US$ 29,95

LILI ST. CYR (1918-1999)
Ex-bailarina clássica, ela era a mais refinada e classuda das strippers. Destacava-se por criar elaborados números musicais, em que dramatizava o momento de tirar a roupa.



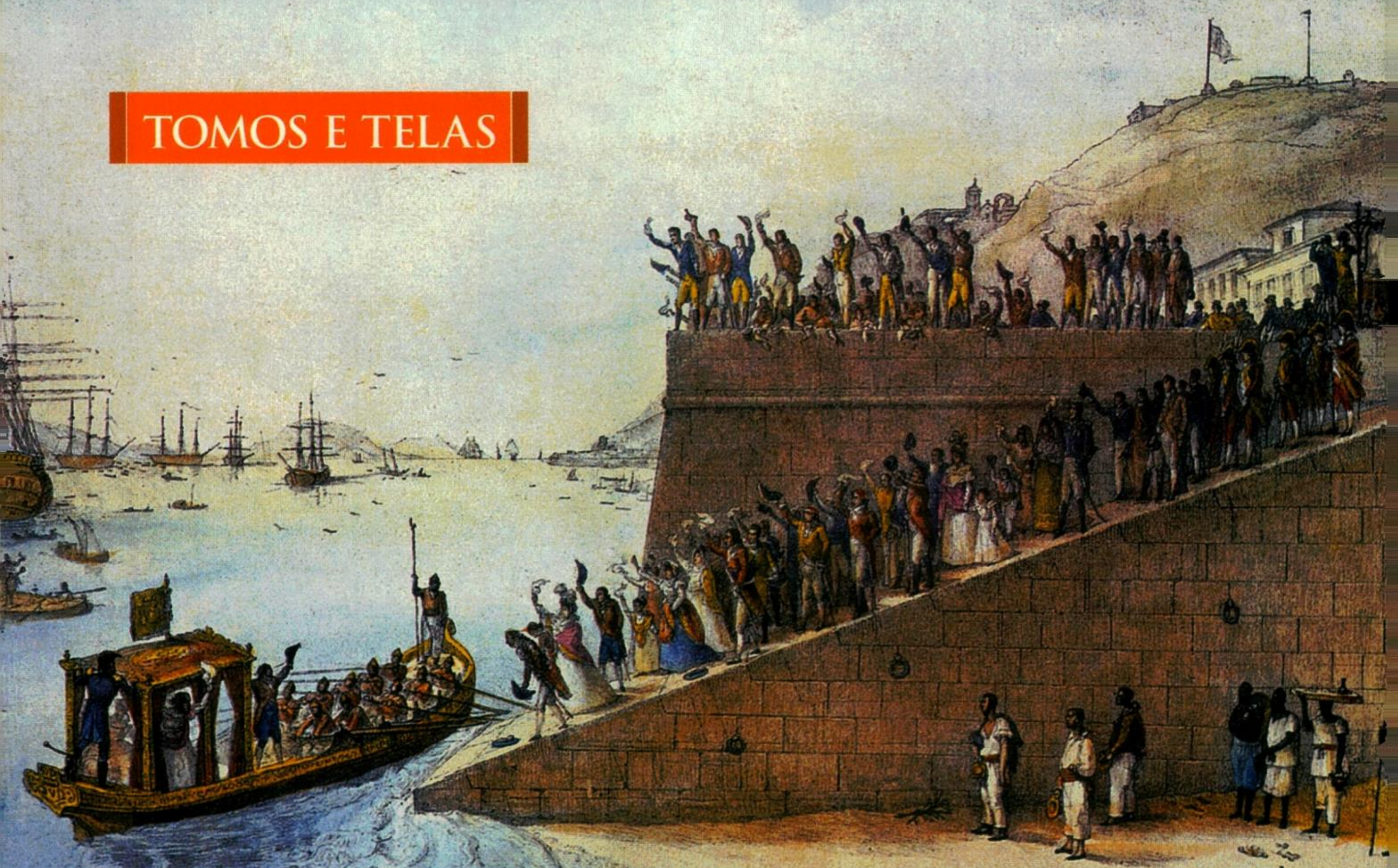
TEMPEST STORM (1928)
Ao contrário da maioria das strippers, a ruiva da Geórgia não precisava inventar moda nos palcos para ganhar fama. Seus seios levavam as platéias ao delírio e lhe garantiram a fama.



BLAZE STARR (1932)
Famosa nos anos 60, ficou conhecida por ser um vulcão em cena. No auge, teve um caso com o então governador da Louisiana, Earl Long, que virou o filme *Blaze – O Escândalo*.



DITA VON TEESE (1972)
Ex-mulher do roqueiro Marilyn Manson, é uma devotada fã de Bettie Page e das estrelas do teatro burlesco. Suas apresentações e figurinos homenageiam pin-ups e estrelas do strip-tease.



©1

CLÁSSICO

A volta da corte portuguesa para Lisboa, 13 anos depois de seu desembarque no Rio

Yes, nós temos nobreza

O subtítulo de *1808* diz tudo: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil

Era uma vez uma nobre e atrapalhada família portuguesa que, por motivos de força maior, veio dar com os costados no Brasil – terra que, diga-se de passagem, lhe pertencia. O evento ocorrido há quase 200 anos poderia render um divertido *sitcom*. Nas mãos do jornalista Laurentino Gomes, resultou em uma obra saborosa. O livro *1808* narra um fato que, embora burlesco, resulta em episódio dos mais marcantes da história do país.

Depois de quase dez anos de pesquisa, o autor fez um dos estudos mais completos sobre o significado da vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808. A história vai sendo contada como uma grande reportagem, com situações realistas, em ambientes tão diversos entre si quanto eram o Brasil e Portugal ou a Inglaterra e a França do século 19.

O primeiro capítulo deixa claro que dom João VI, à época príncipe regente (sem, portanto, esse título), não tinha escolha. Ou saía de Portugal ou provavelmente seria preso e deposto por Napoleão Bonaparte, que em 1807 vivia o auge de seu poder. Ele tinha se autodeclarado imperador dos franceses havia três anos e, desde então, desenhava ambiciosos planos para conquistar a Europa – o que estava em vias de ocorrer, já que vencia os mais poderosos exércitos do continente.

Dom João não se fez de rogado e fugiu mesmo. Não apenas por isso, construiu reputação pouco fiável. Entrou para os anais como um monarca abobalhado e glutão, indeciso e enredado em cenas picarescas. O autor, porém, nos convida a perscrutar o personagem com olhos mais generosos ao nos lembrar que João não fora educado para dirigir o destino de um país e reinava em nome da mãe, dona Maria I, declarada insana e incapaz de exercer suas funções.

À parte isso, Laurentino, diretor superintendente da Editora Abril, escolhe para abrir o primeiro capítulo uma citação de Napoleão. Em suas memórias, referindo-se a dom João VI, escreveu: "Foi o único que me enganou". A partir daí começamos a enxergar o rei como um personagem diferenciado, que, embora medroso e indeciso, fugiu lucidamente, porque essa pareceu-lhe a decisão mais sensata.

Mais adiante, ficamos sabendo que no

© 1 REPRODUÇÃO / GRAVURAS DE JEAN-BAPTISTE DEBRET DO LIVRO *VIAGEM PITORESCA E HISTÓRICA AO BRASIL*, PARIS, 1834-1839 2 ARQUIVO PESSOAL

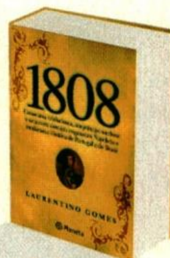
Brasil suas providências foram mais resolutas e perspicazes. Por exemplo, a corte que aqui chegou, empobrecida, estava fragilizada e precisava de apoio. A Bahia era muito importante no cenário político da época – assim, dom João VI resolveu fazer uma parada estratégica em Salvador, antes de seguir para o Rio de Janeiro, local que sediaria a coroa. Muito diferente de uma parada provocada por acaso de percurso, como se acreditou por muitos anos.

A narração da partida da família real no dia 29 de novembro de 1807 é quase melancólica: um povo incrédulo que observava uma nobreza fujona, pressionada de um lado pelas ameaças napoleônicas e, de outro, pelos interesses econômicos da Inglaterra, maior rival de Napoleão. Os britânicos ofereciam à corte portuguesa proteção na travessia do Atlântico, em troca de livre comércio com a colônia. Portugal dobrou-se às ofertas dos ingleses, que lhes cederam para a fuga dezenas de naus, capitães e comandantes.

À população portuguesa, o monarca deixou um decreto que mandou afixar nas ruas de Lisboa. Nele, explicava que as tropas napoleônicas se aproximavam e que resistir a elas seria derramar sangue inutilmente. Por isso, mudava-se para o Rio de Janeiro e voltaria assim que a situação se acalmasse. Aqui ficou por 13 anos.

Em *1808*, a narrativa vai se construindo a partir da descrição de passagens interessantíssimas baseadas em referências bibliográficas e documentos primários que revelam a extrema organização da pesquisa. Longe de um tratado acadêmico, alcança impacto de boa epopéia. As informações se cruzam, se bifurcam e se reencontram o tempo todo. E constroem um painel que resgata questões-chave do fim do século 18 e do início do 19 – sem se esquecer de estabelecer as conexões com a atualidade. Isso nos permite pensar no período com senso crítico e perceber as nuances das relações entre a colônia deslumbrada e a metrópole dirigida por uma corte destituída de qualquer valor e movida pelo ideal da riqueza fácil. O que, sem dúvida, contribuiu para engendrar uma corrupção sistêmica no Brasil – que, parece, nos acompanharia por pelo menos mais 200 anos.

HELENA BAGNOLI



416 págs.
R$ 39,90

HORROR AO BRASIL

“Carlota Joaquina detestava o Brasil. (...) ‘Neste país nada resiste’, escreveu depois de chegar ao Rio de Janeiro. ‘Até as carnes salgadas não duram nada, logo apodrecem.’ Ao embarcar de volta para Portugal, em 1821, tirou as sandálias e bateu contra um dos canhões da amurada do navio. ‘Tirei o último grão de poeira do Brasil dos meus pés’, teria dito.”



©1

REI COM MEDO DE SIRI

“Príncipe regente e, depois de 1816, rei do Brasil e de Portugal, D. João tinha medo de siris, caranguejos e trovoadas. Durante as freqüentes tempestades tropicais do Rio de Janeiro, refugiava-se em seus aposentos na companhia do roupeiro predileto, Matias Antônio Lobato. Ali, com uma vela acesa, ambos faziam orações a santa Bárbara e são Jerônimo até que cessassem os trovões.”



©1

MAIS NO SITE

Exclusivo: leia o segundo capítulo de *1808* na íntegra em nosso site e saiba como participar da promoção que vale um exemplar do livro.

BIBLIOTECA BÁSICA

Três livros para compreender a Revolução Russa

POR DANIEL AARÃO REIS FILHO*

O Exército de Cavalaria

ISAAC BÁBEL, COSAC NAIFY, 2006



Conhecido também como *A Cavalaria Vermelha*, é um conjunto de contos, densos, extraordinários, sobre a guerra civil russa. Fonte fundamental para compreender o processo da chamada "brutalização das relações sociais", que iria condicionar profundamente a construção do socialismo soviético.

The Soviet Century

MOSHE LEWIN, VERSO, 2005



O livro é uma coletânea de ensaios de um dos mais respeitados e perspicazes críticos do processo histórico russo/soviético. Não recebeu, no entanto, tradução em português.

Um Stálin Desconhecido

ZHORES A. MEDVEDEV E ROY A. MEDVEDEV, RECORD, 2006



Os ensaios dos irmãos Medvedev reunidos aqui são sobre a trajetória de Stálin e sobre problemas relevantes da construção do socialismo soviético.

*O historiador DANIEL AARÃO REIS FILHO é professor de História Contemporânea na Universidade Federal Fluminense e autor de *As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético*.

©2



O ator Peter O'Toole na pele de Lawrence *(no destaque, o real)*

CLÁSSICO NA TELA

Guerreiro de dois mundos

Em *Lawrence da Arábia*, a história do britânico que lutou pela independência árabe

Lawrence da Arábia é claramente um filme feito em outra época. Primeiro porque tem mais de três horas e meia de duração, com direito a intervalo. Além disso, quando você vê na tela centenas de camelos correndo é porque de fato centenas de camelos foram filmados. Hoje eles seriam feitos no computador – para parecerem mais reais que os bichos de verdade. À parte o estranhamento que possa causar no espectador atual, o filme que o inglês David Lean dirigiu em 1962 é uma obra-prima. Baseado em *Os Sete Pilares da Sabedoria*, livro de memórias do arqueólogo britânico Thomas Edward Lawrence (1888-1935), reconstitui a saga de um dos mais brilhantes estrategistas da Primeira Guerra.

Antes do conflito, Lawrence passara anos explorando o Oriente Médio. E sua familiaridade com a cultura árabe virou arma estratégica quando o Império Otomano, aliado da Alemanha, entrou na guerra contra a Inglaterra. Após fazer trabalhos de inteligência militar no Egito como tenente, em 1916 Lawrence foi escalado para uma missão na Arábia. Lá, o príncipe Faisal comandava um exército rebelde contra o domínio otomano. Ao acompanhá-lo por algum tempo, Lawrence notou que a luta árabe poderia ser usada a favor da Inglaterra, que vinha se dando mal nas batalhas no Oriente Médio.

Prometendo – mais do que conseguindo – ajuda militar e financeira dos britânicos para a revolta árabe, Lawrence unificou uma força de diferentes grupos beduínos que, montada em camelos e armada com espingardas e sabres, atacava com rapidez impressionante. O britânico liderou ações de sabotagem a linhas de trem e pontes, numa guerrilha que desestabilizou os otomanos. Em outubro de 1918, o Império Otomano rendeu-se aos ingleses.

Em meio ao tom grandioso, *Lawrence da Arábia* encontra espaço para explorar a ambigüidade de um homem que se veste de beduíno para lutar ao lado dos árabes mas, no fundo, está apenas ajudando grandes potências a estabelecer seu domínio no Oriente Médio – depois da guerra, os árabes que viviam sob jugo otomano acabaram subordinados a ingleses e franceses.

FABIO PEIXOTO



R$ 34,90
Columbia Pictures

EXPOSIÇÕES

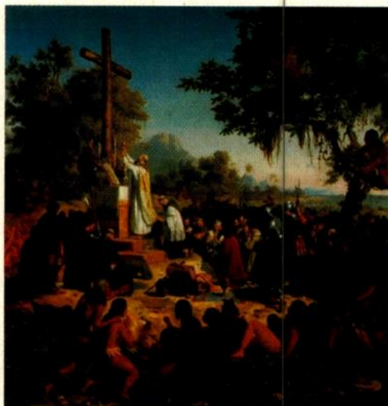
Tesouros lusos

Como parte das celebrações dos 200 anos da chegada da família real portuguesa ao Brasil, a exposição *Lusa – A Matriz Portuguesa* traz para cá cerca de 40 tesouros nacionais de Portugal. Entre eles, azulejos, peças de mármore, cerâmicas, achados arqueológicos, mapas, componentes multimídia sobre a formação da língua portuguesa e até um guerreiro celta de granito de 2 metros de altura e um colar de ouro usado por esses soldados. O acervo pertence a várias instituições lusas.

A partir de 11 de outubro, no CCBB, rua Primeiro de Março, 66, Rio de Janeiro, RJ



Uma das peças da mostra, o cofre de marfim do século 11 é uma relíquia portuguesa



***A Primeira Missa no Brasil*: pintado com base na carta de Pero Vaz de Caminha**

Missa de Pero Vaz

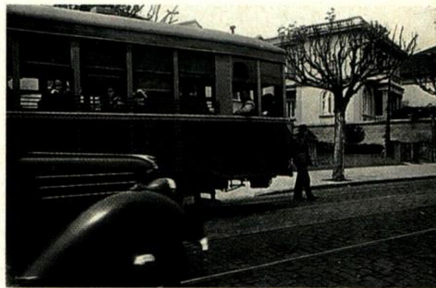
O quadro *A Primeira Missa no Brasil*, pintado por Victor Meirelles em 1860, passou por uma restauração e agora voltou a ser exposto ao público. A obra foi baseada na carta que Pero Vaz de Caminha enviou a dom Manuel, rei de Portugal, sobre a missa celebrada na Bahia em 1500 pelo frei Henrique de Coimbra. A mostra que leva o nome do quadro traz, além dele, os 12 desenhos que fazem parte do estudo preparatório do artista e painéis que retratam o processo de restauro.

Até 14 de outubro, no Museu Oscar Niemeyer, rua Marechal Hermes, 999, Curitiba, Paraná

Paulistas para cariocas

A fotógrafa alemã Hildegard Rosenthal, considerada uma das pioneiras do fotojornalismo brasileiro, registrou diversas paisagens e cenas urbanas de várias cidades brasileiras durante as décadas de 30 e 40 – especialmente de São Paulo. Algumas dessas imagens paulistanas podem agora ser visitadas por quem está no Rio de Janeiro na mostra *Hildegard Rosenthal*.

Até 28 de outubro, no Instituto Moreira Salles, rua Marquês de São Vicente, 476, Rio de Janeiro, RJ



Cena paulistana do início do século 20 flagrada pelas lentes da fotógrafa alemã

DVD

OS TUDOR

Estréia no Brasil em outubro a badalada – e polêmica – série internacional *The Tudors*. A história se passa nos primeiros anos do reinado de Henrique VIII na Inglaterra, no início do século 16. Alguns historiadores afirmam que a série não é lá muito fiel à história. Mas os jornalistas americanos a comparam a *Roma*, a supercara série de sucesso da HBO. O rei Henrique VIII é famoso por ter rompido com a Igreja Católica ao ter seu pedido de anulação de casamento negado. Depois de criar a Igreja Anglicana, o rei teve, ao todo, seis mulheres.

Estréia 7 de outubro, na People + Arts

ÚLTIMOS DIAS DE CHE

Quarenta anos após a morte de Ernesto Guevara, o jornalista argentino Jorge Lanata e sua equipe voltaram à selva boliviana onde ele foi assassinado para reconstituir o fim da vida do argentino. O documentário *Os Últimos Dias de Che Guevara* é baseado em trechos de *Diário do Che na Bolívia* e conta com entrevistas com especialistas, ex-integrantes da guerrilha boliviana e outros personagens que participaram diretamente do episódio.

8 de outubro, às 21h, no The History Channel

ÚLTIMAS HORAS DE HITLER



O imperdível *A Queda – As Últimas Horas de Hitler*, do diretor Oliver Hirschbiegel e protagonizado por Bruno Ganz, conta a história do Führer alemão sob a óptica de Traudl Junge, sua secretária pessoal. O filme retrata a etapa final da resistência alemã durante a Segunda Guerra Mundial, descrevendo a queda de Berlim e o cotidiano no bunker nazista até o suicídio de Hitler e a investida do Exército russo.

29 de outubro, às 21h, no The History Channel

FRANÇA

Catacumbas de Paris

Galerias subterrâneas guardam 6 milhões de esqueletos

O bairro Les Halles, em Paris, estava numa situação calamitosa no século 18. A superpopulação do Cemitério dos Inocentes, que já tinha quase 1 000 anos de uso, tornou a região foco de doenças. Até o filósofo Voltaire descreveu a situação: "Os cachorros vêm aqui para cavoucar os ossos; um vapor grosso exala dali". Quando um dos muros do cemitério desabou em uma casa, em 1780, o governo, depois de ouvir tanta reclamação, ordenou fechá-lo. Cinco anos depois, para eliminar o mau cheiro da região, foi decidido que o cemitério seria destruído. O serviço sanitário parisiense empreendeu, então, um grande rearranjo de mortos, que fechou cemitérios mal conservados e levou toneladas de ossos para o subsolo da cidade, nas chamadas Catacumbas de Paris.

Entre 1786 e 1788, todas as noites uma procissão de padres seguia as charretes cheias de ossos cantando o "Ofício dos Mortos". Nesse ritual, os restos eram cobertos por véus negros. A transferência de esqueletos dos cemitérios para as Catacumbas acabou em 1860, com as reformas urbanísticas em Paris promovidas pelo barão de Haussmann. Desde então, as ossadas ficam nos próprios cemitérios.

O museu avisa sobre os riscos de galerias fechadas, mas isso nunca impediu que elas fossem visitadas por curiosos. Nos anos 60, alunos de farmácia abriam caminho para colegas de medicina, que buscavam crânios a partir de entradas na própria Universidade de Paris.

LETÍCIA POITTEVIN

SAIBA MAIS

www.catacombes.info

1 MENSAGENS SINISTRAS

Nos corredores, placas indicam o nome do cemitério de onde os mortos vieram. Mas o mais impressionante são os poemas macabros e os trechos de literatura sacra. "Pare! Aqui é o império da morte" é a primeira de muitas outras frases ao longo do circuito.



©1

2 MORTOS-VIVOS

Imagens como esta mostram ao visitante como era o Cemitério dos Inocentes. Ele acumulava tantos cadáveres e ossadas que o chão era 2,5 metros mais alto que o nível da rua. Hoje, no lugar, existe uma praça com uma fonte.



©2

3 IDÉIA DE BÊBADO

Há uma lenda sobre o porteiro de um hospital militar que desceu atrás de garrafas de um licor em 1793 e se perdeu. Onze anos depois, seu esqueleto foi encontrado, reconhecido pelo molho de chaves. Sua lápide podia ser visitada até 1983, mas o acesso foi bloqueado porque levava a galerias proibidas.



©2

4 TÚNEIS DA MORTE

Desde o século 1 a.C., a extração de calcário foi essencial para a construção de prédios em Paris. Com o tempo, as jazidas da superfície esvaziaram e foi preciso cavar mais fundo para encontrar o material. Essa atividade de séculos criou quilômetros de túneis e galerias subterrâneos espalhados pela cidade.



©2

5 VISUAL GÓTICO

As Catacumbas têm alguns símbolos religiosos e maçônicos em sua mórbida decoração. Cruzes feitas de crânios são vistas ao longo da visita, assim como obeliscos pretos e brancos. Hericart de Thury, técnico responsável pelos, digamos, arranjos, decidiu que crânios e ossos longos ficavam à frente, e o resto, atrás.



©2

Avenida Coronel Henri Rol-Tanguy

entrada

3 2 9 1 5 4 8 7 6

Paris

FRANÇA

Rua Rémy Dumoncel

10

saída

Os franceses usaram túneis de extração de calcário para guardar toneladas de esqueletos



©3

6 VALA COMUM

Em duas ocasiões os mortos, ainda em decomposição, foram despejados diretamente nas Catacumbas. Esta placa marca um massacre de 25 pessoas que antecedeu a Revolução Francesa, em 1789. O outro caso foi um combate travado no Castelo de Tuilleries, em 1792.

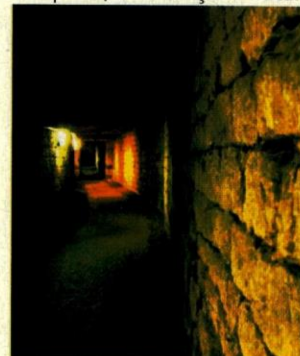

©3

8 TODO MUNDO JUNTO

Os ossos eram agrupados sem identificação, portanto ninguém ficou livre de ser vizinho de um inimigo. Entre os mortos da Revolução Francesa, carrascos acabaram empilhados junto a suas vítimas. Robespierre, líder revolucionário, está junto de Malesherbes, defensor do rei guilhotinado Luís XVI.

9 NOITES DO TERROR

Medrosos devem evitar as Catacumbas, que têm 1,7 quilômetro de extensão no percurso aberto aos turistas. O passeio dura 45 minutos e o sentido é único (uma vez lá dentro, é preciso fazer o percurso inteiro), 20 metros abaixo da superfície. Para completar, a iluminação é fraca.


©1


©1

7 FESTA ESTRANHA

Grades limitam a parte aberta ao público – na verdade, um pedaço ínfimo dos cerca de 280 quilômetros de túneis subterrâneos de Paris. Mesmo assim, desde os anos 50 jovens fazem festas e passeios em galerias proibidas. Hoje, quem for pego é multado em 60 euros (cerca de 160 reais).


©1

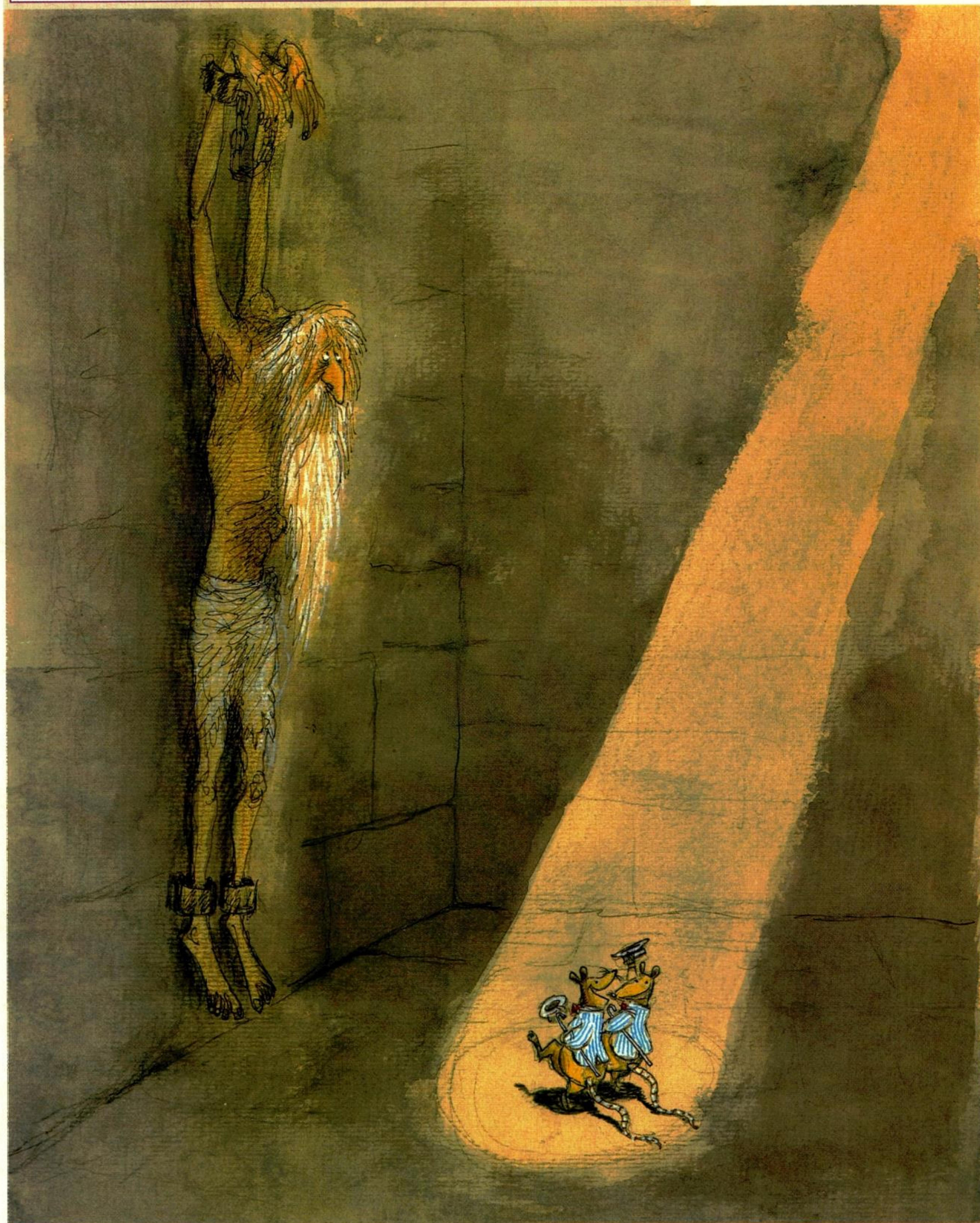
10 SOUVENIR ESQUISITO

Não é à toa que há um homem na saída do museu responsável pela revista de todas as mochilas. Freqüentemente, algum visitante tentar sair do ossuário com uma lembrança. Os ossos encontrados ficam retidos na saída, mas é praticamente impossível recolocá-los no lugar certo.

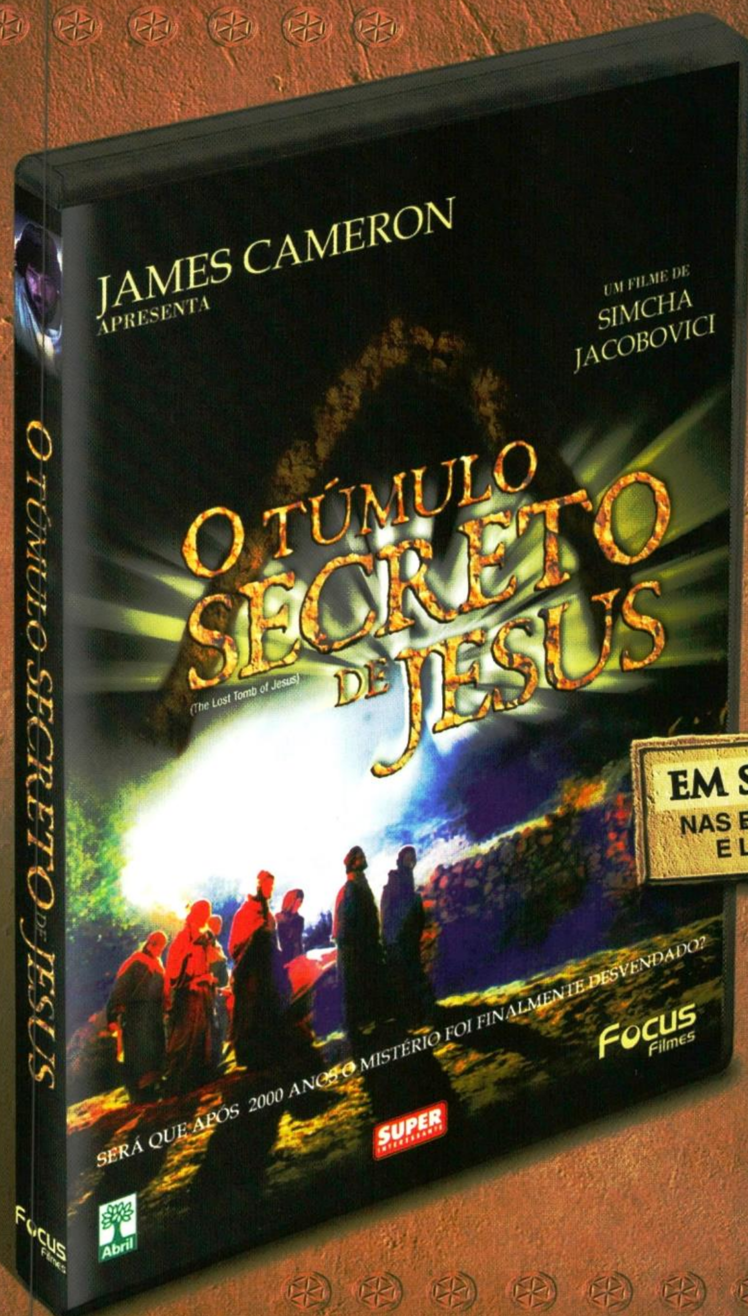
Rogério Castelo

POR ROBERTO NEGREIROS

NAS MASMORRAS MEDIEVAIS, A AUDIÊNCIA ERA CATIVA



A INCRÍVEL HISTÓRIA DO TÚMULO PERDIDO DE JESUS CRISTO



EM SETEMBRO
NAS BANCAS, LOJAS E LOCADORAS!



Este documentário produzido por James Cameron e dirigido pelo premiado cineasta Simcha Jacobovici conta a história daquela que pode ser a maior descoberta arqueológica da história. Uma tumba encontrada na periferia de Jerusalém abrigaria os restos mortais de Jesus e sua família. E se o cineasta estiver certo, Jesus casou-se com Maria Madalena e teve um filho, cuja ossada também foi encontrada. Uma história emocionante e perturbadora!